

SEGUNDA CHANCE PARA AMAR

*No amor e na sorte, há sempre uma nova chance...
Para aqueles que nunca param de lutar.*

Lucy Vargas

Romance Histórico



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Segunda Chance Para Amar

Lucy Vargas

Segunda Chance Para Amar

Copyright 2013 Luciana Vargas

Este e-book é para uso pessoal. Não é permitida revenda, cópia total ou parcial deste livro sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Se você gostou do conteúdo, por favor, indique um link original do livro para outros leitores.

Obrigada pelo apoio.

Imagem de capa sob licença de IStockPhotos

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

Prólogo

Abril de 1885

Nova York

A noite estava quente e o ambiente dentro do salão da mansão dos Royllers estava abafado. Por isso, alguns convidados da festa resolveram passear pelo jardim. Toda a área externa estava iluminada, não só pela lua, mas por tochas. Depois de se separar de seus irmãos e da companhia sufocante da Sra. Burke, Brice seguiu pelo caminho irregular até a fonte. Foi quando escutou um soluço. Ficou em silêncio e escutou novamente, seguiu o som e encontrou a jovem sentada em um banco escondido entre duas paredes de arbustos. Reconheceu-a imediatamente.

– Bela noite para se esconder – ele disse, assustando-a.

Ela não queria ver mais ninguém. Já bastava por hoje. Seu pai só a obrigara a vir a essa festa para humilhá-la ainda mais. Todos ficaram olhando e fazendo comentários maldosos, ou pensavam que ela não escutava ou não se importavam. Suas irmãs torciam o nariz e diziam que era ótimo ela ser a mais nova, assim desgraçara apenas a própria vida.

– Vá embora, por favor. Eu quero ficar sozinha – ela disse, sem se interessar em ver quem falava com ela.

Ao contrário do que ela pediu, Brice sentou-se ao seu lado no banco de madeira e ferro. Estava escuro, mas ela conseguiu ver quem era e não soube como se sentir sobre isso, afinal, nunca haviam

passado dos cumprimentos educados nas raríssimas vezes em que se encontraram.

– Não devia se importar com isso, Annelise. Não dê ouvidos a eles. Já se passou muito tempo.

Ela não ficou surpresa por ele saber seu nome, afinal, após o escândalo a notícia deve ter chegado até aos ouvidos dele que sequer frequentava muito esse tipo de festa.

– Diga isso a eles.

– Tenho certeza que pode viver sem essas pessoas. O ar aqui fora está muito mais agradável – ele pausou, durante um tempo em que parecia puxar o ar fresco com mais força. – Você não ficou para o jantar – ela não respondia, então ele continuou conversando por ela. – Mas não perdeu nada. A Sra. Royller continua exagerada e sem paladar. Algum problema com sua língua, eu suponho. Quase não comi.

Annelise ficou olhando-o pelo canto do olho, desconfiada de sua disposição a falar com ela. Desde o seu incidente não encontrara muitas pessoas com palavras amigáveis, muito menos homens. Os poucos que se aproximaram dela haviam lhe feito propostas ultrajantes, afinal, agora que estava com a reputação na lama, não precisava mais se preocupar em ser vista em companhia masculina.

– Posso levá-la para comer, longe daqui – ele ofereceu.

– Não posso – ela negou com a cabeça e voltou a olhar as mãos.

– Eles não vão sentir sua falta – ele insistiu, odiando a forma como o perfil dela parecia agora e seus ombros não estavam mais eretos como quando ela fingira lá dentro.

– Mas sentirão a sua – ela argumentou, sem força alguma em seu tom.

– Sou livre – Brice deu de ombros, mostrando que pouco se importava com o que pensariam.

Ela ficou dividida. Queria muito sair dali, já fora humilhada demais por hoje. E ele lhe oferecia a oportunidade. Mas temia enfurecer ainda mais seu pai e receber outros castigos. Ela levantou a cabeça e olhou para as janelas da mansão, via os outros convidados circulando com taças nas mãos e falando sem parar. Não queria voltar para lá de jeito nenhum.

Ao seu lado, Brice virou o rosto e inclinou-se para trás, como se esperasse apenas uma palavra dela para entrar em ação.

– Acho que eu também. Afinal, o que mais pode piorar uma reputação que já está arruinada?

Capítulo 1

Agosto de 1885

Nova York

Ele não era livre. Era noivo. E ela era prisioneira da família e do seu próprio erro. Ao menos assim pensava seu pai. Mais quatro meses haviam se passado desde o escândalo. Agora totalizava dois anos. E mesmo assim Iverson Barton não deixava a filha esquecer nem por um dia do que havia feito. Annelise tinha dezoito anos na época e era a uma das promessas de um grande casamento na sociedade nova-iorquina, especialmente depois do casamento da última beldade, Carla Malverson.

O pai tinha planos para mais um casamento estrondoso. Com três filhas, ele havia arranjado boas uniões para as mais velhas que também lhe renderam duas ótimas sociedades nos negócios. Então, sua filha mais nova deixou-se envolver em uma aventura amorosa, crente que estava completamente apaixonada e desgraçou a própria reputação.

A garota se perdeu com Charles Maison, um desgraçado, mas muito atraente. E ele obviamente não ia se casar por isso, era rico, conhecido namorador e depois que tinha o que queria, perdia o interesse. Foi um escândalo. Não houve quem não comentasse, pois ele não fez segredo, ela podia ser bonita, mas ele não pretendia se casar agora.

Annelise quase perdeu o ano no colégio por tanto faltar devido à vergonha que passou. Ainda bem que era o último. Então se

refugiou na casa de veraneio, pelo menos até que a poeira baixasse. Triste engano. Mais de dois anos se passaram e Annelise não tinha chances de realizar um daqueles casamentos de dar inveja, todas as suas amigas do colégio se afastaram e outras fofocas tomaram o tempo dos mexeriqueiros. E mesmo assim, quando ela entrou na festa dos Royllers, o salão parou. Parece que a arte dos mexericos e escândalos não estava relegada apenas aos salões da nobreza inglesa.

Agora, um pouco mais velha e após ter aprendido depois dessa última grande humilhação, seu pai só conseguiria levá-la a uma dessas festas se fosse amarrada e amordaçada. Esse tipo de lição é efetiva até com moças ingênuas como Annelise foi antes de aprender na pele sobre a maldade gratuita das pessoas. As chantagens e ameaças não adiantavam mais. Estava arruinada, que diferença ia fazer agora? Pelo menos ele não conseguiria usá-la para mais um acordo financeiro.

– É o único conselho que posso lhe dar, Iverson. Depois de tudo que aconteceu, o único jeito de conseguir um casamento decente é mandando-a para a Inglaterra. – Dizia Wilma, irmã do pai de Annelise. Era tão esnobe e cheia de moral quanto ele, assim como hipócrita.

Iverson levantou de sua poltrona e andou pela sala da casa dos Barton, onde agora ele era o único morador. Havia arrastado a filha mais nova de volta para Nova York com o intuito de finalmente “dar um jeito em sua vida”. Isso significava casá-la do modo mais proveitoso para ele e finalmente livrar-se dela e do escândalo que ela representava.

– Isso custa muito dinheiro! – ele disse irritado. – Ela não tem uma mãe para ir com ela.

– Eu lhe disse para se casar de novo, aquela mulher já morreu há muito tempo – disse Wilma, num tom desagradável de lembrete.

Annelise nunca conseguiu simpatizar com a tia, mas antes a mulher ao menos tentava agradá-la. Após o escândalo, ela passou a tratá-la com menos respeito do que relegava aos seus pobres empregados. Como agora, que usava aquele tom para falar de sua mãe, como se a moça não estivesse ali sentada.

– Eu nunca mandaria minha mulher para acompanhá-la. Eu vou ter que desembolsar uma fortuna para mantê-la em Londres e um dote astronômico para o noivo inglês. Jamais! Do jeito que mulheres desse tipo têm sorte, ela vai arranjar um título, voltar aqui como condessa ou algo similar e espezinhar em cima das irmãs que sempre foram corretas.

– Chega! – Disse Annelise ficando de pé, esperando que eles parassem de falar como se ela não estivesse ali. – Eu não vou para Inglaterra!

– De fato, seria difícil encontrar uma dama respeitável para recomendar na corte a apresentação de uma garota perdida que se deita com o primeiro que a seduz – disse Wilma, ignorando a sobrinha e bebendo um gole do chá importado exatamente da Inglaterra.

Annelise fechou os punhos e chegou a segurar a respiração enquanto olhava para tia. Ela era sua sobrinha, será que não podia separar um pouco de simpatia para ela? Não estava pedindo muito, mas se ao menos uma pessoa naquela família ficasse ao seu lado, já seria um alento. Não queria se casar, só queria ser deixada em paz.

– Sente-se! – Ordenou Iverson. – Não vou mandá-la para Inglaterra. Suas irmãs teriam um ataque, afinal, não mandei nenhuma delas.

– Case-a com um desses grosseirões cheios de grana. Esses homens desqualificados lá do interior – Wilma disse com pouco caso e deixando bem claro o quanto desprezava tais homens. – Escolha um com um bom negócio. Eles não ligam se a noiva tiver passado por algumas camas, desde que venha da sociedade.

Iverson estava virando seu copo enquanto pensava como a ideia parecia boa quando ouviu o som de móveis caindo e o grito estrangulado de sua irmã. Annelise havia ido até ela, puxado-a pelo cabelo e jogado sobre o conjunto de chá e estava sobre ela enchendo sua cara de tapas tão fortes que o nariz da mulher já sangrava. Foi tão rápido e com tamanha violência que por uns segundos, Iverson não soube o que fazer. Mas os sons dos tapas ininterruptos o tiraram do transe, ele correu e retirou a filha de cima de sua irmã que a essa altura já estava quase desacordada e com a boca inchada o suficiente para não conseguir soltar os xingamentos que pensava.

– Sua vadiazinha abusada! – Ele empurrou-a para longe de Wilma. – Peça desculpa a sua tia!

– Não. E eu vou voltar para praia. Não vou continuar aqui, você deixa que todos me humilhem, sente prazer em ver isso. Eu não matei ninguém. Eu cometi um erro!

– Um erro que arruinou essa família!

– Eu sou a única arruinada! E nós não somos uma família, vocês me desprezam, minhas irmãs sequer me dirigem a palavra. Afinal, fui eu quem dormiu com aquele ho...

O pai calou-a com um tapa que por segundos a levou a ver tudo rodar. Quando firmou a mão nas costas da cadeira mais próxima e olhou-o com mágoa, o pai, mais uma vez, não tinha remorso algum.

– Elas estão certas. Associar-se com uma mulher com a sua reputação não fará bem a imagem delas. Agora suma da minha frente.

Annelise saiu rapidamente da sala e realmente sumiu da vista do pai. Juntou suas coisas e como a mulher arruinada que era agora por ter cometido o único deslize de sua vida, ela voltou para a casa de veraneio. Só havia uma pessoa que tentava fazê-la ver que aquilo não era o fim do mundo, que ela não dependia deles e que na verdade, quem tinha controle sobre seu corpo era ela. Era difícil aceitar isso, mas começava a se tornar o seu único caminho para continuar a vida com alguma dignidade.

Os meses que se seguiram aquele encontro no baile foram travados como uma guerra mortal. Brice lutava com seu íntimo diariamente. Tinha que reavaliar seus valores a cada minuto e seu senso de honra estava meio confuso no meio de tantos sentimentos conflitantes. Ele tentou muito. Mas não conseguiu. Estava errado, não era assim que ajudaria, não era isso que queria ensinar a ela. Mas como sempre acontecia em todas as situações onde o amor aparecia numa péssima hora, seu coração tinha planos completamente diferentes de seu cérebro e o segundo que desse seu jeito.

Era óbvio que já havia cansado de ter amantes na vida, desde os quinze anos quando a Sra. Wilbert lhe disse que adorava garotos virgens que ele não voltou mais ao jejum. Passou um ano aprendendo as coisas mais inimagináveis para um garoto da sua idade. Quando ela se mudou, ele já tinha dezessete anos e se

desenvolvera rapidamente, portanto, despertava o interesse de várias outras mulheres. Mas em que isso era diferente de relacionar-se com uma jovem solteira? Bem... Para começar, era uma jovem de boa família que deveria estar procurando um ótimo casamento. Deveria. Mas como ela mesma dizia, nenhuma boa família iria aceitá-la como noiva de um de seus herdeiros. E isso tinha um bom fundo de verdade. Um deslize e pronto. E eles ainda se orgulhavam por ser um país livre.

– Para onde você está indo? Não pode simplesmente sair no meio da noite! – Ele dizia, parado a porta da carruagem.

Brice havia feito Annelise prometer que iria lhe dizer se algo mudasse, se seu pai tomasse alguma decisão. Ele sabia que Iverson estava perdendo a paciência e que tramava alguma coisa para conseguir casar a única filha que lhe sobrava. O pai não percebia a moça emocionalmente destruída que tinha em casa, em grande parte por culpa dele. Todos que ela conhecia, sua família e aqueles que um dia chamou de amigos, haviam lhe virado as costas e só sabiam apontar os dedos para humilhá-la. Suas melhores amigas do colégio atravessavam a rua se a vissem. Ele havia escutado chorar por quase uma hora enquanto lhe contava que foi comer um pedaço de bolo aonde ia desde bem nova e todas as moças se levantaram e saíram como se ela tivesse alguma doença. E ainda escutou suas antigas conhecidas dizendo que ela devia ter vergonha de ir lá. Tudo por um deslize.

– Saia daqui, eu vou embora – ela disse lá de dentro, dessa vez não estava chorando, talvez suas lágrimas finalmente houvessem acabado ou enfim deixara de ser uma mocinha e se tornara a adulta fria e magoada que estava prometendo ser.

Brice nunca a obedecia nesses aspectos. Ele pulou pra dentro da carruagem e a despeito da breve luta física que foi quando ela o rejeitou, ele conseguiu abraçá-la. Ele iria fazer qualquer coisa para impedir que a pior consequência daquela história acontecesse e Annelise fosse perdida para sempre.

– Para onde você vai? – Ele perguntou, quando ela se deixou ficar junto a ele.

– Para a praia. Vou ficar lá e fazer o que você disse.

– O que eu disse? – ele perguntou, sabendo que falara como um proclamador sem controle.

– Disse que a vida é minha e eu devo mandar nela...

– Sim, eu disse. Não imaginei que havia acreditado em mim.

– Não acreditei, nós dois sabemos que se a situação fosse outra, isso seria mentira.

– Não é mentira, Annelise. É difícil, mas muitas mulheres já são donas das decisões de suas vidas. Eles não a querem, então assumo o controle.

– Eu vou fazer isso. Só preciso ir embora.

Nos meses em que passaram juntos, encontrando-se furtivamente por Nova York, com ele mais a perseguindo para trazê-la de volta a vida do que qualquer outra coisa, o laço entre eles ficou tão forte que logo se tornou necessidade. Ela achava que precisava dele para segurar sua mão e lhe lembrar de que o mundo não era apenas aquela bolha na qual ela foi criada. Sem ele, achava que ia se deixar levar pelo desespero de perder tudo e todos que conhecia. E Brice já

não conseguia dormir se não a visse e notasse que estava melhorando, ele sabia que ela podia superar.

Ele a manteve na mente desde a primeira vez que a viu após o escândalo, quando ela entrou na mansão dos Royllers e levantou seus ombros, mantendo seu queixo erguido e o olhar firme. Era fachada, ele mesmo já fizera isso em seus momentos de insegurança. Não planejou encontrá-la no jardim, mas aconteceu e não se arrependia. Ao menos não quando ela aceitava seu conforto e no fim acabava escondendo o rosto em seu peito, deixando que ele sentisse o cheiro do seu cabelo.

Annelise ainda tentava fingir e disfarçar, mas a mágoa era grande demais. Óbvio que sim. Passara a vida sendo criada para ser uma boa moça, que faria sucesso no meio que frequentava e conseguiria um ótimo casamento que também deixaria seu pai feliz. Sua vida toda girou em torno disso. Mas era tudo passado. Sua noite de sonho acabou sendo um pesadelo.

Charles, aquele desgraçado, podia ser muito charmoso e fazer sucesso com as mulheres, mas foi um desastre ao lidar com a virgindade dela e toda sua inexperiência. Ela jurava que estava apaixonada, mas na mesma noite soube que era a ilusão de uma jovem ingênua. Especialmente quando ele disse que não estava pronto para um casamento. Mas e agora? Deveria simplesmente desaparecer e amargar eternamente o seu erro? Ou podia continuar vivendo de sua maneira? Como seu pai fingia que ela não existia e não precisava mais cuidar das aparências para arranjar um bom casamento, isso significava que ela era livre, certo?

Novembro de 1885

Southampton

– Acho que terei o final de semana livre – disse Brice, enquanto colocava o braço por baixo da cabeça e suspirava, desviando o olhar para o teto. Seu cabelo castanho como grãos de café estava jogado para trás, com as raízes ainda úmidas pelo esforço que fizera há poucos minutos.

– Mesmo? – Annelise moveu-se, apoiando o cotovelo no colchão e segurando a cabeça com a mão. – Você não consegue um final de semana livre desde Setembro – ela passou o dedo pelo peito dele, percorrendo um caminho imaginário, fez círculos invisíveis no abdômen, brincou em volta de seu umbigo e voltou pelo mesmo lugar.

– Eu sei... – Ele se virou na cama e tocou o rosto dela com carinho, deixou seus dedos entrarem pelo cabelo solto e pararem na nuca onde massageou suavemente. – Mas dessa vez, nada vai me tirar daqui.

Nem a noiva, Sarah Burke, que sempre encontrava uma maneira de prendê-lo na cidade. Ela estava arranjando tantos pretextos que deixara Brice desconfiado. Como a mãe dela era uma verdadeira águia, ele achava que ela desconfiava do seu envolvimento com outra mulher. Mas dessa vez Sarah iria ao aniversário do tio, ficaria fora por vários dias. E não havia maneira de convencê-lo a ir junto. Ele nunca queria ir. Já estava noivo há três meses quando encontrou Annelise naquele jardim. Não havia como parar o tempo, ele ia se casar e ela nunca deixou que ele sequer falasse sobre não fazê-lo. Não conseguia entendê-la, mas tão pouco se entendia desde o dia que percebeu o que sentia por ela.

A casa de veraneio dos Barton ficava perto da praia em Southampton, era iluminada, arejada e toda em tons claros. A família raramente ia até lá. As irmãs de Annelise achavam a área

muito rústica, não havia lojas chiques ou festas para frequentarem. O pai não gostava de ir até lá, pois se lembrava da esposa, que antes de morrer mudara-se para lá sem ele e aparentemente, isso facilitara que ela pudesse encontrar seu amante. Mas ninguém nunca viu esse tal amante que Iverson acusava a esposa de ter.

E a primeira coisa que ele disse para a filha após o escândalo foi que ela puxara a mãe. Annelise disse que achava ótimo que a mãe tivesse o abandonado, pois ninguém podia suportá-lo ou amá-lo. Por isso foi enganado e trocado por outro homem. Foi a primeira vez que ele bateu nela. Agora ela habitava a casa, na verdade, escondia-se ali. Na pequena cidade não havia ninguém para julgá-la ou apontar-lhe o dedo.

– Promete? – Ela apoiou os dois antebraços na cama, deixando seu cabelo castanho com um tom natural de dourado espalhar-se por cima de seu ombro, cobrindo-lhe um dos seios.

– Claro que sim – ele beijou-a nos lábios e ela retribuiu abraçando-se a ele e prolongando o beijo.

Eles ficavam praticamente sozinhos naquela casa. Porque Iverson não ia pagar empregados para cuidar da maldita casa da esposa e muito menos para servir sua filha perdida. Havia apenas o caseiro que morava lá e a cozinheira. Ele não tirou a mesada de Annelise, mas pouco se importava se era suficiente para alimentá-la. A quantia dava para tudo que precisava desde que economizasse e sempre que Brice ficava lá levava inúmeros itens.

Iverson jamais poderia sonhar que sua filha mais nova não apenas se libertara de seu domínio, como estava tomando as próprias decisões. E agora sim estava fazendo o que ele acusou-a de fazer na

época que Charles ainda era seu único deslize. Estava tendo um caso e com um homem comprometido e que ele conhecia muito bem.

As irmãs de Annelise eram amigas da noiva de Brice, gostavam das mesmas coisas, passeavam juntas pelas lojas, fofocavam nas festas... E certamente deviam falar muito mal de Annelise. Ela podia até ver Alina, sua irmã mais velha, fingindo lamentar e mentindo que cuidara dela depois que a mãe delas morreu de tuberculose. Annelise não lembrava quem era a noiva dele, mas se fazia parte do grupo de suas irmãs, deve ter falado muito mal dela pelo menos algumas vezes. E com certeza era daquelas que atravessava a rua quando a viam ou que saíria de um lugar onde ela entrasse.

Às vezes quando ficava acordada no meio da noite e sentindo os braços de Brice em volta dela, Annelise pensava o que aconteceria se aquelas pessoas soubessem que ela não só morava sozinha, como tinha um amante. Não importava se a história deles havia começado muito longe de qualquer relação amorosa. Ao menos se eles soubessem, ela seria culpada, tinha certeza disso. Para sempre, não importava o que acontecesse, para aquelas pessoas, a culpa sempre seria dela. Ela não ia se arrepender, precisava se prometer isso. Apaixonar-se não era errado. Um dia ela precisaria aprender isso.

– Estou com fome – ela separou-se dele e procurou a camisola.

– Eu também. Juro que posso sentir o cheiro do pão recheado da Sra. Cooler – disse Brice, referindo-se a cozinheira.

Havia tanta liberdade naquela casa que eles conseguiam esquecer que não ia durar. Passavam o dia juntos, iam dormir na mesma cama e acordavam para um novo dia como se fosse apenas mais um. E não um dos últimos. Faltavam dois meses para o casamento.

Brice espreguiçou-se de frente para a janela, deixando o sol fraco banhar-lhe o corpo esguio e forte enquanto seus músculos se alongavam sobre sua pele levemente queimada pelos dias passados ao ar livre. O quarto que dividiam quando estavam juntos era amplo e tinha uma sacada com vista para a praia. A casa fora reformada na época que a mãe de Annelise mudou-se para lá, ganhando assim muitos detalhes arquitetônicos modernos.

– Saia daí, seu descarado – disse, sentando-se na cama e observando-o mover os ombros e as costas, aproveitando aquela brisa suave – Já imaginou se alguém passar pela praia e vir um homem nu em toda sua glória, espreguiçando-se na minha janela?

– Oras querida, diga que foi apenas uma assombração matinal – respondeu ele com bom humor e pouco se importando por estar nu. Não tinha a mínima vergonha dela e nem o que esconder naquele corpo másculo e firme.

Ela achava a cara de pau dele encantadora. Como de costume não conseguiu encontrar sua camisola, então permaneceu sentada na cama. Ficou olhando para as mãos, às vezes perdia-se em pensamentos. Não mais pelo passado, mas pelo futuro. Era culpa dela que eles tivessem começado isso. *Já estou arruinada, que diferença fará?* Então ela pensava nele. No começo foi uma grande fuga. Um alívio. Brice conseguira evitar que ela ficasse ainda mais deprimida depois da última humilhação pela qual passou. Mas Annelise precisava de mais, tinha que sair do buraco em que se enfiara. Agarrara-se a ele, era a única pessoa que não a julgara uma devassa arruinada. Ele lhe dissera que ela era nova demais para isso e que enquanto houvesse vida dentro dela, não havia nada que não pudesse superar. Ninguém com um pouco de sangue quente nas

veias podia ser arruinado sem lutar. E o que ela lhe dera em troca? Seduzira-o.

Podia escutar a voz do seu pai em sua cabeça: *Você é como sua mãe. Uma mulher da vida. Devassa e vadia que não dá valor a nada, quem dirá ao próprio corpo.* Mas não fora sua mãe uma esposa fiel e dedicada que lhe deu três filhas? Criou as mais velhas até a adolescência e só então decidiu que não suportava mais a ignorância dele e foi morar longe da cidade. Além de ter chegado ao limite, o que mais sua mãe fez de tão errado? Nunca saberia. Mas ao menos sabia o que ela mesma fizera. Perder-se com um libertino conquistador não era nada. Mas apaixonar-se por um homem prestes a se casar, isso sim era estar arruinada.

Durante várias semanas, quando ainda eram apenas amigos, ela teve que sair escondida de casa para vê-lo. Quando ele viajou a trabalho e deixou-a sozinha, estava tão magoada e sentindo-se humilhada na própria casa que fugiu para um hotel com as economias que tinha. Ela chorou por meia hora quando ele voltou e a encontrou. Até hoje não sabia como ele soube onde achá-la, mas subitamente apareceu batendo na porta do seu quarto.

As frases que Brice pronunciara durante o tempo que levou para transformarem a relação amigável em amorosa, foram mudando em questão de semanas.

Você não precisa deles. A vida é sua. Acredite nisso e esqueça-os.

Ela melhorara, começara a ganhar autoconfiança e eles quase se afastaram pelo que estavam prestes a fazer. Estava estampado em suas faces, no modo como o olhar deles foi ficando diferente. De repente, os abraços de puro consolo foram ficando estranhos, longos demais, com sentimento de culpa no final.

Eu não posso.

Annelise ouviu-o dizer isso pelo menos umas dez vezes, algumas delas por culpa sua e outras por culpa dele. Na primeira vez que se beijaram, ela havia se aproximado, levada pelo olhar dele. A frase foi dita logo após, seguida pela partida repentina dele.

Eu vou me casar.

Essa frase ela ouviu duas vezes, na segunda já estava doendo mais em seu peito do que na primeira. Não soube o que responder, acabou dizendo que não devia vê-lo nunca mais. E ela tentou, suportou ficar em casa com o pai, pensou seriamente em fugir, mas estava sem dinheiro. Quando saiu de casa novamente, ele estava a esperando, tão fora de si que estava na calçada, a vista de qualquer um e dizendo que iria tocar a campainha se ela não houvesse saído.

Eu não a amo.

Essa frase quase terminou qualquer relação entre eles. Ela o chamou de hipócrita, disse que ele era covarde. Perguntou como ele podia incentivá-la a ir atrás do que queria, se ele estava dizendo que não amava a mulher com quem estava prestes a se casar. Óbvio, pois se ele amasse não estaria desejando outra.

Ambos eram hipócritas nessa questão. Por que se o casamento que o pai de Annelise estava arranjando tivesse dado certo, ela já estaria casada com um homem que mal conhecia e certamente não teria sido por amor. Então como podia julgá-lo por estar na situação que ela se preparou a vida toda? Dois dias depois eles voltaram a se ver, porque eram incompreensíveis o suficiente para não conseguirem uma separação maior do que essa.

E você por acaso sabe o que é amor?

Estava na cara que suas irmãs não amavam os maridos e mesmo assim tinham filhos e eram felizes, além de conseguir tudo que queriam. Annelise não sabia mais, pois deixaram de conversar. Elas viviam passando uma imagem tão satisfeita que antes ela achava que haviam se apaixonado após o casamento. Agora não acreditava mais nisso. E depois de tudo o que aconteceu, não podia mais usar as irmãs como exemplo, elas esqueceram sua existência.

Mesmo assim, por mais que parecesse tortura, ela esperava que Brice e a tal Sarah se apaixonassem. Não adiantava não desejar isso, era mais fácil esperar o melhor para a única pessoa no mundo em quem ela acreditava agora. Ele nunca mentiu para ela, nenhuma vez. Ela soube desde o início no que estava se metendo.

– Ei... Não faça isso – ele sentou-se perto dela. Beijou-lhe o rosto, passou a mão pelo seu cabelo e acariciou-lhe a face com o nariz, espalhando outros beijos sutis. – Não gosto quando fica assim. Costumava sentar e se encolher desse jeito quando nos conhecemos.

E isso parecia ter acontecido há anos, mas foi há meses. Não foi a primeira vez que se viram porque frequentavam o mesmo círculo social, mas consideravam aquela noite no jardim dos Royllers como o dia que se conheceram, pois foi ali que tudo começou. Mais longe ainda parecia ter sido aquele dia que ele chegou de viagem e descobriu pelo empregado que deveria entregar um bilhete a ela que Annelise havia sumido. Colocou todos os detetives que pôde encontrar atrás dela. Foi naquele dia, em pânico, suando frio e achando que ela havia fugido ou feito algo pior que ele soube. Enquanto quase derrubava a porta do quarto e seu coração batia tão rápido e forte quanto suas pancadas na porta, ele soube que estava perdido.

– Tudo bem... Não estou pensando sobre nada daquilo – ela sorriu para ele e apertou levemente seu antebraço. Levantou-se, puxando o lençol para esconder seu corpo, mesmo que ele já conhecesse cada curva daquelas formas voluptuosas – Venha, vamos tomar banho.

A Sra. Cooler não achava simplesmente nada sobre a situação deles, não era problema dela. Mesmo que Brice não fosse comprometido, era extremamente inapropriado e uma moça respeitável não se submeteria a tanto. Mas isso não incluía moças que já estivessem com a reputação na lama por algo muito menos grave do que o que ela estava fazendo agora. Porém, a essa altura, mesmo que descobrissem, não ia fazer diferença alguma para a vida de Annelise. Ela só não queria que soubessem por Brice.

Achava-se uma completa insana por ter tanta preocupação em não estragar o noivado dele. Isso não podia ser normal, mas não ia mudar nada entre eles mesmo que descobrissem. Annelise lembrava perfeitamente de quando Iana, sua irmã do meio, descobriu que o marido estava traindo-a com uma cantora. Ele disse que a mulher não significava nada e que iria deixá-la. Então deu um conjunto de joias caríssimas para Iana e ela prontamente perdoou tudo, desde que ele não se envolvesse mais com essas mulheres de segunda categoria. O marido levou ao pé da letra, trocou as desconhecidas da rua por uma dama da sociedade, também casada. Mesmo assim, continuavam juntos e Iana jurava de pés juntos que o marido agora era fiel.

– Eu adoro espuma na banheira. Mas não compro mais sais, aqui não tem a fragrância que gosto – e nem ela tinha dinheiro para comprar os mesmos cosméticos de antes.

– Eu sei. Juro que senti o seu cheiro quando passei em frente à loja – ele encostou o nariz no cabelo dela e fechou os olhos ao inspirar.

Ainda bem que era uma loja bem distante, porque as vendedoras também faziam parte da rede de fofocas. E para quem Brice estaria comprando sais perfumados e femininos se não fosse para a noiva? Não era um presente que deveria ser dado a qualquer pessoa sem o mínimo de intimidade.

Ela recostou a cabeça no peito dele, adorava esses poucos momentos de silêncio quando estavam juntos. Podia pensar e senti-lo perto de si, mesmo que fosse dentro de uma banheira transbordando de espuma.

Apesar de estarem longe de suas casas, não se arriscavam a ficar por aí agindo como um casal. Hoje acordaram tarde, portanto não poderiam ir à praia, talvez à noite. Mas eles tinham tanta coisa para dizer, travavam todo tipo de conversa, liam os jornais do dia anterior porque chegavam ali atrasados, discutiam ideias opostas, riam das colunas sociais e brigavam ao debater política. Brice trazia para ela todos os livros interessantes que lia e agora havia se proposto a ensiná-la como administrar seu dinheiro. Ela aprendia fácil, tudo que sobrava da mesada ela guardava, no banco dele, em uma conta independente que o pai não sabia da existência e na qual Brice trabalhava pessoalmente para investir e manter a pequena soma aumentando.

Esse era o negócio dos Wincross de Nova York, donos de banco e de escritórios de advocacia espalhados por vários estados. Costumavam abrir escritórios em locais em desenvolvimento, iam aonde os outros não iam. Eram como desbravadores dos novos mercados, pois tinham coragem de arriscar e instinto para discernir bons e maus negócios.

A família era assim, desde o primeiro Wincross eles já haviam tido vários tipos de negócios, seus antepassados fizeram até contrabando

de armas e bebidas. Eram aventureiros natos, sem nenhum medo de entrar em trens ou montar em cavalos e passar dias e dias pelas estradas de um local para outro. Alguns membros mais frescos da alta sociedade nova-iorquina desaprovavam tal comportamento e por suas costas os chamavam de andarilhos do oeste, mas dependiam do seu banco.

Brice era o irmão do meio, banqueiro por profissão, mas formara-se em direito, já que seu primeiro emprego foi em um dos escritórios de advocacia da família em Rhode Island. O pai se aposentara, ou seja, agora dava conselhos sobre finanças e se metia na vida financeira da família. Brice costumava tratar da gestão da área de financiamento, ele analisava cada caso de pedidos de comerciantes grandes e pequenos, empresas marítimas e fazendeiros além de empréstimos para muita gente que fingia ter o bolso cheio, mas devia até as calças. E claro que também havia os clientes realmente ricos, como o pai de Annelise e muitos outros.

Os Wincross sabiam dos problemas financeiros de boa parte da sociedade local, mesmo daqueles que não usavam o seu banco. E apesar de morarem em Nova York, seus negócios não estavam concentrados lá. Era tudo tão espalhado que era difícil falar em concentração, estavam sempre viajando. Fato que vinha ajudando Brice a “viajar” para visitar Annelise.

Sentiam-se como dois criminosos, mas estavam tão absolutamente viciados no crime que não conseguiam parar até que algo muito grave os detivesse.

– Quando vai visitar a cidade? – Por cidade ele obviamente referia-se a Nova York.

– Nunca? – Ela indagou, sentada na poltrona próxima a varanda.

– Anne... Não pode ficar aqui como uma reclusa.

– Por quê? Não quero voltar à casa dos Barton – agora ela se referia à casa de sua família como se fosse de pessoas estranhas. – Vou arranjar um trabalho.

– Aqui ou lá?

– Não sei. Mas vou permanecer aqui por mais dois meses. Economizei dinheiro o bastante – Annelise evitava olhá-lo quando falavam sobre o futuro, ela ia decidir o que fazer e nem ele poderia mudar isso.

Brice não queria que ela passasse o Natal naquela casa. Provavelmente estaria sozinha, pois a Sra. Coller iria passar com seus familiares. Mas ele não disse nada, porque quando o Natal chegasse, já estaria casado. Ele pensava na noiva como a *pobre Sarah*. Estava errando com ela, não queria magoá-la, empenhara sua palavra. Nunca realmente namorou a moça, não era como se esse tipo de coisa acontecesse. Eles dançaram por uns bailes, foram a umas festas, ela não era chata como as outras com quem ele “tentou” simpatizar. Então ficaram noivos.

Já estava tudo pronto, Sarah só conseguia pensar nos preparativos. Nem podia imaginar a vergonha mortal que ela sentiria se algo desse errado e o casamento não acontecesse. Não havia a menor honra no que estava fazendo e teria muito menos se ele não cumprisse a própria palavra. Não havia como não errar. Mas ao menos ele e Annelise estavam errando juntos, ambos cometiam o erro e ela parecia tão segura disso que o intrigava. Dava pouquíssima importância ao que falariam ou as consequências daquele romance, desde que nenhum dos dois jamais revelasse o

que tiveram. Era algo precioso que guardariam, só deles, sem ninguém para macular a memória daqueles dias.

Por que a tomava como uma criatura muito mais forte que a *pobre Sarah*? Brice tinha medo de estar errado, toda aquela segurança soava como uma ilusão.

– Você me disse que tem outras pessoas. Sua família se resume apenas a seu pai e suas irmãs? – Mesmo depois de meses ao lado dela, ele ainda não conseguia entender a família dela.

– Não tenho intimidade com os outros. Papai é muito arrogante e se acha melhor do que o resto da família, apenas por ter muito mais dinheiro. Então criou uma rachadura profunda – ela balançou a cabeça. – Eles não me veem há anos, mas garanto-lhe que o escândalo chegou aos ouvidos deles. Toda vez que falam de mim devem dizer: Está vendo, a garota que tem tudo foi para o mau caminho. E nossa filha que foi criada com mais humildade seguiu o bom caminho. Meu pai também não suportava a família da minha mãe, eu nem sei onde moram ou se estão vivos. Só conheci uma tia que mais tarde soube que nem era irmã dela, era uma amiga.

– Não deixe que seu pai a impeça de saber deles. Meus parentes do sul também nos acham arrogantes, enquanto os achamos grosseiros. Mas nos encontramos sempre que possível, fazemos piadinhas de mal gosto uns com os outros e seguimos em frente.

– Isso é simplesmente uma família, Brice. Essa é a graça.

– Sim, eu sei – ele olhou para baixo, incapaz de tocar no assunto do Natal.

De volta à Nova York, ele foi rodeado por inúmeros planos para o casamento. Sarah parecia ter voltado mais animada do que nunca. E ele não ouviu metade do que ela disse quando se encontraram na terça-feira para almoçar. Agora que iam se casar, mal se encontravam. Antes de tudo ser arranjado pareciam ter mais afinidade, mesmo que continuassem sendo dois estranhos.

– Está disperso, Brice. Problemas nos negócios? – Indagou Vivian Burke, mãe de Sarah.

Era incrível, mas ele sempre achava que aquela mulher pronunciava tudo com um tom de sarcasmo, como se estivesse sempre observando, desconfiando e armando. Não teve um dia que não pensasse isso dela e Vivian sempre demonstrava como estava insatisfeita com a maneira como o noivado da filha decorria. Provavelmente ela achava que Brice não comprava agrados suficientes para Sarah, também pensava que ele devia passar mais tempo levando-a a eventos sociais ou que devia se interessar mais pela decoração do casamento. E a casa que eles iam morar... Ah, Vivian sem dúvida achava que devia ser maior e mais ostensiva. No cálculo final, ele não era o noivo perfeito para sua filha, mas Sarah não prenderia partido melhor e, além disso, ela queria apenas ele. E quando ela queria uma coisa, tinha de ser. Se não fosse com ele, Sarah não ia casar, já havia batido o pé.

– Não. Estou apenas cansado – ele respondeu, sem esconder o desânimo na voz. E não era uma mentira, diferente delas, ele acordava cedo e ia trabalhar e quando se despedisse delas tinha que voltar ao trabalho.

Vivian lançou-lhe um olhar por entre as pálpebras cerradas que deu a Brice absoluta certeza de que ela sabia sobre o seu envolvimento com outra mulher. Ele vinha desconfiando disso

desde o mês passado. E era verdade, Vivian era experiente nesse joguinho. Sempre sabia quando o marido estava atrás de algum rabo de saia. E desde o início daquele noivado, ela não se viu precisando armar estratégias para conter o noivo ansioso. Respeitador uma ova! Ele não estava tentando dormir com a sua filha porque certamente estava dormindo em outra cama, ou camas. Por mais discreto que ele fosse, não ia enganá-la.

Aliás, Brice lhe lembrava muito o seu marido. Era assim também, calmo, paciente, não passava dos limites... Tudo porque andava fazendo isso com outra. Ela já havia investigado pela cidade inteira e não encontrou nada sobre a tal amante do banqueiro. Ia ter que contratar alguém. Esse caso precisava acabar antes do casamento, era muito pior quando o marido já entrava envolvido com outra. E depois do casamento, Vivian ensinaria Sarah à por as manguinhas de fora para impedir que o marido ficasse muito solto por aí.

– Ah, Brice. Você está sempre cansado! Nem a igreja você não quis ir, vamos nos casar lá – Sarah ainda estava ressentida por não ter conseguido convencê-lo a ir ao aniversário de seu tio no final de semana passado. – Não vai dar certo se após o casamento você continuar passando o dia trabalhando com seus irmãos. À noite você nunca quer sair!

– Pensaremos nos meus horários após o casamento, está bem?

Ela soltou o ar, demonstrando insatisfação, mas acabou concordando. Queria um marido melhor ou igual ao de suas amigas. Alina vivia falando de todos os agrados que seu marido fazia. Brice teria de ser melhor do que ele, afinal, tinha mais dinheiro. Ela não queria um marido para ficar indo sozinha a todos os eventos sociais. Já arranjava um partido muito mais bonito do que o boboca com cara de cachorro com quem Iana se gabava de ter se casado. Mas ele lhe

construía uma mansão imensa. E como Brice não era o filho mais velho, duvidava que fossem morar naquele palacete onde os pais dele viviam. Não importava, preferia mesmo ter sua própria casa. Tudo dependia do casamento, assim que se realizasse, convenceria o marido a aumentar a casa.

Mas onde Sarah estava com a cabeça? Além de tudo que queria para garantir uma vida agradável e de dar inveja, ela realmente quis Brice. Não foi apenas pelo bolso dele e por ser bonito como ela sempre sonhara que seu marido deveria ser, mesmo que não fizesse o tipo clássico de cavalheiro que lhe vinha à mente.

Até gostaria que fossem um pouco mais além, afinal todas as suas amigas quando estavam prestes a se casar já haviam tido algumas liberdades a mais com os noivos. Menos ela. Não tinha o que contar, precisava inventar. Estava muito curiosa para saber, será que ele fazia o tipo selvagem ou dócil? Não tinha jeito de ser tolo. Ao menos pelos beijos que já havia trocado, julgara-o meio rude no trato, esperava um contato mais gentil e delicado. Mas isso não importava agora, poderia moldá-lo melhor ao seu gosto depois que se casassem.

– Sabe Brice, eu costumava estar radiante no mês anterior ao meu casamento – disse Allen, seu irmão mais velho. Ele andou até a mesa e sentou-se na pontinha, enquanto segurava duas xícaras de café fumegante. Colocou uma a frente do irmão.

– Eu estou. Só não sou do tipo que fica externando isso. Você sabe... – Brice bebeu um gole da bebida quente que eles tanto consumiam ali.

– Ah sim, eu sei – Allen revirou os olhos. – Se eu não externasse nada como você faz, tenho certeza que Emma teria cancelado o

casamento.

– Não se preocupe, o meu vai acontecer. Vou cumprir o que me propus.

Allen franziu a testa e afastou a xícara de porcelana dos lábios.

– Acredito – Allen levantou-se. – Espero que cumpra mais esse acordo comercial como cumpre todos aqui do banco.

Brice ignorou o fato de seu irmão estar comparando seu casamento a acordos financeiros. Allen adorava se meter na vida amorosa dos irmãos e lhe dar lições sobre passar por cima de tudo por amor. Claro que os mais novos o achavam suspeito para opinar, afinal ele havia encontrado uma mulher que amava e por sorte era a mesma com quem se casara. Tudo com alguns escândalos na história, mas quem é que estava contando isso agora? Era impossível para Brice não pensar no óbvio. Se não houvesse se apaixonado por Annelise, nada disso estaria acontecendo. Provavelmente estaria mais conformado com o casamento, não estaria com essa história de honra e palavra a cumprir e já teria ao menos se interessado em levar a noiva para cama. E o mais importante, Annelise não teria chances de se magoar, ela não precisava de mais essa.

Agora faltava um mês para o casamento e mesmo assim ele conseguiu sair da cidade. Aparentemente, uma das filiais estava com problemas e precisando da presença dele. Annelise ficou surpresa quando ele apareceu em sua sala, mas era óbvio que estivera esperando que ele viesse ao menos dizer adeus, só não sabia que seria naquela sexta-feira. Não sabia o que fazer se não se despedissem. Já estava tarde, ele deu uma gorjeta a mais ao cocheiro para viajarem a noite e teria guiado a carruagem se fosse necessário.

– Por que você não avisou? – ela andou pela sala enquanto tentava se ajeitar. – Estou horrorosa... – Olhou para baixo, alisando o vestido simples que usava. Se essa era a última vez que se veriam, ao menos gostaria de ser uma boa lembrança.

– Está perfeita para mim – ele puxou-a pela mão, trazendo-a para perto e beijando-a com tanta urgência que não dava para fingir que era só mais um encontro.

Ela esqueceu o vestido e abraçou-se a ele, beijando-o com saudade.

– A Sra. Coller está em casa – Annelise separou-se um pouco dele, antes que a mulher idosa entrasse e os flagrasse tão colados que não passaria uma folha entre eles.

– É mesmo? – Ele perguntou e beijou-a nos lábios novamente.

– Significa que tenho um jantar mais do que decente – ela respondeu, contendo-o novamente. – Já comeu?

Ele ficou apenas olhando-a por um tempo, mas acabou negando com a cabeça. Annelise assentiu e achou melhor concentrar-se em algo mais.

– Venha aqui – ela ajudou-o a retirar o casaco. Brice havia entrado com tanta urgência que deixara tudo para trás e não retirara os itens de viagem.

Quando chegaram à cozinha na lateral da casa, a Sra. Coller estava com um enorme sorriso enquanto remexia no que Brice trouxera. Ela adorava quando ele vinha, pois se divertia cozinhando pratos diferentes e mais chiques com itens que só se encontrava em Nova York.

Eles passaram a hora seguinte sem saber como se portar, o jantar feito com carinho e com o tempero especial da Sra. Coller não tinha muito gosto. Não houve muita conversa entre eles até que estivessem nos braços um do outro e parcialmente satisfeitos. Só então ele contou-lhe algumas coisas que estavam acontecendo na cidade e relatou acontecimentos de sua vida que obviamente não tivessem nada haver com o casamento.

Seu irmão mais velho e a cunhada estavam esperando outro filho, ele parecia muito contente com a novidade e Annelise ficou olhando-o atentamente, saudosa de ver aquele sorriso. Ela não lembrava mais do rosto dos familiares dele, mas sabia bem que eles se lembrariam dela se alguém citasse seu nome.

Os dois tinham o hábito de conversar na cama, não importava a hora que fosse. Ele se recostava contra um travesseiro e ela ficava de bruços, geralmente com os antebraços descansados nele, assim encaravam-se enquanto falavam. Brice tocou o rosto dela com suavidade, Annelise deitou a cabeça sobre a mão dele que franziu muito o cenho, olhando para aquele gesto meigo e o olhar terno que ela lhe lançava. Muito em breve não a veria mais fazendo nada disso, sentiu uma pontada em seu peito ao pensar nisso.

– Para onde você foi dessa vez, Brice? – Ela perguntou baixo, sabendo que lá em Nova York, os outros pensavam que ele estava fazendo seu papel de andarilho e visitando algum banco por aí.

Ele balançou a cabeça lentamente, ocupado em olhá-la sob aquela luz fraca do castiçal com as velas já pelo meio.

– Não sei, não lembro bem o que eu disse. Fui a algum lugar – ele moveu os ombros, pouco se importando com isso agora. – Até segunda, estarei em qualquer lugar com você.

Annelise assentiu, dessa vez não havia perguntado por que não queria saber qual era o seu prazo. Ele passou as duas mãos pelo cabelo dela, colocando-o para trás, enquanto inclinava-se para beijá-la.

– Preciso amá-la novamente.

– Eu também preciso – ela concordou, deixando que ele puxasse-a para ainda mais perto.

Desde que haviam deixado de resistir um ao outro, nunca realmente tiveram muito tempo para passar juntos. Um dia, dois dias e depois um longo intervalo, pois tudo começou quando ela já estava longe demais da cidade. Eles sabiam que amavam com prazo de validade em cima de suas cabeças, era preciso intensidade para cada dia valer a pena, entrega total e aprendizado rápido. Poucos dias de romance, poucos meses, eles já sabiam tudo que precisavam um do outro desde a época de completa negação em Nova York.

Com toques experientes e saudosos, eles se procuraram novamente, não havia prazos quando se chegava ao clímax. Havia tanto que sabiam um do outro, cada encontro parecia durar horas a mais quando estavam juntos. Mas as separações duravam eternidades. Estavam sempre famintos, como se cada dia da relação fosse o último. A exaustão era um presente, pois só então pareciam satisfeitos. Especialmente porque agora ambos sabiam que estava chegando ao fim.

Encolhida junto a ele, Annelise escutava sua respiração leve de quem adormecera instantaneamente. Ela ficou alguns minutos tentando fazer o mesmo, mas seu coração estava tão pesado que parecia segurá-la longe do mundo dos sonhos. Bocejou e fechou os

olhos, apenas quando desistiu de se obrigar a dormir que o sono a dominou.

Já no meio da manhã quando ela acordou, Brice não estava mais lá. Tomou banho e desceu, dessa vez colocando um vestido bonito e arrumando o cabelo, apenas porque ele estava lá. Chegou à sala e encontrou uma surpresa, havia um pequeno pinheiro plantado em um vaso. Embaixo dele havia alguns pacotes.

– Adiantei seu Natal – ele disse, entrando na sala com uma caixa repleta de enfeites.

– Você trouxe isso? Como eu não vi?

– Porque eu só trouxe para dentro esta manhã.

– Não precisava. Eu não lhe comprei nada... – Ela continuou parada no primeiro degrau da escada.

Brice deixou a caixa sobre uma mesa, andou até ela e segurou-a pela cintura, tirando-a da escada e carregando-a até o meio da sala.

– Como se você precisasse de mais alguma coisa para me ser o meu melhor presente – ele respondeu, aproveitando esse momento feliz como se previsse que seu próximo Natal não seria nada parecido com esse.

Annelise moveu um dos ombros, gostaria que tudo fosse verdade e durasse mais.

– Então farei um bolo de Natal para você – ela decidiu.

– Ótimo! Não temos um. A Sra. Coller já temperou o peru e até já fez aperitivos! – ele disse, divertindo-se com a animação da senhora

que estava lá na cozinha preparando tanta coisa que parecia esperar umas dez pessoas.

– Não acredito que teremos um verdadeiro Natal no início de dezembro – Annelise sorria, deliciada com a novidade. Nunca pensou que ele aprontaria algo assim.

Brice decorou o pinheiro de Natal enquanto Annelise preparava o bolo. A mesa de jantar estava repleta de iguarias natalinas, o peru recém-retirado do forno estava bem no meio de tudo, espalhando seu aroma apetitoso pela casa. Os pratos e talheres estavam postos de forma festiva, com a melhor louça da casa. Eles passaram o dia comendo os biscoitos decorados. Era quase um Natal em família, havia quatro lugares.

A Sra. Coller e o Sr. Bent, o cocheiro, eram os convidados. Após algumas taças de vinho, os dois se livraram da timidez inicial. Na cozinha, enquanto tinham certeza que estavam sozinhos, os dois empregados sempre conversavam sobre a situação dos seus patrões. Eles achavam triste, lamentavam ao ponto de esquecerem os julgamentos morais. Era como eles diziam: não é da nossa conta. Mesmo assim, ainda ficavam curiosos sobre o que aconteceria com eles.

– Mas isto está uma delícia! – O Sr. Bent lambeu os lábios, deliciado com o peru de Natal.

– Se eu comer mais, não vai sobrar espaço para a sobremesa. Mas está tão bom que não consigo parar – disse Annelise, tentando terminar o que estava no seu prato.

A Sra. Coller estava corada e toda boba por estar recebendo tantos elogios.

– Faça assim, querida – Brice segurou os talheres, mas parou de comer. – Respire fundo, espere uns segundos para abrir mais espaço no estomago e continue comendo! – Riu, antes de colocar outra garfada na boca.

Os outros riram, a Sra. Coller estava feliz por terem apreciado seu novo tempero especial. Era incrível como o Natal contagiava, mesmo que não estivessem no dia certo, eles realmente compartilhavam o sentimento natalino. Durante a sobremesa, todos contaram histórias antigas de Natal, principalmente da infância. Brice tinha inúmeras memórias felizes e inesquecíveis de natais e dias de Ação de Graça ao lado de seus pais e seus irmãos e estas não se limitavam apenas a infância. Annelise até sentia um pouco de inveja disso, seus últimos Natais não tinham nada de especial, suas melhores histórias ficavam mesmo na infância e agora que via as coisas de outra perspectiva, sabia que seu pai e suas irmãs não eram exatamente os responsáveis pelos bons momentos.

Sua melhor lembrança recente foi de quando a Sra. Reed, antiga governanta da casa, havia a levado escondido para ver o coral e beber Eggnog. Seu pai morreria se soubesse que ela esteve no meio daquela gente que não fazia parte do círculo da alta sociedade e que ainda bebeu naquelas canecas simples. Mas ficou muito feliz naquele dia. Já o Sr. Bent e a Sra. Coller tinham inúmeras peripécias para contar de seus filhos e famílias, além de fatos engraçados e diferentes que Brice e Annelise acharam muito interessantes.

Os empregados ficaram surpresos por também receberem presentes, a Sra. Coller ganhou um vidro de perfume chique, como ela mesma chamava. Nunca pensou que um dia ia se perfumar com algo assim. O Sr. Bent ganhou uma caixa de charutos daqueles que ele nem sonhava em poder fumar. Brice observava bem os costumes

das pessoas que o rodeavam e fazia algo muito simples, escutava o que elas diziam, ele era ótimo em acertar nos presentes.

Para Annelise, ele trouxe muitos cosméticos, pois dentre todas as privações, distrair-se com essa pequena mordomia parecia ser algo que ela sentia muita falta. Para ele não adiantava comprar nada demais. Ficou muito mais feliz com o bolo que ela fez especialmente para ele. Tinha basicamente tudo que desejasse e o dinheiro pudesse comprar. E no fundo, o que realmente queria não era comprável. Havia um preço a pagar, mas era caro demais.

Era muito tarde quando Annelise acordou novamente. Não estava exausta dessa vez, quando fizeram amor naquela noite foi devagar, gentil e tranquilo. Quando ficaram novamente sozinhos depois do jantar eles fingiram que não queriam voltar correndo para o segundo andar e esconder-se do vento frio que vinha da praia.

Eles esperaram a Sra. Coller ir dormir, o Sr. Bent se recolher na casinha do jardim e só então subiram. Entraram no quarto se obrigando a não se jogar na cama enquanto peças de roupas voavam. E aquela excitação prolongada causou uma expectativa deliciosa que foi suprida por movimentos ritmados e harmônicos, feitos para causar um prazer torturante e lento que prolongara o orgasmo. Era pra ser inesquecível. Todos esses últimos dias deveriam ser, todas as últimas vezes que fizessem amor teriam de ficar em suas memórias. Pois era tudo que lhes restaria.

Ela saiu da cama e enfiou a camisola pela cabeça, andou até a frente da janela e sentou-se no banquinho acolchoado, colocando as pernas dobradas para cima e abraçando-as. Seu olhar vagava através do vidro para o horizonte onde o mar parecia terminar. Era inverno, estava mais escuro e a lua já não iluminava a beleza da praia logo abaixo.

Brice acordou quando ela deixou a cama, ficou observando-a sentar-se naquela posição que ele não gostava de vê-la. Lembrava-o dos dias em que ela era uma moça triste e humilhada pela própria família. Sentiu o peito doer, pensando que se ela estava triste agora, a culpa era inteiramente dele. Nunca deviam ter ido além da amizade, mas então quando os dias mais felizes de sua vida teriam acontecido?

– Volte para cama, meu amor, está frio.

Annelise colocou as pernas para baixo, sentindo a madeira fria sobre seus dedos. Ficou olhando-o de forma estranha, não pelo jeito como ele a chamara, devia ser a décima vez que ele se referia a ela assim. Ele geralmente era carinhoso e não tinha vergonha de deixar que as palavras mostrassem o que sentia. Ela não podia entendê-lo, ele devia se proteger disso. Ela sabia que se resguardava, precisava fazer isso ou teria certeza de que estava louca. Quando tudo acabasse e agora não iria demorar, ela quem ficaria sozinha. Sempre soube disso e mesmo assim colocou a mão no fogo. Quanto menos ele se protegia dela, mais a expunha.

Notando que ela não lhe dera ouvidos, Brice sentou-se na cama e recolocou a ceroula. Annelise cruzou os braços e olhou para baixo, mordeu o lábio, como se tentasse não dizer algo. Mas como se faz quando seu coração está tão pesado que seu peito dói e por dentro você clama por um pouco de alívio ou apenas a esmola que virá de algumas palavras. Deve ignorar ou apenas pronunciar, esperando que as pontadas dolorosas parem de lhe torturar.

– Como você faz se depois de lutar incessantemente, acabar se apaixonando? – Ela perguntou baixo.

Ele continuou observando-a, sua expressão mudou várias vezes. Alternando entre confusa, perdida e dolorosa.

– Eu me faço essa mesma pergunta há alguns meses – ele respondeu.

Ela acabou voltando para cama e encolhendo-se junto a ele que a abraçava de forma tão protetora que realmente parecia que nada mais lhe aconteceria.

Capítulo 2

Ao despedir-se dele no início da manhã de segunda-feira, Annelise não agiu como se fosse um adeus. Fez como sempre fazia, demorou vários minutos abraçada ao pescoço dele, retribuindo a mais um beijo apaixonado. Brice gastou mais tempo que o usual olhando para ela depois que se separaram. Ele sempre parava e ficava contemplando o seu rosto, guardando-o na memória, pelo menos até a próxima vez que pudesse vê-la. Mas dessa vez ele ficou lá por um longo momento, longo demais para eles. Ele chegou a levantar a mão, ela o olhou e deu um passo para trás. Não podia, simplesmente não podia pegá-la. Não podiam fazer isso, não haveria mais um beijo para eles.

Quando entrou em casa, Brice estava quase congelado, esfregava as mãos geladas tentando aquecer-se de um frio que ele começava a desconfiar que não passaria tão cedo. Ele foi puxando seu cachecol e pensando que precisava aumentar o salário da pessoa que acendeu sua lareira. Seu irmão mais novo, Dane, levantou-se do sofá e veio andando em sua direção.

– Onde você se meteu dessa vez? – Dane perguntou, colocando as mãos nos bolsos.

– Para onde eu disse que ia? – Ele perguntou, uma prova de que estava fora de si era que esquecera que agora seu irmão morava ali e ficaria sozinho, já que no final do mês Brice se casaria e se mudaria.

– Sei lá. Eu disse que era a um dia de viagem daqui – Respondeu Dane, naquele tom de quem não dava muita atenção ao assunto.

– Disse a quem? – Brice chegou mais perto do calor do fogo.

– Aquele corvo veio aqui. Mulher horrenda – Dane fingiu ter calafrios. Nem ele conseguia gostar de Vivian Burke. – Engraçado que ela já sabia que não iria encontrá-lo.

Brice passou a mão pelo rosto, arrancou as luvas e jogou-as para cima da mesa de centro. Decidiu que não queria pensar na futura sogra logo agora. O irmão se aproximou e olhou-o daquele seu jeito, como se não entendesse o motivo para alguém estar tão preocupado.

– Eu não tenho nada com isso. Eu só acho que você está indo muito à praia, vai abrir um banco lá?

Ao ouvi-lo Brice levantou o rosto e o encarou seriamente.

– Papai – Dane disse como se essa única palavra já explicasse tudo e o fato de ele saber onde Brice havia ido. – Ou você acha que enganaria a raposa velha? Você sabe o que ele diz: Quando vocês nasceram, eu já tinha engravidado alguém...

– Não tem lugar para um banco lá – respondeu Brice, encerrando o assunto.

Agora era quase Natal, dia vinte de dezembro, todos já estavam preparados para as festividades. E Sarah sempre quis se casar nessa data, na verdade, preferia no dia vinte e três, mas algumas pessoas já teriam viajado. Hoje era a data limite.

– Você está suando e eu tenho certeza que lá fora a temperatura está congelante – observou Dane.

Brice ignorou o irmão mais novo e continuou andando de um lado para o outro.

– Se você vai mesmo colocar a corda no pescoço, então vamos logo, está na hora – Dane não parecia nada feliz enquanto passava a mão enluvada pelo cabelo castanho e abundante, um pouco mais claro que o do irmão, mas com as mesmas ondas.

– Vá à frente. E avise Allen que estou indo, vou apenas me acalmar.

Dane parou na porta que dava para a nave da igreja e olhou o irmão.

– Você não vai fugir agora, vai? – No tom de voz de Dane havia uma leve sugestão, porque ele gostaria que o irmão fizesse isso. Tinha esperanças até o momento que os votos fossem pronunciados.

Brice apenas balançou a cabeça, negando.

– Depois que você se casar com aquela matraca ambulante e a mãe dela, vai ser difícil se livrar – avisou o irmão que era declaradamente contrário a casamentos. Em especial esse do irmão com a garota porre e o corvo mãe que ia de brinde no pacote.

– Não fique me lembrando dos problemas quando estou a poucos minutos de me casar. Eu já sei no que estou me metendo e não pretendo ficar com o brinde.

Dane deu de ombros e deixou o irmão sozinho. Queria mais que ele fugisse mesmo, um pouco de rebeldia naquela família não faria mal. Tudo estava muito monótono ultimamente. Ele estava até pensando em aprontar algo para animar a festa.

Ao invés de seguir o irmão, Brice pegou o caminho contrário em direção ao jardim, precisava tomar um pouco de ar e parar de suar. O clima gelado do lado de fora iria ajudá-lo. Estava a caminho das

portas duplas quando uma mão segurou-o firmemente pelo antebraço.

– Se está pensando em abandonar minha filha no altar, desista agora! – Disse Vivian. – Eu sei do seu caso!

– Não estou abandonando nada – respondeu Brice com uma calma tão gelada quanto o clima lá fora.

– Você vai faltar com sua palavra logo agora? Vai deixar minha filha desamparada? – Ela mudou de agressiva para abalada em poucos segundos. – Você sabe que ela não aguentará. Vai querer se matar se for obrigada a passar por uma humilhação dessas! Nenhum outro bom partido vai querer casar-se com ela. Todos acharão que você já a usou! Mas você não o fez e será covarde demais deixá-la na sarjeta!

Ele puxou o braço e levantou o queixo para olhá-la bem de cima, fazendo parecer que era mais alto do que os vários centímetros que já tinha acima dos dela, mas queria mesmo sentir-se diferente dela.

– Se eu fosse covarde esse casamento já teria terminado há muito tempo e nenhuma das suas chantagens emocionais funcionaria.

– Já me basta saber que você a fará infeliz! Pois saiba que seu casinho com a rameira acabou! – Acusou Vivian, de volta a sua real natureza venenosa.

– Cale a boca – teve vontade de obrigá-la a se redimir por insultar Annelise. Mas ele pensava que Vivian se referia a qualquer amante dessa forma, mesmo que não soubesse de quem se tratava. – Já me basta saber que terei de tolerá-la por ser mãe da noiva. Mas não se

atreva a ficar enfiada em minha casa dia e noite após esse casamento. Deixe sua filha se virar sozinha pela primeira vez na vida.

Toda aquela situação estava lembrando-o ainda mais de Annelise. Ela também foi humilhada e nenhum outro bom partido iria se casar com ela. Mas ela aguentou e se reergueu. Acreditava quando Vivian dizia que a filha não aguentaria. De fato não achava Sarah uma fraca, ela ficaria melhor longe do domínio da mãe. Só que seus valores eram diferentes, pois de acordo com o que ela mais prezava, Vivian estava certa dizendo que o fim do noivado a destruiria.

– Eu não sei onde estava com a cabeça. É obvio que isso não é justo – ele se virou e afastou-se de Vivian.

Estava começando a nevar, mas mesmo assim o sol fraco permanecia, brigando para aparecer por entre as nuvens. Annelise já estava sentada ali há uma hora. Permanecia quieta sobre o banco fofo da sala, localizado exatamente em frente às janelas altas e largas que tomavam quase a parede inteira. Esta era dividida em seções por madeira escura e dava visão para a estrada que chegava a casa. Ela sabia que era hoje, adorava olhar aquela estrada perto da praia, mas essa tarde a visão não era registrada, estava quase meditando, fazendo de tudo para o cérebro ficar vazio.

Presas em seus pensamentos, Annelise mal se mexia, seus antebraços estavam juntos e descansados entre seus joelhos, formando um vão em seu vestido. Seus pés estavam bem juntos, quase embaixo do banco. O olhar dela nunca se desviava daquela estrada. De alguma forma o sol conseguiu força e iluminou o solo, deixando sua luz amarelada entrar pelas janelas, causando sombras no chão. Foi quando ela viu a carruagem apontar na pequena subida que era necessária para chegar a casa. Quase levantou, mas antes que o fizesse, apertou as mãos e ficou parada. O empregado pulou do

veículo e correu em direção a casa. Não queria saber o que ele estava fazendo ali.

A porta foi aberta pela Sra. Coller que se surpreendeu por ver o Sr. Bent. O cocheiro decidira ir até lá por conta própria. Ela perguntou o que o levou até lá. *Ele se casou, senhora.* – sussurrou o cocheiro. Os dois se viraram para onde a moça estava sentada. Ela já não olhava mais para estrada, apenas encarava as próprias mãos com mais resolução do que o necessário. Sempre soube que ia acontecer, hoje apenas acordara e sentara-se ali, procurando não pensar em nada, mas foi impossível. Nunca mais colocaria os olhos no homem que amava.

A Sra. Coller disse para o cocheiro dar a volta e descansar na pequena mesa próxima a porta da cozinha. Então fechou a porta e andou em direção a Annelise. Mas antes que ela dissesse qualquer coisa, a moça se levantou e fugiu escada a cima.

No dia seguinte, elas foram surpreendidas pela chegada de mais uma carruagem. Annelise estava encolhida sobre o sofá, apoiando os antebraços sobre o joelho enquanto olhava para sua estante repleta de livros, onde toda uma seção fora trazida por Brice.

– A senhorita tem visitas – disse a Sra. Coller, muito hesitante.

– Não quero receber ninguém. Diga para voltar outra hora – respondeu Annelise, sem nem se levantar e pensar no estranho fato de que ninguém a visitava, então quem poderia ser?

– Impossível, visto que estou em minha própria casa – interrompeu a voz, vinda da porta da sala.

Ela pulou de pé imediatamente, assombrada pela presença do pai. Podia esperar qualquer um ali, menos ele. Iverson avançou pela sala, olhando em volta e torcendo o nariz. Estava tudo na mais perfeita ordem. Para não gastar dinheiro, Annelise arrumava a casa com auxílio da Sra. Coller. E contratava apenas uma vez ao mês uma moça e seu marido para fazerem a limpeza mais pesada, o que constituía principalmente em limpar as áreas externas.

– O que você está fazendo aqui? – Annelise indagou.

– Não preciso me explicar para vir a minha própria casa.

– Esta casa era da família da minha mãe. Tenho certeza que no testamento ela deixou isso para as filhas.

– Sim. E quem controla os seus bens? Pois suas irmãs já estão casadas, você é a única desgarrada.

Annelise nem sabia se tinha bens, mas seu pai não lhe daria nada, disso tinha certeza.

– Você não viria aqui sem um motivo muito bom – ela respondeu.

– Vejo que também esqueceu as regras da boa educação – o pai disse com azedume. Após dar uma volta completa na sala, parou novamente a frente dela, mas do lado contrário.

– A casa é sua, como acabou de dizer. Não preciso convidá-lo para sentar nem oferecer-lhe nada – respondeu Annelise de forma seca.

Iverson se aproximou da filha e para surpresa dela, tocou seu rosto, depois deslizou os dedos até segurá-la pelo queixo. Seu toque era frio e sem sentimento, não se parecia nem um pouco com o toque afetuoso que um pai deveria ter. Ela sabia que ele não havia sido um

pai muito carinhoso, mas ainda assim, nunca conseguiria entender como um simples erro seu poderia mudar tanto o que ele sentia por ela. Atualmente já nem tentava mais entender, simplesmente aceitou que devia esquecer o pai e dar seu jeito de seguir em frente.

– Esteve chorando – ele observou. – Imagino por quê.

– Não é da sua conta – ela afastou o rosto do toque dele.

– Ah, é sim. Principalmente quando você pretende arruinar a vida de mais alguém além da sua! Não ficou satisfeita desgraçando a si própria e agora quer destruir a todos! – Acusou o pai.

– Do que você está falando? – Annelise deu um passo para trás enquanto o encarava, tudo que menos precisava hoje era de alguém para magoá-la. Ao menos uma vez na vida seu pai poderia lhe oferecer algum conforto.

– Anteontem, a mãe de uma das amigas de suas irmãs me procurou. A pobre mulher estava desolada e não sabia mais o que fazer. E adivinhe por quê? Uma de minhas filhas, obviamente a única perdida, estava tentando arruinar o casamento da filha dela.

– O que? – Gritou Annelise.

– Minha própria filha, comportando-se como uma rameira. Tentando acabar com a vida de uma moça direita que ao contrário de você, casou-se honradamente.

– Eu não fiz nada disso!

– Você estava perseguindo o rapaz! Tentando-o! Vivian disse que ele confessou tudo porque não aguentava mais e não sabia como se livrar de você que nunca o deixava em paz! Foi para isso que veio

para cá? Assim podia agir livremente e perseguir homens! Igualzinho a sua mãe!

– Eu nunca o persegui! Eu moro aqui, longe da cidade! Era ele quem vinha até aqui! Eu não o chamava, não enviava cartas e nem recados! Isso é mentira – ela virou-se e afastou-se do pai. – Ele não disse isso... – Murmurou, a dor em seu peito era tão forte que a racharia ao meio a qualquer momento.

– Disse sim – Iverson parecia contente em torturá-la. Podia ver como havia afetado-a quando mencionou o que o rapaz disse. – Pois foi uma maneira de assegurar o casamento. Afinal a pobre moça estava tão decepcionada por o noivo ter cedido à tentação que estava pensando em cancelar o casamento – continuou o pai, aumentando ainda mais a mentira de Vivian. – O que você achava? Que ia conseguir fazê-lo desistir de casar-se com aquela moça direita para ficar com você? Alguém que se tornou uma mulher mal falada e arruinada, que sequer é bem vinda aos eventos sociais. Nem aquele crápula com quem você se perdeu quis se casar, deve ter percebido logo que seria enganado. E agora piorou. Você envergonhou a família inteira! Suas irmãs estão tão mortificadas que nem saem de casa com medo de encontrar a noiva dele! Ou achou que não descobriríamos que você estava tendo uma relação vergonhosa com um dos irmãos Wincross?

Annelise estava ignorando praticamente todos os absurdos que ele dizia. Em sua cabeça só passava o que Brice havia dito. Ele mentira, acusando-a de persegui-lo apenas para poder se casar com Sarah. E quem contara a mãe da noiva sobre seu caso com ele? Eles sempre souberam que quando ele se casasse, seria o fim. E assim foi. Mas ele fez exatamente a única coisa que ela havia pedido para não

fazer. Ele contou sobre eles e estragou tudo, toda a história deles. Não haveria nada para guardar agora.

Achando que ela não lhe dava atenção, Iverson foi até ela e segurou-a pelo braço.

– Pois saiba que eu não vou deixar que você estrague a vida da pobre moça. Já basta ter estragado a sua e envergonhado a família! Deixe o marido dela em paz!

– Eu não vou atrás dele! Eu nunca fui! – Annelise gritou de volta, perdendo o controle.

– Sua mentirosa! Isso não basta! Você vai embora! Vou mandá-la para algum lugar, quero você longe deles!

A filha ficou olhando bem para a face raivosa do pai enquanto pensava sobre tudo que ele lhe dizia. Parecia satisfeito em machucá-la apenas para proteger uma mulher que não era nada sua.

– O que foi que a mãe da garota lhe prometeu para que viesse tão rapidamente? Dinheiro não foi. Então já imagino o que ela lhe deu – sibilou Annelise.

Iverson jogou-a de encontro ao sofá.

– Ao contrário de você, eu sei o que é decência – ele disse na defensiva.

– É por isso que vai testar a sua decência na casa daquela viúva? – Respondeu ela, decidindo que a melhor defesa era o ataque. – Pois saiba que você não é o único! E ela é tão bem vinda aos eventos quanto eu. Seu hipócrita!

Iverson avançou para cima dela, mas Annelise fugiu.

– Cale a boca, sua perdida. Ao menos ambos somos viúvos. Graças a Deus a sua mãe já partiu, limpando a sujeira que ela deixou para trás.

– Não fale mal da minha mãe! – Ela gritou, pegou o objeto mais próximo e jogou em direção a ele.

Iverson desviou por pouco da pequena peça de decoração.

– Descontrolada e instável como ela. Era óbvio que um dos frutos tinha que sair podre.

– Pois saiba que eu tenho orgulho de ter herdado tudo dela. É muito melhor do que me parecer com você. Dá para ver pela mesquinha das minhas irmãs. Falsas como você.

– Pelo jeito você aprova o fato de sua mãe ter largado a própria casa.

– Não adianta, a Sra. Coller me contou tudo. Você nem se lembra dela, não é? Ela me disse que minha mãe me trouxe com ela. Por isso eu tenho tantas memórias desse lugar. Mas você veio até aqui e me levou de volta a força e a base de ameaças. – Acusou Annelise, apontando para ele com raiva. Havia passado a vida achando que sua mãe a abandonara também e tudo por causa das mentiras de Iverson.

– Você não pode culpar um pai preocupado. Eu tentei educá-la ao meu jeito, mas o estrago já estava feito. E sabe Annelise, eu chego a ter minhas dúvidas sobre a sua paternidade. Já reparou como você é diferente de toda a minha família? Inclusive, fisicamente. Suas irmãs têm traços da sua mãe, mas visivelmente parecem com os Barton. Já

você, além de tudo de ruim que herdou da sua mãe, não sei com quem mais se parece.

Annelise cerrou os punhos, sentindo a raiva dominá-la, mas manteve o tom de voz contido.

– Pois é papai, parece que o seu problema é o trauma por ter sido enganado. E você já reparou também como os Barton são feios? Por isso que você ajeitou o casamento das minhas irmãs o mais rápido possível e com os primeiros tolos que aceitaram, porque quem mais iria querer? – ela disparou, puxando todo o sarcasmo que tinha para aquela declaração que acertou bem no ponto fraco dele.

– Sua desafortada! – Ele foi rapidamente atrás dela.

Annelise correu até uma das garrafas sobre a mesa, quebrou uma delas e apontou para ele, segurando-a pelo gargalo.

– Não vai me bater novamente. Aproxime-se e eu pioro essa sua cara! – Ela ameaçou, decidida a nunca mais levar uma surra daquele homem.

– Já está até com modos de pivete – reprimiu Iverson. – Minha filha ou não, eu quem a sustentei a vida inteira. E eu estou lhe avisando, fique longe do marido da filha de Vivian. De qualquer maneira, ele já cansou de você. E de preferência, não coloque mais os pés em Nova York. Já basta de humilhação para suas irmãs. Se me obedecer, aumento sua mesada. – Ele disse, ajeitando a roupa como se recuperasse a compostura e não querendo arriscar ser talhado, pois Annelise parecia falar sério. Nesse momento ela parecia um animal acuado e esses são os mais perigosos.

– Vá para o inferno! Eu não quero mais o seu dinheiro! – Ela respondeu brandindo a garrafa no ar.

– Veremos – ele disse, virando-se e andando em direção à porta.

– Sim, veremos... – Ela murmurou, largando a garrafa quebrada sobre a mesa e o observando deixar a casa.

O que Annelise fez no dia seguinte, deixou a situação ainda mais irônica em relação ao pai. Escreveu uma carta para a tal viúva alegre que o “recebia”. A Sra. Reed conhecia muito bem os Barton, fora a governanta por um bom tempo. Mas cansou-se do trabalho tedioso e com a morte do marido ela recebeu uma boa herança. Agora era livre e se o pai de Annelise achava que era o único com quem ela se encontrava, estava muito enganado.

A Sra. Reed, Eleonora para os mais íntimos, era digna de confiança, independente do que qualquer um dissesse sobre ela. Portanto foi até o banco dos Wincross e fechou a conta para Annelise, usando os documentos que ela lhe enviara. Em seguida mandou o dinheiro para ela, assim como lhe indicou um advogado que era um “amigo” seu e daria um jeito de ajudá-la. Annelise contratou o tal advogado, pelo menos da sua relação com Brice sobraram os conselhos legais e financeiros que ele lhe dera. O advogado consultou o testamento da mãe de Annelise, a casa em Southampton pertencia a ela, era a única filha solteira. Podia assumir o patrimônio assim que completasse vinte e um anos, idade que ela já tinha. Em pouco tempo conseguiu vender a casa, sem precisar do pai para isso.

Março de 1887

Nova York

Os convidados circulavam pelo primeiro andar da casa de Brice. Todos conversavam e comiam os inúmeros petiscos que eram servidos por empregados uniformizados. Para acompanhar havia muito champanhe refrescante e boa música. Allen trouxera a esposa, deixando os dois filhos em casa com a babá. E Dane continuava muito jovial e solteiro, como era de se esperar. Estava para nascer a mulher que ia colocar a corda do pescoço dele.

A porta da biblioteca bateu e Vivian virou-se para a filha com ar de censura.

– Pare de choramingos! Seus convidados estão lá fora.

Sarah parou de andar e colocou as mãos no rosto, estava cada vez mais instável.

– Esse é o problema, mamãe! O aniversário é dele, mas os convidados são meus!

– Eu já lhe ensinei que os convidados sempre são seus. Você administra a casa.

– Não aguento mais isso, mamãe! Não me casei para isso. Eu quero sair, quero ir jantar fora, quero participar da sociedade, quero ganhar presentes... Mas eu quero que ele vá junto e não que fique sempre viajando! Até papai acompanha a senhora e faz o que deve!

– Claro, seu pai come na minha mão desde que eu descobri suas puladas de cerca e ameacei contar todas as suas falcatruas aos sócios dele.

Sarah virou-se para a mãe com olhar desesperado.

– Ele tem uma amante, não é? Eu sei que ele tem. Ele não me procura! Já faz mais de um ano que nos casamos e sequer engravidei. Será que o problema é comigo? Você disse que me ensinaria a acabar com todos os casos dele. Mas isso é demais para mim.

– Não, querida, aquele grosseirão do seu marido não está tendo um caso. acredite, eu saberia – disse Vivian, totalmente segura do que dizia. – Já acabei com o casinho dele antes, acabaria novamente. Você precisa descobrir algum segredo dele para tê-lo em sua mão.

– Você o que? Meu marido me traiu e você não me contou? Mamãe, como pôde? Bem que Brice diz que eu deixo você controlar demais a minha vida.

– Ah, agora vai ficar a favor dele e virar-se contra mim. Pois fique agradecida, ele ia largá-la na porta da igreja – respondeu Vivian, em mais uma de suas mentiras.

Sarah colocou a mão no coração, completamente mortificada e caiu sentada em uma poltrona.

– Não é o momento certo, mas eu acho que já é hora de você parar de tentar viver um conto de fadas e saber disso. O casamento é um negócio, Sarah. Você precisa ter cartas para negociar.

– Estou cansada dele e disso. Não sei como eu planejava e não quero negociar nada. E se eu acabar virando uma dessas mulheres deprimentes que sai para se encontrar com amantes em hotéis baratos? – Sarah parecia realmente perturbada pela possibilidade e a mãe nem sabia que isso estava passando pela mente dela por ter olhado outros homens e os achado atraentes. Ao mesmo tempo a

boataria sobre os casos extraconjugais de algumas de suas conhecidas só aumentava.

– Deixe de drama. Foi antes de vocês se casarem. Ele tinha um caso com uma dessas moças perdidas e isso deve ter mexido com as convicções dele. Mexi meus pauzinhos e deixei o resto com você. Mas parece que agora vou ter que consertar seu casamento outra vez – Vivian revirou os olhos, já pensando no que fazer dessa vez. Desde que a filha se casou ela tentava encontrar algo para chantagear Brice, mas aquela família dele escondia suas coisas melhor do que qualquer um. Se eles faziam algo errado, era muito bem feito e ela não conseguiu encontrar.

– Não sei se daria certo. Já cheguei ao meu limite, mãe. Não foi assim que eu imaginei – disse Sarah, causando surpresa na mãe.

– Deixe de besteira! Engravidar seria um bom começo – decidiu Vivian. – Pelo menos ele ficaria mais tempo em casa e compraria tudo que você pedisse. Eles sempre fazem isso. – Vivian falou de forma entediada, pensando em sua própria experiência de vida. – Vá ficar com os convidados, vou pensar em algo.

Brice sentia-se muito mais velho do que os trinta e dois anos que estava completando hoje. Ele achava que o suposto jantar seria apenas para sua família e infelizmente para os pais insuportáveis de Sarah. Mas deparou-se com a sua sala cheia de gente. Conhecia todos, mas não significava que os convidaria. Sarah tentava obrigá-lo de todas as maneiras possíveis a participar de eventos sociais, mas ele não queria. Simplesmente não.

Depois do casamento desenvolvera uma espécie de alergia pela sociedade, tinha repugnância. Não conseguia ficar no meio dessas pessoas por muito tempo sem dizer algum comentário azedo. Ele

queria se mudar, afinal tinha negócios em diversas cidades, mas só de tocar nesse assunto, Sarah tinha um mal súbito.

Ele esticou o braço, procurando a taça de onde estivera bebendo, mas encontrou apenas uma perna. Levantou os olhos e lá estava seu irmão mais novo.

– A sua saúde! – Dane levantou a taça e bebeu um gole, apesar de ter acabado de completar trinta anos, quando sorria dessa forma irônica parecia ter vinte.

– Está mais velho do que eu – disse Allen no sofá a sua frente. Seu irmão mais velho, com aqueles olhos castanhos e o cabelo cheio de ondas leves da cor de terra molhada, também era muito parecido com ele. Além de ser três anos mais velho.

– Você precisa relaxar mais, querido – mãos leves massagearam seus ombros e ele inclinou a cabeça, dando de cara com a figura loira de sua cunhada.

Brice ficou meio perdido, alternando o olhar entre seus três familiares.

– Eu disse, não se case. Mas você não me escutou – comentou Dane, recostando-se no sofá de forma desleixada.

Emma lançou-lhe um olhar de reprimenda como fazia com seu filho mais velho.

– Não é nada disso, Brice. Não dê ouvidos ao seu irmão solteirão – ela disse, continuando a massagem.

– Eu estou tentando ver pelo lado bom, se continuar assim eu deixarei de ser o irmão mais velho. Pois você vai ficar com cara de

maracujá de gaveta muito antes! – Implicou Allen.

– Vocês são um incentivo e tanto – comentou Brice, mas passou a mão pelo rosto, pensando se estava mesmo ficando com aparência cansada e mais velha.

– Espere só até papai e mamãe notarem a sua melancolia – disse Dane, olhando para os pais pelos cantos dos olhos. – Aí você verá o que é estímulo! – Piscou para ele e fez o sinal positivo com o dedo.

Emma deu a volta no sofá e sentou-se ao lado do cunhado. Allen descansou o queixo na mão, já sabia que quando ela vinha sentar-se perto e fazia aquela cara, pretendia dizer uma daquelas suas frases sinceras.

– Vou ser sincera com você, Brice – começou a cunhada. – Não gosto dela. E muito menos daquele urubu velho que é a mãe dela. Eu sei das coisas, não vivo em festas, mas tenho meus informantes. Mas seja lá o que você precise para ser feliz, eu apoio. Mesmo que seja essa sua esposa, desde que você se livre da mãe dela. Não sou a favor de encomendar a morte dos outros, mas um sumiço não faria mal.

Os três irmãos riram do que ela disse e Emma ficou sem entender o que dissera de tão engraçado. Tinha certeza que não podia haver criatura no mundo que gostasse de Vivian Burke. A mulher sempre lhe tratava com frieza e certo desprezo. Como seu casamento foi resultado de um escândalo e Emma não era exatamente bem vista por ser uma fulana de tal que roubou um bom partido da sociedade nova-iorquina, Vivian obviamente achava-a uma perdida, sem classe e intrusa.

Mais tarde, Sarah jogou seu cabelo muito liso e castanho-claro para as costas e foi procurar o marido. Ia dar seguimento ao plano que preparara, mas ao vê-lo trabalhando a essa hora, esqueceu tudo que planejava.

– Você não para mesmo, não é? Eu preparei uma noite especial para nós e você está aí analisando propostas de pobretões que querem abrir alguma espelunca!

Brice tinha implantado um novo plano na seção de financiamento. Ao invés de financiar pessoas que já tinham dinheiro e negócios abertos, ele estava dando chances a comerciantes mais simples e iniciantes. Claro que analisava a proposta muito bem antes de aceitar. Até agora, estava dando certo, só demandava mais trabalho. Também era algo bem mais divertido e interessante, especialmente quando o convidavam para ir conhecer o negócio novo.

– Você deve estar cansada, Sarah. Afinal preparar uma festa as pressas deve ter sido muito cansativo.

– Estou cansada desse seu tom compreensivo e enfadado! – Ela reagiu, batendo com as mãos dos lados do quadril.

– Sarah, esse tipo de coisa não funciona conosco – ele respondeu com uma sinceridade dolorosa. Odiava ter de dizer isso, mas hoje ela parecia querer a verdade. Eles não precisavam desse tipo de coisa.

– Sim, agora eu sei por que. E eu achava que você tinha uma amante.

– Se eu não tenho tempo para ficar em casa, por que teria tempo para amantes? – ele perguntou de forma lógica e falando a mais pura

verdade, pois não tinha mais paciência ou mesmo atração por outras mulheres. Isso acabara, fora enterrado há quase um ano e meio.

Sarah andou até a cadeira a frente da mesa dele e sentou-se, como se fosse mais um de seus clientes. Quando a mãe dela saiu, disse-lhe para dar um jeito de manter o marido na cama e engravidar, mas sinceramente, ela não estava disposta a isso.

– Sabe Brice, apesar de parecer que eu não me importo com nada, que tenho uma cabeça de vento e tudo mais, eu vejo as coisas. Não sou tão tola quanto pensa. E mesmo que não pareça, eu sempre sonhei em me casar com um homem que me amasse e que eu pudesse amar também. – Com o olhar que ele não conseguiu esconder, Sarah assentiu – Sim, eu sei que não parece. Mas falando apenas por mim, é a mais pura verdade. Eu sinto falta de algo que não tenho.

Ele ficou uns segundos digerindo a declaração dela, então voltou a olhá-la.

– Você me ama, Sarah?

Ela prendeu a respiração, hesitante. Hoje podia até ser a noite de dizer a verdade pela primeira vez, mas ela ainda era muito presa às lições da sua mãe. Para essa pergunta, Vivian sempre disse: Não importa a situação, “claro, querido” é a resposta certa.

– Aproveite a primeira vez em que é sincera comigo e responda – ele insistiu.

– Não posso amá-lo se você não corresponde a nenhuma de minhas expectativas! Desculpe-me! – Cobriu o rosto com as mãos.

Brice levantou e puxou a cadeira mais próxima para perto de Sarah.

– Me desculpe – ele disse, tocando seu ombro. Queria poder prometer nesse momento que ia melhorar. Mas estava tão cansado daquelas mentiras que ambos contavam para si mesmos e um para o outro.

– E nem você me ama. Isso é ridículo! – ela respondeu, alterando um pouco a voz – Nunca vou ter o que quero. Você jamais será o marido que eu almejei e também não me amará.

– Você preferia ter um noivado rompido, ser largada no altar ou tornar-se uma desquitada?

– São três coisas terríveis para a vida social de qualquer mulher como eu. E você certamente acha que eu não sirvo para cuidar nem de mim mesma, quem dirá de crianças. Mas eu quero filhos e você não!

– Eu quero filhos, Sarah. Adoro crianças – ele disse, como se a acusação fosse injusta, ele adorava visitar o irmão mais velho e não era para ver aquela cara parecida com a sua que Allen tinha. Ele ia ver os sobrinhos.

– Mas não quer os meus! – Ela gritou, mas depois se acalmou.

– Sabe Sarah, mesmo que estivéssemos vivendo um ótimo casamento, essa sua mania de seguir os conselhos da sua mãe é terrível. Você não tem que ser como ela. E continuando a agir como age agora, você realmente acha que vai encontrar o tal homem para amá-la no meio dos famosos bons partidos da sociedade local? E

como você espera criar e educar seus filhos? Sob os ditames da sua mãe? Por favor, diga que não fará isso.

– Se eu me tornar uma desquitada, não vou encontrar nada mesmo. Pelo menos não aqui, no meio dos meus conhecidos e perto da minha mãe.

– E você por acaso quer se casar com algum dos seus conhecidos?
– Ele repassou mentalmente os homens que conheciam e nenhum pareceu servir para ela. Afinal, nem ele servia.

– Óbvio que não! – Ela olhou para baixo. – Mas eu não quero essa vida. Não quero insultá-lo, mas você não é o tipo que eu preciso.

– Sim, você precisa de um marido que viva em torno de você.

– Também. E você, do que precisa? Porque se eu não sirvo, eu não sei exatamente quem pode servir. Por favor, não me diga que você tornou-se um daqueles homens que você sabe... Preferem outros... Tem havido boatos sobre certos cavalheiros que até conhecemos.

Ele riu do comentário. Do jeito que Sarah era, preferiria ser trocada por outro a aceitar perder para uma de suas amigas e competidoras de círculo social. Afinal, do jeito que as coisas funcionavam, ninguém jamais saberia da outra opção.

– Não me tornei nada. E você serve, Sarah. Para qualquer homem que queira, desde que se torne independente.

Sarah moveu o ombro e ficou olhando para baixo.

– Eu posso provar que não sou o que os outros acham. Estou farta dos comentários dessas idiotas com quem socializo. E também não sou a criatura passiva que sua família acredita que eu seja. Minha

mãe também me subestima e acha que pode mandar em todas as minhas decisões. Só meu pai acredita em mim, mesmo que ele mantenha isso em segredo para que mamãe não saiba. Você sempre me diz que devo ser mais independente e parar de fazer tudo que mamãe diz. Por isso, eu aceito.

– Aceita o que?

– O desquite. Você o quer há muito tempo e se acha correto demais para fazer isso comigo, mas eu sei que não você não iria aguentar muito mais. Pois é melhor ser agora, eu vou atrás do tal marido que me amará e terá pelo menos metade do seu tempo para mim. Você não vai mudar, ao menos não por mim. Isso é um fato e pela primeira vez na vida sou eu que estou dizendo que esse é o limite.

Pela primeira vez desde que a conheceu, Brice estava surpreso por uma atitude de Sarah. Ele repassou mentalmente as opções deles. Não precisava deixá-la desamparada e culpar-se eternamente por isso. Tinha dinheiro suficiente para dar a ela toda a estabilidade que precisava enquanto saía em busca do tal marido que ela considerava perfeito.

– Vai fazer isso aqui? – Ele indagou, ainda estranhando tudo aquilo.

– Não sei bem o que farei depois que... Bem, acabar essa mordomia.

– O seu tio não mora em Boston? Você deve saber que lá também existem ótimas lojas, uma sociedade local e bons partidos. E tem o casarão onde seus tios moram. Tenho uma filial lá, pode transferir seus bens para lá.

– Sabe, eu li em uma revista que às vezes as damas precisam mesmo mudar de ares. É chique.

Brice ficou a olhando por uns segundos, além de maquinar um plano para ambos, estava se recuperando do choque. Afinal, ele nunca pensou que a *pobre Sarah* tomaria essa iniciativa. Era claro que ambos estavam descontentes e infelizes. Mas ele tinha que admitir que como ela sempre foi uma criatura completamente influenciada pela mãe, nunca achou que ela tomaria uma providência pela própria felicidade. E ele se recusava a abandoná-la, já lhe causara desgosto suficiente sendo um marido ausente e desapaixonado. Mesmo sabendo que estava chegando perto do seu limite.

Subitamente, ela havia conquistado sua admiração. Não merecia mais ser vista como a “pobre Sarah”. E ela o inspirou. Depois de quase um ano e meio casados, ele finalmente estava inspirado pela esposa, que em breve não seria mais.

Ele sentiu-se obrigado a explicar a ela o que viria a acontecer após o desquite, afinal, havia muitas Vivians Burke por aí. E a própria Sarah, que não devia nem se lembrar mais, havia condenado outras moças que fugiram da linha dita como certa. Agora ela ia ter que descobrir muita força interior se quisesse seguir sua própria linha. Para alguém que se importava tanto com as regras sociais e o que os outros pensavam, ela ia ter que ignorar tudo.

A família dele também conhecia juizes e pessoas bem importantes nas cortes que inclusive lhe deviam muito dinheiro e ficariam felizes em receber um desconto para arranjar um divórcio sem todas as provas de causa que eram necessárias. Assim eles poderiam partir logo e sem desgastar a imagem de Sarah, afinal, a fofoca ia longe. E ele estava pouco se importando se iam falar mal dele. A opinião daquelas pessoas não valia nada para ele.

– Vou partir com você. Ninguém saberá – ele disse de repente, seus olhos verdes brilhando pelas ideias que estava tendo. Tinha de ajeitar a vida dela e então partir para a sua.

– Mesmo? – Ela arregalou seus belos olhos cor de mel para ele.

– Sem dúvida. Assim, posso impedir que sua mãe vá junto ou a impeça de ir.

Dois dias depois, Brice bateu a porta de Alina. Ela jamais esperaria a presença dele, ainda mais sem Sarah. Ele nunca havia ido a casa dela e até onde sabia era muito antipático, pois todas as vezes que se encontraram por acaso, ele tratou-a friamente e sempre preferia ficar longe, o que acabou afastando-a de Sarah. Portanto, quando ele foi levado a levado à sala onde ela se encontrava com sua irmã, Alina ficou muito surpresa.

– A que devo a honra, Sr. Wincross? Veio ver meu marido? – Perguntou Alina que era muito diferente de Annelise. Como dissera o pai, ela tinha mesmo os traços dos Barton, era alta, muito magra, tinha o nariz longo e afilado, pele bem clara e cabelo castanho, quase loiro. E nenhuma beleza, era uma criatura empertigada, sem encantos.

– Não. Eu quero saber onde está sua irmã – ele respondeu, indo direto ao ponto. Não estava com tempo para gastar.

Iana pulou de pé, arregalando os olhos. Seu cabelo era mais escuro e pelos traços e formato do nariz, Brice conseguia enxergar uma leve lembrança de Annelise, ao menos para provar o parentesco.

– Que irmã? – Perguntou Alina de forma cínica. – A única que tenho está bem aqui.

– Sabe muito bem de quem estou falando. Ela não está mais em Southampton – ele nem retirara a roupa de viagem, encontrara a casa vendida. Também não achara a Sra. Coller para lhe dar alguma pista.

– O senhor não tem vergonha? Vir procurá-la logo aqui! – Disse Iana. – Vou contar tudo a Sarah!

Ele ignorou o que ela disse, essa hora Sarah estava ocupada montando um novo guarda-roupa e gastando todo o rendimento mensal dele, pois segundo ela, precisava chegar refeita a Boston.

– Na verdade, não sabemos de quem o senhor está falando. Aquela moça foi renegada. Fingimos que ela não existe e que nunca foi nossa parente. Ela jogou o nome dos Barton na lama. – Determinou Alina, como se colocasse fim ao assunto.

– Deixem de ser mesquinhas, as duas nem usam mais esse nome. Ela é sua irmã, sangue do seu sangue. Vocês cresceram juntas. Será que vocês não sentem nada? Não consigo ver que tipo de mães estão sendo, ensinando seus filhos a não amarem os próprios irmãos.

– Só porque o senhor e seus irmãos parecem uma gangue, não significa que todos se comportem da mesma maneira – respondeu Alina de forma seca.

– Independente da droga de conceito de família que os Barton ensinam, ela é sua irmã, queira você ou não. Nesse caso ela quem não devia querer – respondeu Brice que se lembrava perfeitamente

da forma como Annelise era tratada e todas as vezes que a amparou enquanto chorava e por culpa dos seus familiares.

– Não queremos mais ser lembradas de parentes que se comportam como rameiras! O senhor devia ter vergonha de procurar por ela! Espero que ela tenha desaparecido e nunca mais a encontre. Foi com a sua ajuda que ela sujou um pouco mais o nosso nome ao ir morar longe daqui. – Continuou Alina.

– Agora eu entendo porque seu marido mora em um hotel. Sabia que ele não precisa de você para pedir o desquite? – Ele indagou com petulância apenas para disfarçar o nojo que sentia dela. Seus irmãos eram preciosos para ele e não importava o que fizessem, jamais iria fingir que não existiam. Era pavoroso sequer pensar nisso.

– Papai deve saber... – Murmurou Iana, parecendo envergonhada.

– Fique quieta! – Interrompeu Alina.

– Onde está seu pai? – Ele dirigiu-se a Iana. – Não está em casa, já fui até lá.

– Onde mais? – Disse Iana com um sorrisinho irônico. – Na casa da viúva.

– Cale a boca, Iana! Por que você sempre tem que abrir essa matraca? – Brigou Alina.

– Porque apesar de tudo, eu sinto falta dela. Gostaria ao menos de saber se ela está viva e bem – a irmã do meio foi andando até sua bolsa, parecia uma menina mal criada que fazia birra. Então a pegou e passou rapidamente, indo para a porta.

Brice aproveitou aquele momento de discórdia entre as irmãs e seguiu Iana até a calçada.

– É a casa da Sra. Reed, não é? – Ele perguntou, apenas para confirmar.

– Sim. Mas não diga que eu contei. E se souber qualquer coisa dela, mande-me uma mensagem. Terei mais paz de espírito – ela disse antes de seguir pela calçada, afastando-se da casa da irmã mais velha.

Minutos depois, ele forçou a entrada na casa da Sra. Reed, pois o empregado não queria deixá-lo entrar. Brice correu escada à cima, parou e seguiu para o quarto onde escutou barulhos. Abriu a porta e encontrou Iverson literalmente com as calças nas mãos. Ajoelhado e usando apenas as roupas de baixo, o homem parecia estar participando de algum joguinho sexual com a Sra. Reed que se sentava na cama, usando apenas espartilho e meias. Ela fumava um cigarro enquanto dizia a ele o que devia fazer por ela.

– Oh Deus! – Eleonora soltou uma baforada do cigarro manufaturado que fumava. – Pelo menos não é nenhum outro amante traído.

– O que? – Exclamou Iverson, pulando imediatamente de pé. Rápido demais para alguém com quase sessenta anos. Assim que viu Brice, ele ficou tão mortificado que nem conseguiu se mover.

– Não se de ao trabalho – disse Brice, entrando mais no aposento. – Não vou tomar muito seu tempo, nem precisa recolocar as calças – ele piscou para a Sra. Reed que piscou de volta – Quero saber onde está sua filha mais nova.

Recuperado, Iverson tratou de colocar as calças para pelo menos ter alguma dignidade enquanto falavam.

– Não sei de quem você está falando e muito menos por que isso lhe interessaria.

– Não importa o que acha, é do meu interesse. Onde ela está?

– Não faço ideia e também não quero saber. Aquela...

– Vai mesmo ofender a sua filha quando eu o peguei sem as calças e de quatro? Eu pensaria duas vezes – Brice interrompeu, mantendo uma postura impassível.

Iverson ficou vermelho, de raiva e constrangimento. Ainda mais porque a Sra. Reed continuava sentada no mesmo local, nem se preocupara em cobrir a quase nudez e ainda se divertia com a situação.

– Não sei dela, rapaz! Vá embora e esqueça aquela garota perdida.

Brice já estava irritado e frustrado o suficiente para que sua paciência continuasse a mesma e na verdade, ser paciente não era exatamente uma de suas qualidades. Ele andou até o homem e agarrou-o pelo pescoço já que ele não usava camisa.

– Não é aquela garota. É sua filha! Diga o nome dela. Vamos! Diga o nome dela! – Balançou o homem no lugar.

– Annelise... Aquela desgraçada se chama Annelise!

– Desgraçado é você! – Empurrou-o para trás e Iverson encontrou apoio na cômoda onde bateu.

– Só não o mate – intrometeu-se a Sra. Reed, mas continuava no mesmo lugar, apenas assistindo e fumando.

– Onde ela está? Diga logo, estou acordado há mais de quarenta e oito horas, é bom não confiar no meu bom senso.

– Não sei! Essa é a verdade, eu mandei que ela ficasse longe daqui. Ela deve ter ido atrás de algum parente ou conhecido da mãe. Talvez em Boston... Louisiana... Texas. São muito espalhados.

Brice agora se achava um tolo ingênuo por imaginar que ela ainda estaria em Southampton. E se estivesse? O que ele iria lhe dizer? Na verdade, ele não fazia ideia do que diria ou como faria se tudo nela houvesse mudado. Primeiro precisava achá-la e descobrir algum jeito de reparar o que fizera, duvidava que o coração dela estivesse menos partido que o dele. Isso, se ainda tivesse essa chance. E se ela já amasse outra pessoa? Ele ia ter que voltar e deixá-la ser feliz em paz e sem que ele criasse mais confusão na vida dela.

– Eu só não imagino para que você quer encontrá-la. Afinal, estava desesperado para se livrar dela. Ao ponto de confessar para sua noiva que estava a traindo. Eu fui obrigado a escutar desaforos dela para obrigá-la a ir para longe da sua esposa! E agora você está atrás dela novamente. Se Annelise fosse diferente, eu iria acreditar quando ela disse que não estava o perseguindo.

– Você fez o que? – Brice agarrou Iverson praticamente pela pele que sobrava em seu peito e ele gritou de dor, a fúria nos olhos dele deixou o homem com medo.

– Não o mate! – Lembrou a Sra. Reed, agora se mexendo, caso precisasse separá-los.

– Você estava desesperado para salvar o noivado! – Justificou-se Iverson. – Vivian me contou!

Brice obrigou Iverson a lhe dizer o que Vivian dissera e o que ele foi dizer a Annelise. A Sra. Reed precisou chamar seu empregado para ajudá-la a tira-lo de cima de Iverson que quase teve seu pescoço arrancado. Agora mesmo que Brice não teria a menor chance de reparar tudo aquilo. Começava a realmente entender o sentido da palavra arruinado.

No sábado de manhã, Brice estava dormindo no seu antigo quarto na casa onde agora Dane morava sozinho. Ele havia apagado lá depois de mais dias de busca infrutífera. Havia um bebê na casa, ele não fazia ideia de que bebê era aquele, alguma confusão que seu irmão arrumou, pois ele disse que a criança não tinha mãe. Mas estava tão cansado que sequer conseguiu pensar em obrigar Dane a se explicar.

– Mas que diabos! Já não basta seu irmão descobrir que tem uma filha, agora você se mete aqui também! Espero que não tenha bebido! Essa casa está virando um antro! E está tudo imundo! Não é ambiente para uma criança! – Brice escutava a mãe dizer enquanto ela afastava as cortinas com força e saía andando. Ao fundo ele ouviu o choro da criança.

– Filha? – Brice pulou da cama, lavou-se rapidamente e quando estava acabando de se vestir a porta abriu novamente.

– Você sabia dessa nova maluquice de Dane? – Allen já entrou falando e nem bateu.

– O que você foi dizer a eles, Brice? – Dane entrou no quarto também, parecia agitado e irritado.

– Eu apaguei aqui, lembra-se?

Logo depois Emma entrou carregando um bebê que ela balançava com a experiência de uma mãe de dois filhos ainda pequenos.

– Ela não é uma graça? Tem os olhos da família. Qual é o nome dela, Dane?

– Eu sei lá nome dela! Olhe o bilhete! – Respondeu Dane e ele nunca pareceu tão preocupado, ele era o único da família que não se importava com nada.

Ao som das botas sobre o piso, eles já até sabiam quem estava vindo com aquele andar lento, pois todos os outros na casa estavam andando tão rápido que pareciam fugitivos. Harlan Wincross entrou no quarto e olhou os filhos, a nora e o bebê no colo dela.

– Feche as calças – ele disse a Brice.

O filho do meio apressou-se a não só fechar as calças como terminar de abotoar a camisa e arruma-la no lugar. Ele também passou as mãos no cabelo castanho que estava com as ondas todas espalhadas para cima. Seu pai e irmãos tinham o mesmo tipo e cor de cabelo, sendo que o pai já estava repleto de fios brancos.

– Que história é essa de você estar indo embora? – Ele perguntou a Brice.

– Pelos diabos, Brice! Você vai aprontar logo agora? – Emma olhava-o enquanto balançava levemente o bebê que estava muito entretido com seu cabelo loiro. Ela acabou cansando e foi até Dane dar-lhe a criança. Ele a balançou e virou o rosto, sem saber o que fazer e estranhamente a pequena criaturinha já estava apegada a ele,

reconhecendo-o como a primeira pessoa que viu desde que chegou aquele lugar estranho.

Ninguém perguntou como Harlan sabia disso, desde crianças que os irmãos haviam desistido de descobrir como o pai sabia das coisas antes que eles contassem.

– Eu tenho que encontrar Annelise – ele disse, resumindo tudo. E era óbvio que agora a família toda já sabia da história e sem precisar do auxílio dele.

– Ah, meu Deus! – Emma tampou o rosto com a mão livre.

– Eu lhe disse para não se casar! – Acusou Dane que balançava a cabeça e virou o rosto tampando a boca com a mão. Era bom ter o problema de outra pessoa para pensar.

– E aquela matraca da sua esposa e a víbora da mãe? Já conseguiu o desquite? – Perguntou Allen.

Seguiu-se um falatório no quarto, Harlan saiu e voltou com papel e uma caneta tinteiro. Ele anotou algo e deu a Brice.

– Procure por esse homem. Diga-lhe que eu indiquei, ele terá os melhores detetives – disse Harlan dando o papel com nome e endereço.

Brice partiu para Boston alguns dias depois e levando Sarah. Só assinariam os papéis de desquite quando chegassem à casa do tio dela, onde ele a deixaria. Já haviam arrumado tudo, o tio era irmão do pai dela e se achava no direito de não contar nada à megera que era sua cunhada. Vivian acabou sabendo que eles iam viajar e nem lhe disseram. Apareceu lá na última hora e estranhou a enorme quantidade de bagagem. Parecia que estavam levando a casa inteira

e todos os seus pertences. Era quase tudo de Sarah, itens pessoais e o guarda-roupa novo. Brice pretendia viajar com pouca coisa.

– Eu sei o que você fez, Vivian – ele disse a ela, antes de subir na carruagem. – Pode ter arruinado minhas chances de retomar a vida que eu deveria ter seguido. Mas agora estou levando sua filha embora e darei a ela a chance de viver de verdade. Ou seja, sem você.

– Você não vai encontrar aquela perdida. Deve ter ido parar em algum bordel e a essa altura já morreu em um beco sujo – respondeu Vivian, o ódio estampado em seu rosto.

Brice tinha calafrios só de pensar nisso.

– Torça para que sua morte seja rápida. Porque pelo número de boas ações que você fez na vida, sofrimento vai ser pouco para descrever.

– Seu grosseirão de uma figa! Devolva minha filha! Eu nunca deveria tê-la deixado casar com alguém da sua laia! Você e sua família são todos farinha do mesmo saco podre! – Ela gritava da calçada.

– Com muito orgulho! – Ele gritou, agarrado a porta da carruagem que já partia.

A busca em Boston não deu em nada e ele ficava cada dia mais frustrado. Em breve a palavra mudaria para desespero. Era como se estivesse aquecendo tudo isso em fogo brando por mais de um ano quando estava preso e impossibilitado de sequer mexer aquele caldo. Mas de repente, alguém ligou todas as fornalhas no máximo e

começou a mover o caldo até que ele desse o ponto. Estava a prestes a talhar.

Sem preocupação alguma com dinheiro, ele encontrou o homem indicado no papel que seu pai lhe deu e contratou os melhores detetives que a Agência Pinkerton tinha para casos pessoais como esse. Ele mandou que colocassem todos que estivessem disponíveis no caso. Eles voltaram à Nova York e seguiram o rastro da garota, seria difícil, pois eram pistas que já estavam frias há um ano e meio. Mas era por isso que aquela era a melhor agência, eles encontrariam. Brice tinha fé nisso, mas continuou procurando pelos seus próprios meios.

Capítulo 3

Junho de 1887

Marble City, Condado de Blanco, Texas

O caminho acidentado estava precisando ser nivelado, alguma criança podia cair ali e ralar o joelho, machucar as mãos ou algo pior. Annelise decidiu que usaria mais um pouco de suas economias para pagar a alguém que fizesse aquele trabalho. Cheia de disposição, ela seguiu o caminho para a pequena escola, ainda estava bem cedo, mas mesmo assim já encontrou alguns pais levando as crianças para mais um dia de aula. Ela ficou muito feliz com o interesse que o povo daquela cidadezinha demonstrou pela escola.

– Bom dia, professora! – Saldou a pequena Isabel, sua melhor aluna. Ela era filha mais nova dos Alvez, uma das várias famílias de descendência mexicana que havia permanecido no território e migrado para a pequena cidade escondida perto do rio Pedernales.

– Bom dia! – Passou a mão pelo cabelo negro da menina e sorriu para Jacy, mãe de Isabel.

Annelise encontrara algo que realmente gostava de fazer. Ensinar. Ela completara os estudos no melhor colégio para moças de Nova York, sempre foi uma ótima aluna e mesmo com as faltas que teve no final, ela conseguiu retomar. Ver os rostos iluminados daquelas crianças a cada nova descoberta era um presente. E havia tantas crianças naquela cidade, a população era jovem e estava em constante renovação.

Várias famílias se mudaram para lá nos últimos anos e todas traziam seus filhos. A maioria ficava brincando pela rua, ajudava em algum trabalho e no máximo eram ensinados em casa nas famílias que tinham mais instrução. E eram poucas. A cidade estava em desenvolvimento, girava em torno do trabalho duro, do gado e plantações de frutas e algodão. Agora que estava ganhando modernidades que nas grandes cidades do norte já eram costumes.

Desde que Annelise chegara ali já haviam aberto mais duas lojas, mas nada cheio de luxo. Até os saloons foram reformados recentemente e estavam maiores. Havia a cadeia local, o fórum, a prefeitura, a mercearia e espaços para alugar ou comprar e construir. Precisavam de tanta coisa, mas Marble City estava mesmo crescendo, já devia ter mais de mil habitantes em volta daquela área e para os padrões locais, isso era bastante. A maioria estava espalhada, apenas umas duzentas pessoas viviam no coração de Marble. E como ficava entre outras cidades, era uma rota muito frequentada, uma estação de trem ficava ali. Sempre havia muitas pessoas de passagem, os viajantes desciam em Marble para depois seguir seu rumo a cavalo, de carruagem, carroça ou mesmo a pé. Portanto, havia dois hotéis na cidade. Cada um servia a um tipo de viajante.

Agora Annelise era a professora querida da comunidade. Usara a maior parte de suas economias para construir aquela escola pequena, mas que fora um impacto enorme na cidade. Havia apenas duas salas, banheiros e área externa. Não sobrara muito dinheiro depois de comprar mesas, cadeiras, livros, quadro e material para as crianças. Os pais colaboravam com o que podiam para comprar o necessário para cada criança. Mesmo assim, era tudo bem rústico. E ela também precisava comprar itens para seu próprio estudo, pois

descobriria que precisava saber muito mais para suprir aquelas mentes curiosas.

Ali ninguém sabia dos seus problemas, nem de sua reputação arruinada. Em Marble City ela era a professora dos pequeninos e ninguém deixaria que lhe faltassem com o respeito. Annelise era reservada, não se envolvia com homem algum para que não falassem dela. Em parte era uma espécie de trauma pelo que passou e por outro lado, não havia muitos partidos disponíveis ali que pudessem interessa-la. Além disso, como professora precisava manter o bom exemplo para as crianças. Ela ensinava todos os maiores de seis anos, os pequeninos podiam ter aula com Sweet Alice ou com Paulie, duas idosas que eram voluntárias na escola.

Com o dinheiro da venda da casa de praia, Annelise pode reformar a casa onde morava agora. Tio Rolfe era dono de uma grande fazenda nos arredores da cidade e tinha uma casinha perto da estrada para Marble, mas esta precisava de reformas. Ela pôde ficar lá, reformou e era onde vivia. Se fosse em Nova York, todos falariam mal dela por morar sozinha, mas ali, era apenas a professora adorada e protegida da velha Sweet Alice. Ela estava feliz por finalmente não ser mais julgada e ser dona de sua vida e de suas decisões. Procurava não se lembrar do passado, pois seu coração insistia em doer quando o fazia.

– Hoje, vamos aprender sobre a história do feijão rebelde – ela anunciou para a turma. Não havia idade certa para seus estudantes. Eram crianças entre seis e doze anos. Mas estavam todos no mesmo nível, precisando aprender as mesmas coisas. – Peguem papel e lápis, nós vamos ler e copiar.

Quando Annelise chegou ali foi acolhida por Sweet Alice. Ela havia ido buscar abrigo com Teodora, a única tia por parte da mãe

que ela conheceu. Assim que deixou Nova York, ela ficou uns dias em Ohio, mas acabou tomando coragem e pegou o primeiro trem que a levasse para o sul. Conseguiu chegar a Austin, capital do Texas, onde encontrou a irmã de Teodora, quase ficou por lá, mas resolveu seguir em frente. Ao chegar a Marble City, soube que ela também se mudara de lá, para a cidade seguinte, mais perto do rio e da fazenda onde vivia. A vida em Nova York havia afastado sua mãe e sua tia, principalmente quando Teodora resolveu voltar para o sul.

Apenas ao por os pés em Marble, Annelise descobriu que Teodora era neta de Sweet Alice e morrera há um ano de uma doença grave no coração. A essa altura Annelise já estava exausta, suja e não acreditava que chegara sozinha até aquele fim de mundo. Não levou mais de uma semana para ela descobrir que podia ser útil naquela cidade em desenvolvimento. Sweet Alice, com sessenta e três anos era a mais querida da cidade. Também já fizera tudo que podia por Marble e ajudava a todos da maneira que dava. Era carinhosa e olhava as crianças menores quando as mães também precisavam partir para o trabalho nos campos. Agora ela podia olhar todas na escolinha.

O trem passou por Pedernale Falls e do vagão dava para escutar o barulho da água correndo ali por perto. Logo a frente, já era possível ver a estação humilde de Marble City, assim como os campos ainda floridos e belos. Havia alguns homens esperando na plataforma de pedra e madeira. Brice foi avisado que deveria descer ali. Quando saiu do trem levava a jaqueta na mão, descobrira que aquela área era bem mais quente. Seus ternos estavam escondidos na bagagem, usava calça, camisa e botas como os homens daquela região. A barba por fazer dava-lhe um ar mais rude, perfeito para o local que estava desembarcando. Certamente seria olhado com desconfiança se desembarcasse naquele lugar com um dos ternos finos, feitos nos

alfaiates mais caros do norte, que era obrigado a usar no trabalho em Nova York.

Os agentes da Pinkerton, abençoados fossem, deram-lhe todas as informações que precisava e muitos extras. Era por isso que ele estava sendo esperado na estação. Brice viera disposto a lutar, sabia que seria derrotado em muitas batalhas, mas não pretendia desistir. E para dar as caras num local como aquele, só com um plano muito bom.

– Sr. Wincross, é um prazer recebê-lo. O senhor é a resposta as nossas preces – o homem estendeu a mão para cumprimentá-lo. – Sou Evander Clemmons, prefeito da cidade.

– O prazer é todo meu, Sr. Clemmons – Brice apertou-lhe a mão.

– Este é o Sr. Rolfe, xerife da cidade. Ele e seus homens protegerão seu banco.

Brice cumprimentou Reynold, filho mais velho do Tio Rolfe. Por trás deles, carregadores e policiais tiravam do trem tudo que Brice trouxera para abrir a filial local do Banco Wincross. Seria a segunda do Texas, já havia uma em Houston que era bem longe dali. As cidades da região já haviam feito vários pedidos para que um banco fosse aberto no local, mas nunca eram atendidos. Os vilarejos e cidades próximas precisavam de um banco com urgência, o comércio local precisava aumentar assim como os proprietários de terras precisavam movimentar seus lucros em bancos e não embaixo do colchão. Nem Austin tinha um lugar como esse para eles irem. E qual o melhor local do que a única parada do trem entre quilômetros intermináveis de terra?

– Estou muito interessado nessa área. Eu lhe disse na carta que pretendo ficar por aqui, ao menos um tempo – disse Brice, andando ao lado do prefeito.

– Ah, temos um hotel que deve servir. Tenho certeza que o Sr. Boyd lhe dará o seu melhor quarto – disse o Sr. Clemmons, muito interessado na permanência de Brice.

O banco não iria abrir imediatamente, o cofre precisava ser devidamente instalado, Brice tinha que olhar o local e contratar os seguranças, mesmo que um dos guardas fosse ficar tomando conta da área. Já tinha os dois empregados de que precisaria para começar: Alvin, filho do Sr. Tanner, dono do único escritório de advocacia da cidade e de toda redondeza. E o Sr. Ivan, um contador aposentado que herdou um pequeno sítio do pai e estava precisando muito do emprego.

– Não se esqueçam de fazer a lição de casa. Devem me contar o que fariam se tivessem um feijão rebelde. E não adianta dizer que iriam comê-lo! – Dizia Annelise enquanto as crianças arrumavam suas coisas e se despediam aos gritos antes de saírem correndo pela porta lateral da sala que dava direto no jardim que ela mesma plantara e estava finalmente florescendo pela primeira vez.

Sweet Alice já havia descido com Tio Rolfe que costumava lhe dar uma carona na charrete ou mandava alguém. Ele sabia como a velha senhora tinha dificuldade para descer aquela estradinha que dava nos arredores do lado sul da cidade, onde ela morava. Era um caminho curto a pé, mas de charrete era preciso dar a volta. Annelise costumava ficar até mais tarde na escola, sempre tinha o que fazer, arrumava e limpava tudo. Depois preparava o que seria a aula do dia seguinte e até esquecia-se do tempo. Ficar na escola ocupava sua mente e ela sabia como precisava disso.

– Eu soube que fica aqui até tarde e depois desce sozinha por esse caminho perigoso.

Annelise virou-se imediatamente, foi tão rápido que nem deu tempo de entrar em choque e arregalar os olhos. Apenas ouviu-se dizendo:

– O que diabos você está fazendo aqui?

Ela gritou isso. Foi sua maneira de externar o assombro e surpresa. Estava agora mesmo agradecendo por aquela escola e por seus alunos dedicados que tomavam seu tempo e alegravam sua vida quando ela estava triste. E agora estava tendo ilusões? Como isso foi acontecer?

– Eu pensei em acompanhá-la até a cidade – respondeu Brice, olhando-a atentamente, afinal ficara tempo demais sem poder fazê-lo.

Ela ainda estava em choque. Nem conseguia sair do lugar ou provavelmente já teria saído correndo, achando que ele era uma assombração. Sua respiração chegou a ficar irregular. Por outro lado, Brice estava lá de pé sob o batente da porta, olhando-a seriamente, ele nem piscava.

– O que você está fazendo aqui? – ela tornou a perguntar, lutando para parecer calma e no controle da situação.

– Vim atrás de você – ele disse a verdade nua e simples.

– Como você me achou? – Ela levantou a mão, impedindo-o de responder. – Não... Foi uma pergunta tola. Você tem meios para achar alguém. Pois bem, já me encontrou. Pode ir embora agora – ela estava falhando miseravelmente, com certeza parecia fora de si.

Ele apenas balançou a cabeça, já viera preparado para ser mandado embora milhões de vezes. E nesse momento ainda sentia-se como naquele dia quando a descobriu escondida no hotel, batendo a porta com o coração acelerado, sem ar, o suor descendo frio por suas costas. Estava nervoso por vê-la novamente, suas mãos estavam suadas, ele não conseguia parar de olhá-la.

– Não posso ir – ele disse de forma simples.

– Dê seu jeito. Você sabe ir embora quando precisa. Eu sei disso – ela soltou, sem conseguir sem conter, mesmo que não devesse ter dito e sabendo que o acusava injustamente. Afinal, eles concordaram com o fim. Mas depois do que ele fez quando terminaram, simplesmente precisou jogar essa na cara dele. Como ele se atrevia a aparecer ali? Ainda nem podia acreditar, sabia que suas mãos estavam tremulas, mas não ia deixá-lo notar.

Brice também preparara o seu orgulho para ser insultado, humilhado e tudo mais que ela pudesse fazer para magoá-lo e impedi-lo de lutar por ela. Mas nada disso iria detê-lo. Não podia dizer que não doía, mas ele merecia a sua parcela. Iria aguentar e superar, a história deles era assim. Começara com superação e continuaria assim.

– Não posso, agora eu trabalho aqui – ele disse quase com satisfação, só por saber que veria aquela expressão de puro espanto no rosto dela.

– O que? – O pânico na voz dela era palpável.

– Sim, vou abrir um banco nessa cidade. Eles já cansaram de pedir por isso. Não há nenhum por toda essa área. Sabia que é preciso viajar até Houston para achar um?

– E eu imagino que você tenha vindo apenas para atender aos pedidos dessa cidade enorme e populosa – ela respondeu com ironia.

– Não. Se você não estivesse aqui, talvez eu nunca colocasse meus pés nessa cidade. Pense pelo lado bom, você foi responsável por mais uma melhoria local.

– Você não sabe de nada! Vá embora! Eu não deveria sequer dirigir a palavra a você – ela passou por ele foi descendo pelo caminho acidentado devido às pedras. Annelise ainda não estava recuperada do choque, só de olhar para ele tudo que sentira voltara. Especialmente a dor de constatar que não só fora preterida, como ele acusara-a de persegui-lo. O desgraçado ainda dissera já estar cansado dela e pisoteara sobre seu nome na lama apenas para poder se casar com aquela esnobezinha metida a besta e cheia de vontades. Esperava que ele estivesse comendo o pão que o diabo amassou na mão dela.

Brice foi descendo atrás dela.

– Pare de me seguir! – Ela reclamou.

– Não vou falar se não quiser, mas vou descer com você.

Fechando os punhos, Annelise desceu o mais rápido que conseguia, desesperada para fugir dele. Recusava-se a olhar para trás e mantinha os olhos atentos ao caminho, pois também não queria cair e ter de suportar a ajuda dele. Assim que viu sua pequena casa, ela se controlou para não correr. Subiu os dois degraus e entrou, batendo a porta imediatamente. Ela respirou fundo e andou pelo pequeno cômodo que era sua sala, sentou-se no sofá de dois lugares e manteve as mãos apertadas sobre o colo.

Não podia ser, não estava acontecendo. Ela teve algum tipo de ilusão. Era impossível que Brice estivesse lá. O que ela ia fazer? E por que ele estava ali? Só teria essas respostas se falasse com ele e no momento, queria fingir que não o vira há apenas minutos. Tudo que conseguiu esquecer estava de volta. Seu passado de humilhações e vergonha entrara em sua nova vida e o lado quebrado do seu coração voltara a doer.

Já havia se passado vinte minutos e Brice continuava parado do lado de fora do jardim da pequena casa onde Annelise morava agora. Ele não se movia, apenas olhava em direção a porta por onde ela desaparecera. Agora acreditava que havia finalmente a encontrado. Ele não tinha exatamente um plano, ia apenas tentar que ela parasse de fugir dele como o diabo foge da cruz, para então começar a lhe dizer que fora tudo mentira. Claro que ela não acreditaria, mas ele continuaria afirmando. Já aprendera sua lição, não adiantou nada ter mantido sua palavra e honrado seus compromissos enquanto sentia-se como lixo. Seu coração ia ditar as regras dessa vez, passara mais de um ano em uma vida medíocre por ignorá-lo completamente.

Pela manhã, Annelise abriu apenas um pedaço da porta da casa e espiou para o lado de fora, como viu que não tinha ninguém lá, achou-se uma tola. Óbvio que ele não estaria ali. Aquilo foi fruto de sua imaginação. Ela seguiu seu caminho de sempre, dessa vez mais devagar, pois a noite mal dormida atrapalhava sua concentração.

Aquele dia foi atarefado para Brice, ele chegou cedo ao seu novo banco, ajudou a instalar tudo para preparar a inauguração e deu treinamento para seus novos funcionários. Os guardas provisórios dariam conta do recado até que contratasse outros. Semanas antes os construtores haviam chegado para fazer as mudanças na loja da rua

principal onde ficaria o banco. Eles praticamente colocaram o lugar a baixo e levantaram paredes grossas e fortes, além de uma estrutura diferente de todo o resto da cidade. Até a calçada era de pedra ao invés de madeira. Todos da cidade ficavam passando em frente, para ver as mudanças feitas.

O hotel onde Brice estava hospedado era o melhor da cidade, ou seja, o menos humilde. Não havia nada dos luxos aos quais ele estava acostumado, mas ele não estava se importando com isso. Quando pegou aquele trem rumo ao Texas, ele foi disposto a mudar sua vida, construiria uma nova onde fosse para ter sua segunda chance. Já estava confortável com a mudança de temperatura e as roupas mais simples também eram mais práticas. Ele fora criado viajando, um clima diferente e um pouco de poeira e vegetação não iam detê-lo.

– Patrão, onde coloco esses papéis? – Perguntou o Sr. Ivan.

– Na segunda gaveta da minha mesa – respondeu Brice, após dar uma olhada.

O escritório dele, na parte de trás do pequeno banco, era tão mais simples do que o outro que usava em Nova York que a comparação era inválida. Mesmo assim, ele entrou no cômodo, olhou em volta e apenas enumerou mentalmente os itens que faltavam para que ficasse perfeito. Substituiria as cadeiras por poltronas para seus clientes, todos eles, dos mais ricos aos mais pobres se sentariam ali e se sentiriam iguais. Janelas maiores também deixariam Brice satisfeito, afinal se estava em uma cidade no meio do campo, queria aproveitar o ar puro e a brisa que vinha dos campos que em breve perderiam suas lindas flores azuis.

– Você viu, Annelise? Nossa cidadezinha está realmente entrando no mapa. Agora vamos ter um banco! É uma benção! – Comentou Sweet Alice, enquanto terminavam de ajeitar as crianças menores. A idosa estava sempre acompanhada por Manchinha, sua cadela inseparável que agora descansava embaixo da mesa e às vezes levantava uma das orelhas. Ela tinha esse nome por ser branca, apenas com uma mancha negra bem no meio das costas. Todos na cidade conheciam aquela cadela e sabiam que onde ela estivesse, era sinal de que Sweet Alice estava por perto.

– Sim... – Resmungou, lembrando-se do motivo para terem um banco.

As crianças estavam muito agitadas naquele dia, o que ficou ainda pior pelo estado alterado dos nervos da professora. Então ela deixou todos irem embora uns minutos mais cedo, geralmente ficavam um pouco mais e brincavam em volta do local, mas hoje ela inventou que cairia uma chuva de formar rios e despachou a criançada toda.

– Você está distraída hoje, querida – comentou Sweet Alice, enquanto Annelise ajudava-a a levar as crianças pequenas para o lado de fora. Eram seguidas por Manchinha que costumava brincar muito com os maiores.

– Só estou com sono – ela não achava que precisava contar sobre Brice, ainda esperava que ele não ficasse ali e tinha esperanças de ter apenas sonhado com ele. O que nas atuais circunstancias seria mais como um pesadelo.

Uma hora depois quando ela desceu pelo mesmo caminho, mas dessa vez em direção à cidade, descobriu que não estava sonhando. Brice estava lá esperando. Ainda de longe, Annelise deu uma boa olhada nele e achou muito estranho vê-lo enfiado naquela calça, com

botas rudes e camisa dobrada no antebraço. Ele parecia tão longe daquela figura bem arrumada e soberba com a qual estava acostumada. Não que ele fosse assim quando estavam juntos, foi um dos motivos por gostar dele. Brice se desconstruía quando estavam sozinhos, o problema é que a desconstrução foi tão intensa que ela quem saiu quebrada da relação.

Só que para seu azar, ele continuava aquele desgraçado atraente, muito masculino, alto e com aqueles ombros largos e ela podia imaginar que seus braços continuavam tão rígidos quanto antes, assim como todo aquele corpo firme e forte que ela conheceu cada pedacinho. Ser pressionada contra ele era tão bom e ela se odiava tanto agora por ter se lembrado justamente disso. Nunca mais queria pensar nele dessa forma, nunca!

Annelise passou por ele, decidida a ignorar sua presença e ele apenas a seguiu o que a deixou irritada. Antes que começassem a andar pelas calçadas de madeira da cidade, ela parou e virou-se para ele.

– Vá embora!

– Não.

Diante do tom tão calmo dele, ela retomou a compostura e deu a próxima ordem no mesmo tom que ele usou.

– Pare de me seguir.

– Sabe, o xerife disse que é perigoso descer sozinha. Até comentou que a professora não devia ficar andando por aí após o anoitecer – disse Brice, ignorando o que ela disse antes.

– Seu hipócrita mentiroso – ela disse entre os dentes.

Brice ia responder quando foram interrompidos por duas senhoras que passaram e deram boa tarde, além de perguntar a Annelise como ela estava passando.

– É melhor você voltar para Nova York. Eu não vou mais passar por aquilo. Nunca mais serei a segunda opção de um homem. Minha vida mudou e eu agradeço se não destruí-la. Dessa vez eu não pedi por isso.

– Não vou voltar para lá, estou feliz por ter me mudado. Sou um homem livre, aprendi com meus erros e não estou procurando uma amante.

– Todos os homens são livres dessa maneira. Onde está sua adorável esposa? Espero que não tenha me difamado a toa e deixado-a largada lá!

Novamente eles foram interrompidos, dessa vez por Reynold, que parou perto deles, olhando-os e sem conseguir entender que tipo de conversa aqueles dois recém-conhecidos podiam ter para se encarar tão firmemente.

– Ah, vejo que já conheceu a nossa professora principal – disse Reynold. – Ela é uma das joias da nossa cidade – o xerife sorriu para ela e lhe disse que sua esposa havia pedido para convidá-la para o almoço de domingo.

– Sim, já tive a honra – respondeu Brice, sem denunciar-se. Era esperto o suficiente para saber que se desse com a língua nos dentes agora, podia esquecer suas chances com Annelise.

– Aproveito a oportunidade para convidá-lo também. Afinal, um recém-chegado precisa começar a conhecer as pessoas. Meu pai e

minha esposa estão muito curiosos.

Annelise rangeu os dentes e olhou para Brice de forma ameaçadora, implicitamente lhe dizendo para não invadir seu território.

– Vai ser um prazer – ele respondeu, ignorando o que ela fazia. Ia mesmo precisar de toda a ajuda da sorte e das coincidências.

Naquela noite, Brice jantou no restaurante do hotel na companhia do Sr. Clemmons e do Sr. Damon, o médico da cidade, ambos procuravam saber mais sobre ele. Era como se fosse um ritual de passagem. Se ele ia fazer parte da comunidade, precisava se abrir mais, mostrar quem era, a que veio e contar algo do seu passado. Assim poderiam confiar nele.

Brice já tinha muitas chances com os habitantes do condado inteiro por ter sido o primeiro a atender seus pedidos e trazer um banco para a região, ainda mais um com tão boa fama. Mas não dava para negar, eles queriam saber por que um dos famosos irmãos Wincross ia querer gastar seu tempo em Marble City. Amavam sua cidade, mas sabiam que não era do tipo que atraía pessoas como Brice. Ele podia muito bem ter mandado empregados para abrir a filial, ou apenas vir, abrir o banco e partir no primeiro trem. Mas ao contrário disso, Brice havia até demonstrado interesse por se estabelecer na região. Isso era muito estranho.

– Então, gosta mesmo do campo, não? – Perguntou Clemmons, já estavam servidos e comendo há uns minutos. Essa devia ser a segunda rodada de perguntas e Brice estava colaborando, afinal a única coisa que tinha para esconder era seu envolvimento com a adorada professora da cidade.

– Sim, sempre adorei o campo. Minha época preferida do ano era quando meus pais nos levavam para passar férias na fazenda.

Eles começaram a falar sobre suas famílias e filhos e Brice disse que era desquitado e sem filhos, o que deixou os outros um pouco surpresos. Não era comum ser divorciado, ainda mais por aquelas bandas. Mas ele preferia que soubessem que era livre, para não desconfiarem quando o vissem andando atrás de Annelise. Pensando seriamente, era quase cômico, pelo menos se não tivesse apostado o seu futuro nisso.

No dia seguinte as crianças saíram mais cedo para poderem participar da festa. Ao meio-dia o banco Wincross de Marble City foi inaugurado. Brice cortou a fita e acenou, convidando todos a entrarem. A cidade havia parado para assistir esse grande passo rumo ao desenvolvimento e muitas pessoas de cidades vizinhas haviam vindo também. Havia bebidas e petiscos, além de música da banda formada pelos moradores e que costumava tocar nas festividades locais.

Houve uma grande comemoração quando a primeira conta foi aberta pelo Sr. Clemmons que saiu acenando com um dos certificados personalizados que continha na frente o símbolo dos Wincross. A chegada do banco ia contar pontos pra reeleição dele que apesar de não saber o motivo real da vinda de Brice, havia realmente enviado inúmeros pedidos para um banco na cidade. Melhor ainda foi o banco chegar lá e não em Austin ou nas duas cidades maiores que havia perto.

– Ué, mas você vive dizendo como um banco seria útil para guardar o que sobrou do seu dinheiro – disse Sweet Alice quando Annelise inexplicavelmente não quis entrar no banco.

– Sim, mas não precisa ser agora – ela respondeu, sem ter como dar um motivo e não precisar explicar sua ligação com o dono do banco.

Mais tarde, quando ela saiu da escola, lá estava ele esperando. Dessa vez Annelise conseguiu ignorá-lo sem cair na tentação de discutir e insultá-lo para por para fora toda a mágoa que voltou assim que o viu.

– Eu me separei – foi ele quem falou dessa vez.

– Você disse que não falaria nada.

– Foi um desquite amigável. Não estávamos satisfeitos – ele continuou, se parasse a cada vez que ela lhe desse uma resposta malcriada nunca ia dizer nada e precisava começar em algum lugar. Ela podia querer matá-lo, mas não era surda.

Annelise não respondeu nada e continuou andando, quando chegou em casa apenas entrou e bateu a porta, pensando que se fosse medrosa ia começar a achar que ele estava assombrando-a. Ela soltou o ar ainda pensando nisso e olhou em volta. A sala era o maior cômodo da casa, com um sofá, uma estante de livros e a mesa de jantar redonda que tinha quatro cadeiras, mas era mais confortável apenas para duas pessoas.

A cozinha tinha o necessário para uma moça sozinha, com despensa, um bom fogão e pia que lhe dava trabalho, pois bombear a água demandava força. Por isso, às vezes preferia buscar água lá fora. Depois havia o quarto e um banheiro decente, apesar de a banheira ser pequena demais para o gosto dela. Não havia muitos luxos e comparado às casas em que estava acostumada a morar era quase uma cabana. Mas seguia o padrão convidativo da cidade, era

um local aquecido e forte, com várias janelas de madeira branca que abriam para fora.

Ela deixou-se cair no sofá e tampou o rosto com as mãos. Não podia lidar com ele na mesma cidade que ela. Ter consciência que estavam no mesmo país já era difícil. Ter que vê-lo todo dia era impossível. Era doloroso demais, uma verdadeira tortura tê-lo atrás dela lhe dizendo aquelas coisas que ela adoraria acreditar, mas que ainda estava machucada demais para tentar. Ela não o esquecerá, não encontrara outro amor. Simplesmente não podia lidar com ele.

Ao entrar em seu quarto no hotel, Brice foi abrindo a camisa até sentar-se na cama. Jogou a peça de roupa para um lado, as botas para o outro e deitou-se, colocando as mãos atrás da cabeça. Ele ficou olhando para o teto, pensando no que precisava fazer para se ocupar enquanto não estivesse tentando reconquistar Annelise. Não iria mais trabalhar no banco como uma mula. Isso não faria mais parte de sua nova vida e no último ano, trabalhar foi apenas um refúgio, agora não estava mais fugindo. Era o contrário, estava justamente encontrando seu lugar.

Em apenas três dias na cidade, ele se relacionara com as pessoas de forma mais próxima do que em meses em Nova York. Ali ninguém era apenas mais um na multidão, preso em seu próprio mundo e alheio a todos do lado de fora. Ele já sabia tantos nomes que estava surpreso por lembrar-se de todos eles. Cada pessoa por quem passava na rua olhava-o e reconhecia ou dava um jeito de conhecer.

Ele se levantou, ainda precisava se lavar para o jantar. Ele realmente recebeu o melhor quarto do pequeno hotel, era uma suíte, com um banheiro decente onde ele não ficava batendo em alguma coisa toda vez que se mexia. A banheira era boa, mas ainda não

tivera tempo de ficar imerso na água. Então a usava de forma prática, jogando a água antes e após se ensaboar. No quarto havia a cama de casal, mesa para dois, um armário e uma poltrona perto das janelas.

Na quinta-feira Brice quase não reconheceu Annelise quando viu aquela figura de vestido e chapéu negro entrando na cidade. Ela havia feito algum caminho diferente e ele só a viu quando já estava pegando a rua principal.

– Para que enterro você vai? – Ele perguntou, realmente achando que algo triste acontecera e pensando como era um péssimo momento.

Quando se virou Annelise puxou o véu leve e negro de seu chapéu que cobria levemente seus olhos e a protegia do sol.

– Para o seu. Vou até a igreja rezar por sua alma.

– O que? – Ele exclamou, achando que havia escutado errado.

Mas ela obviamente continuou andando, chamando atenção de algumas pessoas exatamente por estar de preto e até com o curto véu baixado. Brice apressou o passo para segui-la e quando passavam por outros ele tentava disfarçar fazendo uma rápida medida.

– Você não pode estar falando sério!

– Eu resolvi que você é uma assombração. É a única explicação para estar aqui me perseguindo. Você morreu e voltou como um encosto.

– Se eu não fosse a suposta assombração, estaria rolando de rir. Mas...

Eles foram interrompidos quando praticamente deram de cara com a Sra. Clemmons, esposa do prefeito. Ela havia desviado de seu caminho para interceptá-los. Afinal, ela também queria saber o que aqueles dois podiam ter tanto para conversar se nunca haviam se visto antes.

– Meu Deus, Annelise. Você ficou sem vestidos limpos? Eu não soube de nenhum falecimento – disse a senhora, olhando estranhamente para o pequeno véu que saía do chapéu de Annelise, aquela peça cara era herança de Nova York e assim como o resto ficava guardado em um baú.

Os dois ficaram olhando para a senhora que os encarava. Brice olhou para Annelise, esperando ela dizer que ele era uma alma penada.

– Meu pai – ela inventou e fez cara de sofrimento. – É o aniversário da morte dele.

– Ah, querida. Sinto muito – a Sra. Clemmons segurou a mão dela que estava com uma luva de renda negra, a mulher olhou momentaneamente para o acessório. – Você gostava muito dele, não é? Perder os pais é sempre tão...

– Não, ele era um bastardo desgraçado. Um filho de uma vaca que me deserdou – interrompeu Annelise que já estava começando a sentir calor embaixo do sol e com o vestido negro.

– O que? Mas então... – A mulher arregalou os olhos.

– Acho melhor nós irmos, não é? A senhorita ia me mostrar onde fica a igreja. – disse Brice, interrompendo.

– Ah, irei lá logo após – disse a senhora Clemmons. – Farei uma oração pelo seu pai.

– Reze pela alma do dono do banco, ele está precisando ser devolvido ao seu lugar de graça. Bem longe daqui – ela disse, parecendo que falava de alguém que não estava ali.

A pobre senhora ficou olhando enquanto eles se afastavam sem entender porque Annelise havia falado aquilo e achando mais estranho ainda saber que o pai dela havia a deserdado.

– Mas que diabos! Para quem mais você vai dizer esse absurdo. Ao pastor também?

– Eu vou rezar pela sua alma. Estou muito triste com o seu falecimento. De verdade. Mas preciso exorcizá-lo da minha vida. Tenho medo de alma puxando meu pé!

Surpreendendo-a, Brice pegou seu pulso e a segurou no lugar para impedi-la de continuar com aquilo. Em choque pelo toque ela arregalou os olhos ao encará-lo. Desde que chegara ali ele nem havia encostado nela, o que era a base para ela ter inventado que ele era uma assombração. Isso e a necessidade de irritá-lo profundamente.

– Devo ser um fantasma muito forte se a perturbo tanto – ele disse, ainda segurando seu pulso que infelizmente estava coberto.

– Saia da minha vida, Brice! – Ela disse soltando o braço e entrando na igreja rapidamente.

No sábado, Annelise já estava quase enlouquecendo por não por para fora suas frustrações. Brice continuava “acompanhando-a”. Estava na cidade há apenas cinco dias e todos já falavam dele. Os comerciantes em breve iam iniciar um culto para endeusá-lo por ter

dado chances de financiamento a todos eles, além de conselhos econômicos e legais. A notícia de que ele pretendia ficar já se espalhara e as poucas moças casadouras da cidade já estavam com as orelhas em pé, afinal, era o melhor partido que todos ali já haviam visto. Se ele era um dos melhores partidos de Nova York, imagine a sensação que era sua presença em Marble City. Annelise estava a ponto de começar a arrancar os cabelos.

– Seja bem vinda, querida! – Faith, esposa de Reynold, abraçou Annelise quando ela entrou na casa de tio Rolfe.

Era muito comum eles se encontrarem para um almoço de domingo na casa dos Rolfe. Após a igreja alguns dos convidados iam ajudar ou combinavam de aparecer mais tarde.

– Hoje nós temos uma presença ilustre em nosso almoço! – Disse Reynold, enquanto entrava junto com Brice.

Ele já conhecia todos os presentes por terem ido ao seu banco ou tê-los encontrado pela cidade. Só não tivera tempo de conversar com Tio Rolfe e nem Sweet Alice. Eram duas figuras muito amadas em Marble City. Sempre tinham bons conselhos para dar e Sweet Alice já acolhera inúmeras crianças desgarradas que apareceram em sua porta. Hoje eram todos adultos com suas próprias famílias. Tio Rolfe ajudava como podia, antes de haver um banco ele havia ajudado algumas pessoas financeiramente e estas construíram seus estabelecimentos na cidade, como a barbearia, a padaria e o restaurante do hotel onde Brice estava hospedado.

– Este assado está um absurdo de bom – disse Brice. Faith ficou vermelha de alegria por alguém acostumado a restaurantes tão finos gostar de sua comida.

Annelise não havia entrado em detalhes, mas todos sabiam que ela também viera de Nova York e pertencia a uma família de boa condição. Só que não faziam ideia de que era uma família rica que participava do círculo social dos Wincross. Assim, jamais ligariam uma coisa a outra. Tinham até receio de parecerem caipiras demais, achando que pessoas vindas de uma cidade tão grande iriam se conhecer como acontecia em Marble City.

– Tenho certeza que lá no meio da granfinisse você não encontra um tempero desses! – Disse tio Rolfe, piscando para Brice.

– O senhor tem toda razão! – Ele concordou.

– Está calada hoje, Annelise. Geralmente é uma tagarela! – Disse Sweet Alice. – Não diga que está com vergonha da visita. Dentre todos aqui, você é a menos caipira!

Todos riram e Annelise tentou rir também, ninguém notou quando ela e Brice trocaram um olhar.

– Claro que não. Estou apenas observando vocês bajularem tanto o Sr. Wincross – ela respondeu, evitando olhá-lo novamente.

Brice levantou a sobrancelha, quando ela o chamara de *Sr. Wincross*? Certamente não nessa vida.

– Eu quem deveria bajular a todos aqui. – ele comeu mais um pedaço da carne. Estava deixando Annelise irritada por conquistar a todos tão facilmente com seu jeito carismático e educado. Era muito espirituoso e sempre tinha um bom comentário para adicionar ao assunto. Mesmo quando admitia que não entendia de plantações e gado.

– Esse abate é daqui mesmo, da fazenda do Agostine – comentou Reynold e eles passaram a falar das qualidades da região, das fazendas, cidades vizinhas e tudo que Brice deveria saber como novo morador.

Annelise estava procurando um motivo para ir embora mais cedo. Vasculhava sua mente em busca de mentirinhas inofensivas, mas ficava difícil inventar algo para aquelas pessoas que agora a conheciam muito bem. Especialmente Sweet Alice que sabia toda a sua rotina e para quem contava tudo. Ela era a única que tinha ideia de quem ela realmente era e porque viera para Marble, mas não sabia sobre Brice.

– Eu não sabia se você ainda usava o Barton como sobrenome. Por incrível que pareça, ninguém se referiu a você como Srta. Alguma Coisa. Todos na casa a chamam pelo nome e os outros falam apenas da professora – disse Brice quando encontrou Annelise do lado de fora olhando para a cidade mais abaixo.

– Só porque estamos no mesmo almoço, não significa que eu tenha algo para falar com você – ela respondeu secamente.

– Eu estava tentando encontrá-la em algum local em que você não fosse correr por cima das pedras e se machucar – ele continuou, como se ela houvesse lhe respondido outra coisa.

– Sobre isso, eu quero que saiba que eu passo por aquele caminho todos os dias, muito antes de você chegar.

– E pelo que averigui, deixa todos muito preocupados com isso – agora ele a olhou, pois conseguira passar a primeira barreira e fazê-la entrar no assunto.

– Não é da sua conta.

Ela finalmente se virou para ele e o encarou. Odiava ter de olhar para ele. Ressuscitava todas as lembranças que queria abafar. Ele estava ainda mais bonito, mais maduro e aquele visual rústico lhe caía bem, assim como a barba rente que ostentava agora. Estavam do lado de fora da bela casa de campo dos Rolfe, todos continuavam lá dentro apreciando a conversa e a sobremesa. Brice havia dado um jeito de escapar assim que viu Annelise saindo na ponta do pé.

– Por que você veio? – Ela indagou. – Por que logo agora?

– Eu lhe disse, vim por sua causa. E o que tem de tão especial nesse momento?

– Eu tinha finalmente encaminhado uma vida melhor na qual eu me respeitava e estava deixando tudo no passado.

– Annelise, eu não sou motivo para você deixar a vida que tem agora para trás. Eu vim em busca da mesma coisa. Se você tem medo que eu diga algo sobre o nosso passado, fique sabendo que eu prefiro que não saibam como eu fui tolo. Provavelmente não me respeitariam mais. Nós não vamos esquecer o nosso passado, mas não vamos viver a partir dele.

– Eu estava indo muito bem na missão de esquecer tudo! – Disse Annelise, esperando que não tivesse de pagar por essa mentira.

– Era mentira. Quando em sã consciência eu ia dizer que você me perseguia? E por que eu confessaria o que tivemos, quando era tudo que você me pedia para não fazer? Eu aceitei aquele maldito acordo porque era o certo a fazer e não o que eu queria.

A porta que dava para a varanda abriu e Sweet Alice apoiou-se na maçaneta. Eles disfarçaram rapidamente do melhor jeito que conseguiram, mas parecia que havia uma nuvem negra sobre a cabeça deles e seus semblantes estavam tão carregados que demoraram segundos preciosos para sorrir falsamente. E a pulga atrás da orelha de Sweet Alice começou a pular.

– Vim descansar na varanda – ela olhou para Brice. – Mania de velha. Após o almoço eu gosto de tirar um tempinho do lado de fora, olhando a paisagem...

Annelise virou-se para Brice depois que a senhora se afastou e foi sentar-se na cadeira de balanço no canto da varanda. Manchinha que sempre ficava esperando na varanda veio abanando o rabo e foi seguindo sua dona.

– Eu não acredito em você – Annelise disse baixo.

– Eu sei – ele moveu os lábios, quase sem emitir som.

Capítulo 4

Duas semanas depois, os jovens da cidade estavam um pouco enciumados porque todas as moças pareciam só ter olhos para o Sr. Wincross. Não era como se todas estivessem atrás dele para se casar, mas agora queriam que os rapazes locais se comportassem como ele. Queriam que tivessem mais modos, fossem mais gentis, mais educados, limpos, prestativos, arrumados, cheirosos e muitas outras exigências. Tudo estritamente baseado no comportamento do Sr. Wincross, um exemplo a ser tomado e referência do que se fazia na cidade grande. Annelise só andava por aí resmungando que ele era um péssimo exemplo e merecia um soco para entortar aquele nariz bem feito.

Brice só não estava tendo problemas com os outros homens porque agora todos já sabiam que ele só tinha olhos para a professora. Logo descobriram que ele ia acompanhá-la diariamente e coincidência ou não, ele sempre estava onde ela estivesse. E logo a professora, desde que chegou lá nunca deu a menor chance ou mesmo indicação que estava disposta a qualquer tipo de romance. E houve muitos rapazes interessados, mas não davam nem para saída. Ninguém tinha a menor chance com ela, podia dispensar qualquer um num estalar de dedos. E depois se tornou tão respeitada por dar aulas às crianças que os homens também não queriam tentar. Principalmente porque a cidade inteira estaria de olho, vigiando para que o pretendente não fizesse nada de mal para a professora.

Mas então chegou o Sr. Wincross e como dono do banco, recebia algum desconto para ficar de olho na professora. E havia algum pretendente mais adequado? Ele cabia no conceito popular. Em duas semanas virara a celebridade local. Até pacotes de compras das

senhoras ele estava carregando, além de comparecer sempre que lhe convidavam. Quase todo dia uma das senhoras da associação dos idosos ia lhe levar um belo pedaço de bolo no banco. E já até sabiam como ele gostava do café. Isso em menos de um mês. Annelise estava pronta para dar-lhe um tiro!

– O que você está fazendo aqui no meio da tarde? – Annelise indagou a Brice, estavam na sala da escola, as crianças brincavam e lanchavam do lado de fora.

– Pode abaixar as armas, dessa vez não vim importuná-la. Quero falar da escola.

– O que tem a escola? – Ela cruzou os braços, totalmente na defensiva.

– Precisa de reparos.

– Não preciso que me diga isso, eu já notei.

– Eu sei. Mas a escola é da cidade, não é? Eu quero ajudar. Você precisa de uma sala separada para a diretoria. Não existe um espaço para as crianças comerem e o pátio precisa de cobertura para dias chuvosos ou mesmo uma sombra para dias ensolarados como esse. Sweet Alice também me disse que seria bom ter uns berços na sala dos menores. E que tal aumentar a sala, essa parece já estar apertada – ele olhou para as mesas bem coladas que os alunos dividiam.

A cada palavra que ele dizia, o cenho de Annelise ia franzido mais. Até que ela começou a abrir a boca também.

– E de onde você tirou tudo isso? E quando foi que falou com Sweet Alice sobre a escola? – Ela perguntou, exasperada e quase revoltada com as informações que ele tinha.

– Eu venho até aqui todos os dias para acompanhá-la, é obvio que já reparei na escola. E eu conversei com Sweet Alice após a missa. Na verdade, ela veio conversar comigo.

– Eu não acredito nisso – ela balançou a cabeça, até o Sr. Denver, o pastor da igreja do norte da cidade, virara fã dele e Brice nem seguia sua religião. E o padre Raymond já estava até o descrevendo como outra dádiva que a cidade ganhou. A única coisa que lhe faltava era ele conquistar até as lideranças religiosas da área. Annelise definitivamente precisava dar uma pedrada nele, porque não seria capaz de lhe dar um tiro. Ela sentia que enlouqueceria se não jogasse algo na cabeça dele.

– Eu disse a ela que ajudaria – ele continuou.

– Sei!

– Mas não quero que nada mude entre nós. Pode continuar me ignorando se isso vai deixá-la mais confortável. Eu quero ajudar, investir em educação é válido para mim. Vai ajudar essa cidade a crescer.

– Mal chegou aqui e já pensa no crescimento de Marble... – Ela desdenhou, como se ele não estivesse falando sério.

– De fato, essa cidade conquista. Começo a entendê-la – ele passou a mão pelo cabelo e soltou o ar. – O Sr. Clemmons também concordou em alisar aquela estradinha que dá na escola.

– Ótimo, pelo menos você vai parar de me seguir.

– Não conte com isso.

Ela cruzou os braços e virou o rosto. Brice aproveitou para se aproximar.

– Já faz dois dias que eu não reafirmo que era tudo mentira. Eu tenho coisas para lhe dizer, Vivian jamais confessaria mais Iverson contou sobre o dia que foi a sua casa. Eu sei o que ele disse, Annelise – ele parou olhando-a e disse um pouco mais baixo, havia emoção em sua voz. – E por tudo que vivemos juntos, você acha mesmo que eu faria isso com você? Que desdenharia do tempo que passei ao seu lado? Os dias mais felizes da minha vida...

Ela sentiu um calafrio só por lembrar-se daquele dia. E teve de morder o lábio para não perguntar a ele quando falou com o seu pai e o que exatamente aquele maldito disse. Mas dessa vez Brice conseguiu perfurar aquela casca dura que ela construíra contra ele. Maldito fosse.

– Você disse que não veio para isso – ela respondeu, tentando não se esconder embaixo da mesa para não escutá-lo falar daquela forma com ela, sem querer reconhecer que ainda sabia quando ele lhe falava a verdade.

Brice se afastou e andou em direção à saída lateral.

– Programe as férias das crianças para fazermos os reparos – ele disse, voltando ao tom neutro.

– Só estou aceitando isso pelas crianças – ela avisou e voltou para perto de sua mesa.

– Eu sei. Mas convenci o Sr. Clemmons e vamos encomendar alguns livros para começar uma biblioteca aqui na escola.

– Não vou agradecê-lo por isso – Annelise sabia que soava rabugenta.

Ele parou na porta e deixou que umas crianças passassem correndo enquanto gritavam cumprimentos para ele, até o nome dos pequenos ele estava começando a memorizar. Antes de chegar a Marble só conhecia duas crianças, seus dois sobrinhos de quem ele já estava sentindo falta.

– Eu sei que a magoei muito. Ainda mais com a mentira que creditou a mim por todo esse tempo. Mas fora isso, eu era uma pessoa tão ruim ao ponto de você não conseguir acreditar que eu possa fazer boas ações em prol dessas pessoas?

– Não... – Ela balançou a cabeça e sentou-se atrás de sua mesa. – Mas é difícil desassociar a vida pessoal.

Ele apenas assentiu. Era realmente muito difícil, ele foi até lá falar da escola, das crianças e da cidade. Mas quando estava no mesmo lugar que ela só conseguia olhá-la, admirar os detalhes, ansiar e machucar-se ao notar como aquele cabelo castanho parecia mais dourado por ela estar pegando sol, assim como sua pele já não era mais tão clara e seus olhos azul-escuros continuavam os mesmos que ele podia gastar o resto de sua vida contemplando. Sua Anne havia amadurecido muito nesse tempo, estava mais bonita, mais resoluta, adquirira uma teimosia difícil de lidar e ele amava-a mais do que podia suportar.

Havia uma casa antiga nos arredores da cidade, o terreno era amplo e plano, daria para cercá-lo e fazer um belo jardim com muito espaço, uma estufa e um lugar para os cavalos. Brice gostou dele, pertencia a um fazendeiro das redondezas. Ele e a família haviam se mudado para a casa da fazenda e não podiam manter duas

residências, mas ainda não aparecera um comprador. Pois bem, isso já não era mais problema.

– É verdade que o Wincross comprou o casarão? – Essa era a frase do dia na cidade.

– Pior que é! – Respondeu o Sr. Neil, dono do saloon mais respeitado de Marble. – Para ele deve ter sido uns trocados e nós aqui de olhos arregalados com o valor que o maluco do Bold estava pedindo.

– Eu ainda não sei o que um homem rico viu aqui. Até parece que eu viria para cá se tivesse o dinheiro dele – comentou um homem que estava sentado no bar segurando um copo pelo meio com um líquido âmbar.

– Mas você não é rico, James. Não tem como entender a mentalidade deles – o Sr. Neil bateu do lado da cabeça e voltou a enxugar os copos que acabara de lavar.

A notícia já havia chegado até a escola, pois Sweet Alice era muito bem informada. Todos corriam para lhe contar tudo que acontecia na cidade como se fosse dever dela ficar ciente de todas as ações dos moradores.

– Ele fez o que? – Exclamou Annelise, com os olhos maiores que seu rosto.

– Eu falei que essa cidade é mágica, querida. Quem vem para cá nunca mais quer sair – dizia a senhora, toda contente.

Annelise duvidava um pouco disso, pelo menos no caso de Brice, mas preferiu não dizer nada. Afinal, era muita presunção pensar que tudo que ele fazia era por causa dela. Mas também era coincidência

demais. Mais tarde quando ele estava lá novamente para acompanhá-la, ela quem começou a falar, para surpresa dele que fez de tudo para esconder o sorriso.

– Que história é essa de você ter comprado uma casa aqui? – Ela perguntou em tom acusador.

– Eu lhe disse que queria ficar. Mas você não acreditou.

– Você só quer me infernizar! – Continuou acusando-o.

– Pelo contrário. Talvez se você me escutasse, sua mágoa diminuísse.

– Cansei de escutá-lo. Nunca deu em nada, não é mesmo? – Ela disse, sentindo seu próprio cinismo, mas agora ela não podia ficar se lembrando de que esse era não só o único homem que ela amou, como também o primeiro amigo que teve e a única pessoa que se interessou em tirá-la do buraco negro em que se enfiou.

– Se isso fosse verdade eu não estaria aqui agora. E você sabe disso – ele disse mais baixo, como se o seu tom neutro houvesse falhado um pouco.

Ela ignorou a resposta dele e continuou seu caminho. Todo dia era assim, ela ia descendo na frente, o mais rápido que a segurança permitia. E Brice seguia calmamente, geralmente com as mãos enfiadas nos bolsos, mas mantendo o passo num ritmo que conseguisse conversar com ela quando estava disposta a falar.

– Amanhã é sábado, Annelise – ele dizia enquanto seguia atrás dela.

– Eu sei – ela respondeu, dessa vez com sua voz e não um resmungo.

– Ao invés de ficar enfurnada naquela sua cabaninha, por que não vem almoçar comigo? – Era a primeira vez desde que chegou ali que ele a convidava para algo.

Ela parou e colocou as mãos na cintura, virou-se tão rápido que fez a bolsa que carregava bater em seu quadril.

– Ah! Agora está se desfazendo da minha casa. Só porque acaba de adquirir a maior casa da cidade! – Ela apontava o dedo para ele.

– Na verdade não – ele a alcançou e parou ao seu lado. – É uma estratégia que tenho usado. Eu lembro que era divertido irritá-la. Você não conseguia não discutir.

– Você devia ir para o inferno... – ela resmungou e virou-se novamente. Annelise também tinha sua estratégia, consistia em não falar muito com ele e nem ficar muito tempo em sua companhia. Até o momento estava funcionando, acreditava que ainda não fizera nada tolo demais e nem se entregara.

Estavam chegando ao caminho que dava na casa dela. Annelise havia plantado umas flores silvestres dos lados da passagem estreita. Brice distraiu-se olhando as flores, mas adiantou-se pelo caminho atrás dela.

– Então, posso crer que aceitará vir à cidade amanhã.

Ela se virou após subir os dois degraus antes de chegar à porta da casa.

– Nem pendurada de cabeça para baixo no dia das bruxas! – Ela gritou de lá com muita ênfase nas palavras.

– Nem morta já bastava! – Ele gritou de volta, cruzando os braços.

– Pois saiba que amanhã eu não vou ficar escondida em casa como pensa que fico. Eu tenho um compromisso com outra pessoa. E já vai tomar todo o meu dia – ela disse com muito gosto em mostrar que não vivia apenas “enfurnada na cabaninha”.

Brice franziu a testa, mas antes que perguntasse algo, Annelise entrou e fechou a porta. Ele voltou praticamente marchando para a cidade e como era sexta à noite, o saloon do Sr. Neil estava reservado para as famílias. Aqueles que gostavam de beber até cair podiam ir aos outros dois saloons da cidade.

– Sr. Clemmons eu quero saber se tem alguém nessa cidade que eu não conheça e seja decente o bastante para se encontrar com a Srta. Barton – perguntou Brice, indo direto demais ao assunto, mas estava quase soltando fumaça pelas orelhas e sem paciência para conversa introdutória.

O Sr. Clemmons franziu levemente a testa com aquela pergunta direta.

– Bem, meu rapaz... Eu não costumo falar da vida dos outros – disse o prefeito, contando uma mentira descarada. O que ele não soubesse, não havia acontecido. – Mas ao menos que seja de meu conhecimento – Agora ele se inclinara e falava com Brice em tom de conspiração e num volume que ninguém mais ouvisse. – Você é o único que anda atrás da professora.

Brice não pareceu totalmente satisfeito com isso. Então com quem diabos Annelise ia ter um compromisso amanhã?

– E agora que todos sabem que você está atrás dela, aí mesmo que não vai haver concorrência – Clemmons limpou a garganta. – Mas quero que saiba que aqui nessa cidade todos gostamos muito da Srta. Barton e por isso tomamos conta para que nada lhe aconteça.

– Ou seja, vocês a vigiam.

– Apenas cuidamos das joias da comunidade – Disse fazendo-se de sonso e abrindo um sorrisinho.

Annelise colocou um vestido bonito, de um azul arroxeadado como as flores que cercavam a cidade. Penteou o cabelo de um jeito diferente do habitual e prendeu-o com um enfeite bonito. Então no finalzinho da manhã, ela rumou para a cidade. Agora ela estava considerando muito perigoso ficar andando pela rua principal de Marble, pois virara território de Brice. Era onde ficava o banco e todos os estabelecimentos principais, mas era para onde ela ia. E hoje era sábado, o banco estava fechado, o que era pior, pois assim ele ficava livre durante o dia.

Decidido a saber com quem Annelise pretendia passar o sábado, Brice acordou muito cedo e ficou esperando que ela passasse. Já estava cansado de ficar lá quando enfim a viu passando. Amarrou logo a cara por notar que ela havia se arrumado toda, mas para que? Ou pior, para quem? Ele nem dormira direito e agora estava com o coração acelerado, temendo que ela fosse se encontrar com algum pretendente. Já estava quase impossível conseguir se aproximar dela e ele havia prometido para si mesmo que se ela estivesse apaixonada por outra pessoa, ele a deixaria viver sua vida em paz.

Mas agora estava sendo torturado por essa possibilidade. Tentava ser otimista, pensando que se houvesse outra pessoa, ela já teria esfregado isso em sua cara há muito tempo. Tinha de acreditar nisso. O problema é que ela cumprimentava muita gente. Sábado de manhã a cidade ficava movimentada demais, cada homem que ela parava para cumprimentar ou trocar umas palavras levava-o ao desespero.

– Annelise! – ele chamou-a e a alcançou depois de ter rangido os dentes para se controlar ao vê-la conversando com o guarda Robbins, um rapaz jovem e bonito que podia muito bem ser o “tal”. As moças da cidade gostavam um bocado dele.

– Ah meu Deus... – ela nem pôde decidir se parava ou continuava, pois ele bloqueou sua passagem.

– Para onde você vai? – ele indagou.

– E isso por acaso é da sua conta? – Ela colocou as mãos na cintura.

– Eu acabei de decidir que é – em resposta ao gesto dela, ele cruzou os braços.

– Não é! Saia da minha frente – ela deu a volta e continuou pela calçada de madeira.

– Eu acho que é muito cedo para encontros – ele agora andava ao lado dela.

– Olha só quem está falando. E eu não vejo nenhum perigo nessas calçadas, não precisa me acompanhar.

– Não concordo. Eu estou vendo perigo para todos os lados – ele estreitou os olhos, olhando em volta, principalmente para rivais em potencial.

– Você precisa ser internado – ela parou a frente de um local com portas duplas em azul e enfeitadas com vidro. Dava para escutar música vindo lá de dentro.

– O que é isso? – ele ficou olhando para o estabelecimento de dois andares.

– Vá embora, Brice. Eu não o convidei para vir comigo – ela entrou na casa, mas ele foi junto com ela, decidido a ver a cara do seu rival. As favas com o que tinha se prometido. Não ia entregá-la de bandeja para ninguém, já havia ido longe demais e agora ia lutar por ela com quem fosse.

Lá dentro havia um bando de cadeiras espalhadas, mesas com inúmeros pratos sortidos, divididos entre doces e salgados. A banda estava ao fundo tocando uma música animada. Alguns personagens da cidade circulavam pelo salão, mas principalmente idosos.

Não demorou muito para Brice entender que era uma festinha da associação. Marble tinha muitos idosos, quase todas as crianças a quem Annelise dava aula tinham avós e até bisavós. A cidade estava se renovando e crescendo, mas as gerações anteriores permaneciam lá, vendo como tudo estava se desenvolvendo. Por isso, formaram esse grupo, assim faziam reuniões, tinham a banda e as mulheres ainda vendiam costuras, bolos e afins, para terem uma ocupação.

– O que é isso? – Ele indagou.

– Uma festa – ela respondeu, fazendo cara de que era óbvio.

A Sra. Clemmons se aproximou deles, trazendo mais duas senhoras. Ela não chegava a ser idosa ainda, mas sua irmã mais velha era, por isso estava sempre presente nesses eventos que geralmente eram aos sábados.

– Que bom que vieram! – Ela sorriu para os dois. – Vejo que trouxe o Sr. Wincross, já era hora de ele comparecer a nossa festinha.

Annelise teve vontade de dizer que não o trouxe coisa nenhuma. Ele que não a deixava em paz. Mas ia pegar muito mal se ela dissesse algo assim, ainda mais ali. Assim que pôde, Annelise fugiu da companhia dele que foi capturado pelas suas adoráveis fãs que gostavam muito de lhe enviar pedaços de bolo. Ela imaginou se ele ficaria entediado e quem sabe iria embora antes dela. Mas quando o encontrou novamente, ele estava metido em uma roda de conversa, sentado em uma das cadeiras no meio das senhoras. Escutava as histórias que elas contavam de suas juventudes e também contava sobre seus avôs e dizia que seus pais iam adorar conhecer todos ali. Todas queriam que ele provasse os pratos que elas haviam levado, mas como Brice parecia ter um apetite ilimitado, isso não era problema.

Faltava conquistar os senhores, mas isso foi ainda mais fácil, pois ele aprendeu a tocar alguns instrumentos no colégio e logo estava enfiado no meio da banda. E com os outros que não tocavam, também não foi difícil fazer amizade, foi só começar a contar das peripécias que ele fez quando era mais jovem enquanto os idosos também contavam da sua época de glória. Annelise havia esquecido que ele era um maldito conversador que prestava atenção em tudo que lhe diziam. Talvez ela devesse queimar a língua dele com café quente.

– Eles são maravilhosos. Lembram meus avôs. Eles também eram do campo. Nunca gostaram da cidade – disse Brice, quando encontrou Annelise perto dos biscoitos. Ele olhava de forma saudosa para aqueles idosos, provavelmente sentindo saudade de seus avôs já falecidos.

– Já está no meio da tarde, eu vou embora – ela respondeu e virou-se, partindo em direção a porta. Não queria olhar para a face saudosa dele e adorá-la e nem começar a trocar impressões sobre os avôs que ela mal conhecera e eram pais de Iverson e nada parecido com o que Brice havia conhecido com os seus.

Brice virou-se para ver se ela estava mesmo indo embora. A Sra. Clemmons veio até ele falar sobre a casa que ele comprara, pois ela lhe indicaria os trabalhadores que cuidaram da reforma da sua casa. Ele achou a reação dela muito estranha, então deu um jeito de se livrar da esposa do prefeito e saiu também. Annelise provavelmente havia corrido ou no mínimo andando muito rápido, pois já a encontrou tomando o caminho acidentado para sua casa.

– Annelise!

– Me deixe em paz! – Ela respondeu, apertando o passo.

– Não! – Ele pulou as pedras, cortando caminho até a estrada de terra e a alcançou. – Qual é o problema? Você simplesmente fugiu de lá.

– Você! – Ela apontou para ele. – Você é o problema.

– Eu quase não falei com você hoje.

– Não importa! Você veio para cá e simplesmente arruinou tudo! Eu tinha uma vida diferente, era pacata e rotineira, nada,

simplesmente nada demais acontecia. Mas eu estava bem com isso. Estava ótimo até você vir e trocar tudo. Agora não consigo mais andar sozinha por aí. Provavelmente nem consigo mais falar sozinha, já que você responde! Era melhor ter fama de professora fadada a ser solteirona do que de mulher perdida como eu tinha lá em Nova York. Mas você estragou isso também! Agora eu nem sei o que sou.

– Você estava realmente bem com isso que descreveu?

– Era muito melhor do que a vida que eu tinha lá.

– E você não consegue imaginar nada melhor do que isso para si própria? Eu ainda acho que você almeja por muitas das coisas que queria antes.

– Você não sabe de nada!

Ela se virou bruscamente, pronta a retomar seu caminho, mas justamente hoje, algo deu errado. Aquele mesmo caminho que ela estava tão acostumada a percorrer e que insistia em dizer que não lhe oferecia perigo algum, hoje a traiu. Tropeçou em uma pedra pontuda e por segundos pôde se enxergar caída no chão, tão surpresa e sem defesa que bateria o rosto contra aquelas pedras. Mas para sua sorte, Brice impediu. E isso causou tudo que ela não queria. Talvez fosse melhor ter caído.

Brice fincou as botas no chão quando conseguiu agarrá-la a tempo e passar o braço a frente de seu corpo, equilibrando o peso dos dois, para que não tombassem. Annelise arregalou os olhos, mas não sabia se era pelo susto da queda ou por ele tê-la segurado. Brice virou-a para ele e olhou seu rosto, notou que ela ainda estava chocada.

Era algo muito simples, ele já estava lá há mais de um mês, encontrava com ela todos os dias, conversavam, mesmo que fosse as turras e discutiam mais ainda. Ele a acompanhava, frequentava os mesmos locais e conhecia as mesmas pessoas. Mas desde que ele chegou, jamais haviam se tocado além dos segundos que ele pegou seu pulso na porta da igreja. Até agora. E foi como devastar uma plantaço enraizada em cerca de segundos.

– O que você anda escondendo debaixo de toda essa raiva? – Ele perguntou, aproveitando o fato de estar segurando-a firmemente pela cintura.

Annelise balançou a cabeça e se moveu para soltar-se. Colocou as mãos nos braços dele, tentando acabar com o contato, mas ficou pior quando ela quem acabou tocando-o. Ficou olhando para os botões da camisa de Brice, evitando encará-lo. Uma voz interior gritava: *Covarde!* Mas ela ainda preferia sair correndo.

– Bom senso – ela conseguiu responder.

– Estaria o seu bom senso se escondendo por não funcionar ou você o mantém escondido de propósito?

Ela quase abriu a boca para dizer que ele era uma grande ameaça ao seu bom senso, mas isso seria se denunciar.

– É obvio que eu fiquei com raiva por tudo que aconteceu. Seria estranho se eu não houvesse sentido nada. Mas eu havia conseguido esquecer isso, havia enterrado tudo lá no fundo. Mas justamente quando eu consegui, você voltou.

– Eu só tive coragem de vir procurá-la porque eu tenho absoluta certeza do que sinto por você. Eu errei e vim muito longe para

desistir agora. Diga-me que não sente mais nada e eu prometo que irei reconquistá-la. Mas se você ainda sente, eu não vou deixar que nossos erros do passado impeçam a vida que ainda podemos ter.

Annelise balançou a cabeça, ele podia lhe dizer tudo que sentia, mas ela não podia simplesmente ignorar o que aconteceu e como se sentiu. Aquele foi o pior Natal de sua vida, passou sozinha em Southampton, tentando se obrigar a não chorar enquanto lembrava-se do Natal antecipado. Era terrível sentir-se deixada de lado, achar que não valia tanto quanto outra pessoa e ficar imaginando quais eram os seus problemas para que nunca fosse a preferida para nada.

E obviamente que a visita do seu pai foi o que arruinou a situação. Ele sempre foi o principal a preteri-la. Nunca conseguiu agradá-lo o suficiente para receber elogios como suas irmãs. E justamente quando realmente se apaixonou, tinha que ser por um homem comprometido. Ela não o culpava por isso, os dois se achavam culpados. Cada um da sua maneira, seu coração não foi despedaçado no dia do casamento, mas sim quando seu pai foi até sua casa lhe dizer aquelas mentiras.

Ela podia ter tentado ser forte, estava segurando bem os seus pedaços sabendo que tudo havia acabado. Mas no fundo, todos querem ser escolhidos, especialmente pela pessoa que amam. Sua mente sabia que não aconteceria, ela dissera que o certo era que eles terminassem para sempre. Mas nada disso impediu que seu coração fosse quebrado quando Brice ficou com outra e totalmente despedaçado por saber que ele sempre preferiu a tal noiva ao ponto de mentir e difamar para conseguir o casamento. Era difícil acreditar agora que foi tudo uma mentira do seu pai e da tal Vivian. Foram meses de sofrimento, o sol não simplesmente voltava a bater em terras devastadas e trazia tudo à vida em um dia.

– O que você quer? Não adianta mais dizermos que sentimos muito. – ela perguntou baixo, fazendo de tudo para não se deixar abalar.

– Quero que me escute. Eu sei que não adianta, pois nenhuma das inúmeras maneiras que imaginei para me desculpar serve de alguma coisa. Mas agora eu quero um futuro para nós. – Vendo que ela apenas virava o rosto de forma incrédula, Brice manteve o tom decidido – E não me diga que é muito tarde, pois não é. Dê-nos uma segunda chance, Anne.

Ele observou enquanto ela se virava lentamente e resmungava alguma coisa, depois rumava para casa pelo meio do caminho estreito para ter certeza de que não cairia novamente. Ao menos dessa vez ela havia lhe pedido para deixá-la sozinha e não para deixá-la em paz. Para Brice, isso fazia muita diferença.

Agora que o último encontro deles havia realmente surtido algum efeito, estava difícil para Annelise continuar escondendo a verdade de Sweet Alice. Principalmente porque a senhora já testemunhara três episódios estranhos entre eles. Ela não era boba, estava notando que a tensão aumentava a olhos vistos. E por que Annelise ia precisar fugir do Sr. Wincross? A menos que eles já se conhecessem e estivessem escondendo o jogo. Sem contar que foi muito estranho o dono do banco ter acabado de chegar à cidade e já ter se encantado com a professora a ponto de ir acompanhá-la diariamente.

Se eles não fossem conhecidos, Annelise ficaria no mínimo com medo por ficar sozinha com um homem que nunca viu na vida. Sweet Alice achava que o Sr. Wincross era o motivo por Annelise ter ido morar tão longe assim como ela era o motivo para ele estar ali. As pessoas de Marble podiam até ser caipiras, mas dessa vez

estavam certos ao pensar que eles tinham que se conhecer já que ambos vieram da mesma cidade.

Capítulo 5

Na semana seguinte, Annelise estava organizando uma festinha para algumas crianças que faziam aniversário naquele mês. Como as famílias não tinham muito dinheiro concordaram em contribuir com um pouco, assim podiam fazer na escola. Sweet Alice veio de carona com Tio Rolfe e trazia um bolo enorme e todo confeitado, feito pelas senhoras do clube da terceira idade.

– Elas me disseram que o Sr. Wincross pagou seus serviços e todo o material para que fizessem o bolo – Informou Sweet Alice assim que Tio Rolfe deixou o maravilhoso bolo sobre a mesa e as crianças ficaram olhando, prontas para ganhar um pedaço.

– Raios! – Disse Annelise, antes de se afastar, parecendo furiosa. Mas tudo que fez foi ir buscar uma faca e mais pratos.

Dois dias depois, o Sr. Clemmons apareceu na escola com duas caixas de livros, dizendo que o Sr. Wincross havia mandado que o próprio serviço do banco trouxesse a encomenda junto com os papéis e o dinheiro que trouxeram para ele. Annelise ainda não tinha tirado da cabeça a ideia de dar uma pedrada em Brice. Agora ele era mais do que adorado. Até as crianças falavam do maldito Sr. Wincross, pois seus pais viviam o elogiando. E elas ficavam eufóricas dizendo: *Hoje eu fui ao banco!* Que mundo era aquele? Geralmente não se levava crianças ao banco e elas não gostavam de ir. Mas em Marble City tinha que ser diferente.

A próxima notícia que ela teve dele foi sobre a maravilhosa carruagem que havia chegado. Ela foi escondida dar uma olhada e constatou que aquelas pessoas realmente eram caipiras. Era uma

carruagem nova, lustrosa, bem feita e forte, mas simples. Em Nova York não ganharia nem uma segunda olhada, mas ali, era o acontecimento. Pelo menos o maldito Sr. Wincross tinha bom senso e trouxera um veículo normal, até parecido com aquele que o Sr. Clemmons tinha. Assim não ficava nada muito ostensivo. E junto com a tal carruagem, vieram trabalhadores especializados para a nova casa dele. Afinal, segundo o próprio, já estava cansado do hotel, precisava de um canto pessoal e um lugar para ter seus pertences. Ela fingia que não estava prestando atenção, mas escutava muito bem tudo que ele dizia.

– Hoje o saloon do Sr. Neil vai promover uma noite de tortas – informou-lhe Brice, enquanto esperava que ela acabasse de guardar seus pertences na bolsa. Ele notou que era uma bolsa cara, provavelmente do tempo que ela vivia em Nova York. Depois que se mudou para Marble, Annelise não comprou acessórios novos. Apenas vestidos mais simples e sapatos. – Venha comigo.

– Estou muito gorda para ficar comendo tortas – ela respondeu, colocando logo a bolsa no ombro antes que ele resolvesse carregá-la novamente.

– Está realmente tentando me enganar com essa desculpa? Eu sei que por baixo desses vestidos soltos que está usando, continua tão bonita quanto sempre foi. Aliás, creio que o exercício de subir e descer por esses caminhos diariamente afinou sua silueta.

Annelise cruzou os braços e o encarou como se fosse repreender um de seus alunos.

– E eu imagino que você nem pensou em não ficar reparando nessas coisas!

– A culpa é inteiramente sua – ele respondeu, sem o menor constrangimento – Venho buscá-la todos os dias e você vai andando a minha frente durante todo o trajeto. Para onde quer que eu olhe?

– Que tal para a paisagem? – Annelise passou por ele rapidamente e Brice saiu da frente, depois se virou seguindo-a.

– Mas eu vou olhando uma bela paisagem. Todos os dias. Em minha opinião é a mais bela e interessante. E ainda se move, meus dias preferidos são aqueles com muito vento.

Annelise não acreditou que estava ficando vermelha, já sabia muito bem porque ele preferia dias com vento. Aquele tecido leve de seus vestidos era facilmente levantado.

– Pois saiba que não vou comer torta nenhuma com você.

– Só por que eu falei a verdade? – Ele até usou um tom ultrajado para dar ênfase.

– Porque não quero ser vista na sua companhia novamente. Já basta o que todos estão falando por aí. Não estou comprometida com você.

– Novamente? Mas você é vista em minha companhia diariamente, todos sabem que venho acompanhá-la.

– O que já é suficiente.

Ele andou mais rápido e alcançou-a, passou a andar bem ao lado dela, o mais próximo que o caminho permitia.

– O que você está fazendo? – Ela encolheu o braço, não conseguia esconder, tinha tanto receio de tocar nele que vivia fugindo. O clima

entre eles ficara muito estranho depois daquele dia que ela quase caíra, principalmente na opinião dela.

– Estou cansado de olhar para suas costas, quero olhá-la nos olhos enquanto falo.

– Mas... Mas assim eu não consigo andar direito – ela se agarrou a bolsa como forma de proteção.

– Então não ande – ele parou e fez com que ela também parasse. – Pare de ficar se refugiando naquela casinha e venha comigo.

– Não!

– Isso não adianta, Annelise. Pode ficar lá hoje, mas amanhã bem cedo prometo que a levarei para a escola.

– Nem pense numa coisa dessas.

– Então venha comigo. Ao menos lá estaremos cercados de pessoas.

Ela virou o rosto, ainda agarrada à bolsa, parecia ponderar.

– Talvez eu possa ir... Afinal não fiz o jantar. Mas posso ir sem você.

– Ótimo, nos encontraremos na entrada – ele determinou e sorriu, fazendo-a desviar o olhar para não ver aquele belo sorriso dele com as mesmas rugas leves dos lados de seus olhos que o deixavam tão atraente quando ria.

Annelise foi para casa e se arrumou rapidamente, não tinha muitos vestidos de sair, apenas aqueles que usava em Nova York,

todos muito bem guardados e ela sempre tirava para arejar. Colocou um dos vestidos mais simples que tinha para passear durante o dia, mas ali em Marble era como se fosse algo extremamente chique. Não podia negar que gostava da sensação daquele tecido, era diferente das roupas que usava no dia a dia para ir dar aulas. Usou duas gotinhas de perfume, ela ainda tinha o que trouxera, afinal, só usava para sair e ela nunca saía. Durante o dia usava a água de flores que era vendida pela mãe de uma de suas alunas.

– Hum... Sapatos nada apropriados para o campo – observou Brice. Estivera encostado na parede próxima ao saloon, esperando que ela aparecesse. Pelo visto ele já providenciara um armário mais adequado ao local. Sempre aparecia com camisas diferentes das que usava para trabalhar. Tinha botas de sair e de andar por aí, assim como calças de tecidos e cores diferentes. Até roupas para montar o danado já comprara, pois era o seu principal exercício diário. Essa noite optara pelo azul escuro e ainda cheirava a colônia masculina que ela reconhecia o cheiro e ele com certeza trouxera de Nova York.

– Não tenho outros, apenas aqueles que uso no dia a dia – ela respondeu, enquanto aproximava-se da porta.

– Com esses sapatos tão perigosos, acho que terei de garantir sua segurança quando voltar para casa.

– Eu vou lhe dar uma pedrada – ela prometeu, com muita naturalidade.

– O que? – Brice olhou-a e realmente não havia escutado errado dessa vez.

Ela entrou no saloon e já encontrou vários rostos conhecidos espalhados pelas mesas redondas do salão. O Sr. Neil lhe acenou, a

menina Sally que servia as mesas também sorriu para ela e acenou para alguém atrás dela e Annelise nem precisou olhar para saber que aquele aceno tão feliz era dirigido ao maldito Sr. Wincross. O cheiro do ambiente era maravilhoso, as tortas passavam deixando a fumaça perfumada levar os clientes pelos narizes. Eles foram se sentar com Sweet Alice, Tio Rolfe, Reynold e Faith.

– Venham, vão começar a servir as deliciosas tortas de carne da Sra. Rosberth – anunciou Reynold, referindo-se a uma das amigas de Sweet Alice.

– Não imaginava que todos vocês viriam – disse Annelise, sentando-se.

– E vejo que o Sr. Wincross conseguiu convencê-la a vir – observou Sweet Alice.

Brice sorriu quando Annelise lhe lançou um olhar assassino. Por acaso ele andava discutindo seus planos com Sweet Alice? Ela já estava lhe fazendo perguntas demais e ele ainda piorava a situação.

– Eu adoro essas tortas – Brice falou enquanto cortava um bom pedaço com o garfo e colocava na boca. – Minha avó cozinhava assim. Confesso que me atraem mais do que as tortas finas e sem gosto das confeitarias nova-iorquinas.

– Ah, esse rapaz tem bom gosto! – Disse Tio Rolfe.

Annelise estava inconformada. Tio Rolfe era um senhor muito rabugento, não gostava de granfinisses esnobes e achava que as pessoas da cidade grande eram muito metidas. Ela esperava que ele fosse antipatizar com Brice, mas então o maldito Sr. Wincross começou a conversar e contar das suas viagens e das enrascadas em

que esteve, as histórias que seus avôs contavam, sobre sua infância no campo, os costumes que seus pais não perderam... Havia também os gostos que ele tinha pela vida ao ar livre. E logo conquistou o tio Rolfe. Foi uma facada no plano que ela tinha de ter esse ponto a seu favor.

Deixando a rabugice de lado, ela acabou se deliciando com as tortas. Provou praticamente todos os sabores, inclusive as doces. Ao menos Brice não havia mentido, com tanta gente presente e uma mesa repleta de pessoas próximas, eles mal se falaram diretamente. Todos conversavam ao mesmo tempo enquanto não paravam de colocar mais e mais pedaços de torta na boca e gritar brincadeiras para outras mesas.

O Sr. Neil estava mais do que feliz com o lucro e todas as cozinheiras estavam orgulhosas pelos elogios e claro, por sua parcela nos ganhos. Os eventos noturnos em Marble City eram bem diferentes de Nova York, começavam muito antes e terminavam cedo. Todos estavam saindo lentamente do saloon, num horário que na cidade eles estariam se preparando para sair da festa onde estivessem para então ir jantar.

O Sr. Clemmons havia comido tantas tortas que sua esposa estava praticamente o carregando para casa, Sweet Alice já estava cochilando na charrete com Manchinha sentada em seus pés e Tio Rolfe batia no estomago e soltava o ar, como se estivesse planejando arrumar mais espaço para outras guloseimas. Seu filho, o xerife, apressou o pai, antes que ele exagerasse na dose e praticamente colocou-o sentado na charrete. O Sr. Ivan passou por Brice e deu-lhe um até amanhã, seguiu apressado em direção à rua quatro, que dava no lado norte de Marble City.

– Eu não sei por que o Sr. Ivan está sempre apressado – comentou Brice. – Ele praticamente sai correndo do banco ao final do expediente. E sempre que o encontro, ele está com pressa. – Ele se divertia com o jeito do homem.

– Eu já notei isso. Ele até prefere ir pela rua, para não esbarrar em ninguém na calçada estreita – respondeu Annelise, divertindo-se também.

Eles seguiram para o lado oeste da cidade, onde havia menos casas, mas também eram maiores. Cortaram caminho por uma rua estreita entre duas delas e logo estavam subindo pela estradinha que dava na casa de Annelise.

– Por que tem de ficar longe da cidade? – Ele indagou.

– Não é longe, dá para ir andando.

– É longe o bastante para alguém demorar tempo demais para chegar se você precisar.

– Nunca me aconteceu nada – ela teimou.

– Sim, mas é preocupante. Você tranca bem as portas e janelas? Tem uma arma com você?

Annelise riu.

– Sim, tranco tudo. E tio Rolfe pensou a mesma coisa, por isso me deu uma arma que eu guardo ao lado da cama.

– E desde quando você sabe atirar?

– Não sei, mas ao menos ele me ensinou como apontar, puxar o gatilho e recarregar.

Brice não estava completamente satisfeito, mas já era alguma coisa. Mesmo assim ele achava que alguém podia arrombar a casa e ninguém escutaria. E se tio Rolfe preocupara-se ao ponto de lhe dar uma arma, então não era o único que pensava sobre isso. Reynold também já dissera que aquela área era assim, às vezes apareciam bandos ou bandidos de passagem que estragavam o clima da cidade, cometiam alguns crimes e iam embora.

– Gostei do seu vestido, ficou muito bonita com ele.

Annelise virou o rosto, tentando que suas bochechas não corassem como as de uma menina tola. Ultimamente, andava achando que estava com algum problema. Viviam protagonizando cenas de embaraço e climas estranhos. Pelo amor de Deus! Já dormira com aquele homem, ele já estava ciente de todos os defeitos e qualidades que pudesse ter debaixo das roupas, então qual era o seu problema? Era ainda mais irritante, pois Brice parecia ficar satisfeito todas as vezes que ela ficava sem graça.

– É um vestido velho.

– Pois parece novo para mim.

– Se você diz...

Infelizmente o caminho era curto e Brice só ia até o portão do pequeno jardim. Antes que ela chegasse até lá e praticamente corresse para dentro de casa como costumava fazer, ele passou a sua frente.

– Vou me despedir hoje – ele segurou sua mão e a beijou, depois a olhou de modo divertido.

Annelise olhou da sua mão para ele.

– Pare com isso! – Puxou a mão rapidamente.

– Por quê?

– Porque sim!

Ele sorriu levemente, divertindo-se por ela ter ficado nervosa por terem se tocado novamente. Mas nele o efeito era diferente, não poder tocá-la aumentava sua ansiedade. Ficava desejando por um pouco mais, lutando contra a frustração de vê-la tão de perto e não se aproximar. Nem estava se reconhecendo nesses últimos dois meses, acreditava que conseguia controlar-se tanto pela força de vontade. Estava decidido, não acreditava que algo pudesse detê-lo. Ia convencê-la de que só seriam felizes juntos e que o amor que descobriram de forma ilícita, tornara-se forte e não havia sucumbido ao tempo nem as dificuldades. Se ela estava com medo de envolver-se com ele e se machucar novamente, então Brice tinha que provar que não arredaria o pé dali. Iria onde ela fosse.

– Vou ficar sem importuná-la por uns dias – ele deu um passo em sua direção e Annelise inclinou-se um pouco para trás. – Vou sentir sua falta. Espero que também sinta a minha, mesmo que não me conte.

Annelise não entendeu bem o que ele quis dizer com “Vou ficar sem importuná-la por uns dias.” Será que ele ia se ocupar muito ou estava tramando algo? Mas preferiu não perguntar, se Brice queria deixar de segui-la, não ia impedi-lo.

Ele desbloqueou seu caminho e parou ao seu lado, mas não virou o corpo para ela. Tocou seu ombro e sentiu que ela se retesou, mas a manteve parada no lugar. Ele olhou-a por uns dois segundos, avaliando-a, então beijou seu rosto de forma tão sutil que Annelise nem se moveu para fugir do contato.

– Vou passar uns dias fora – ele respondeu a pergunta que ela engolira. – E nem eu tenho acreditado na minha habilidade para nunca tocá-la. Mas quando eu voltar... – ele soltou o ar e fechou as mãos com força, então saiu andando decididamente pelo caminho estreito, para ter certeza de que iria mesmo embora.

Já se passara uma semana e meia. Todos na cidade estavam comentando que o Sr. Wincross estava demorando a voltar. Segundo o boato que se espalhara depois de uma declaração do Sr. Ivan, o patrão havia ido à outra filial do banco na Louisiana. Como agora era o irmão mais próximo daquela área, ficava muito mais fácil e rápido ele tomar o trem para lá do que os irmãos atravessarem metade do país para chegar ali.

Era época de provas na escola e as crianças estavam estudando muito para conseguir bons resultados, por isso Annelise planejava lhes dar alguma recompensa, como um passeio. Ela estava indo embora do colégio mais cedo, afinal, não tinha ninguém para acompanhá-la. Às vezes se pegava olhando por cima do ombro, como se esperasse que *alguém* fosse aparecer de repente. A professora até foi vista passeando pela cidade mais vezes, quem sabe se era para descobrir se o dono do banco já havia voltado.

– Você está esperando alguém, querida? – Indagou Sweet Alice, assustando Annelise que estava distraída olhando para longe. Ela jogou um biscoitinho para Manchinha.

Elas estavam sentadas na varanda do segundo andar da casa da Sra. Douglas. A idosa morava com o marido em uma casa que era um tanto grande para eles. A filha havia morrido, por isso ela e Sweet Alice se identificavam pela mesma perda.

– Claro que não! – Annelise apressou-se a pegar a xícara de chá. – Quem eu poderia esperar?

– Está olhando para lá o tempo todo – comentou Sweet Alice.

– Uh? O que? – A Sra. Douglas era um pouco surda do ouvido direito. Ela se apressou em trocar os óculos e colocar um que melhorasse sua visão para longe, carregava dois pares diferentes no pescoço. Então se inclinou, segurando a armação e olhou na direção de onde a moça estivera olhando. – A estação? Estava olhando a estação de trem?

– Não, estava apenas distraída – respondeu Annelise.

– Ah, deve estar vendo se o trem chega, trazendo o Sr. Wincross – disse Sweet Alice.

Annelise se engasgou com o biscoito que havia acabado de colocar na boca e se apressou a recolocar a xícara sobre a mesa.

– O Sr. Wincross?! – Perguntou a Sra. Douglas que devido ao seu problema de audição falava mais alto do que o normal. – Oh sim! Eu soube que está comprometida com ele! É um partido e tanto, hein. Fisgou um peixão!

Annelise teve um ataque de tosse e ficou vermelha.

– Sim, já estão comprometidos? – Indagou Sweet Alice, com uma feição divertida.

– Não! – Annelise conseguiu dizer e tossiu mais um pouco, tentando limpar a garganta. – Eu não estou comprometida com ninguém.

– Está comprometida com mais alguém! – Disse a Sra. Douglas, muito alto e como sempre entendendo errado. – Mas está sempre na companhia dele. Ele sai da cidade todo dia para acompanhá-la. Você vai a todos os eventos e inclusive a igreja na companhia do Sr. Wincross. No meu tempo, isso era estar comprometido. Moças não podiam andar por aí sozinhas com um homem, sem que estivessem noivos. Mas não se preocupe, esqueça esse outro rapaz e fique com o Sr. Wincross. Ele é um cavalheiro, tenho certeza que ele irá propor quando voltar.

– Propor? – Annelise teve vontade de começar a dizer que era perseguida. E que não o convidava para ir com ela a nenhum dos locais citados e já fizera de tudo para dissuadi-lo da ideia de acompanhá-la diariamente. Aliás, a única coisa que ela não fizera ainda fora agredi-lo fisicamente, mas isso estava fora de cogitação, pois implicaria em ter de tocá-lo. E ela sabia muito bem que não dava certo.

– Não vai pegar bem para uma moça direita como você dizer por aí que não está comprometida com ele – Sweet Alice adiantou-se, antes que Annelise começasse a falar. – Ainda mais a professora das crianças...

– Eu não tenho nada com aquele homem! – Respondeu Annelise, ficando alterada porque sabia que elas não eram as únicas pensando que ela e Brice tinham um compromisso.

– Ah, o Sr. Wincross realmente é um homem e tanto! Que rapaz bonito e bem apessoado. Adoro homens altos. Sou velha, mas meus

óculos funcionam muito bem – respondeu a Sra. Douglas, entendendo errado o que Annelise dizia, já que ela estava sentada do seu lado direito.

– Eu sei que ele é bonito, mas não é por isso que vou mudar de ideia! – Annelise continuava teimando, cada vez mais mal humorada.

– Sim, é uma ótima ideia! – Respondeu a Sra. Douglas. – Vocês são tão bonitos que seus filhos sairão belos como anjos!

Annelise olhou para Sweet Alice em completo desespero e a mulher gargalhou. A Sra. Douglas recostou-se na cadeira, colocou os óculos para perto e suspirou satisfeita. Assim que encontrasse sua trupe de idosas da associação, ia contar que a professora e o dono do banco já planejavam até ter filhos. Não era surpresa, já que ele adquirira uma casa tão grande. Era melhor elas começarem a costurar umas roupinhas de bebê.

Passaram-se mais dias, completando assim duas semanas, até que o trem chegou novamente a Marble City. O Sr. Wincross desembarcou com mais dois homens e logo todos ficaram sabendo que vieram especialmente para cuidar do andamento de sua casa. E ele também trouxe bastante carga e logo descobriram que eram móveis desmontados que também iriam para a casa. Ele deixou muita gente aliviada, pois até o Sr. Clemmons estava com medo que ele fosse seduzido pelos encantos de uma cidade maior e mais moderna que Marble e não voltasse mais.

Annelise logo descobriria que a volta do maldito Sr. Wincross fez com que ele ganhasse ainda mais pontos aos olhos dos habitantes locais. Afinal, ele teve a oportunidade de ir, mas preferiu voltar. Foi praticamente o último estágio que faltava para que fosse

completamente aceito na cidade. O banco até ganhou mais clientes depois disso, pois os desconfiados se renderam.

Capítulo 6

No meio da tarde, Annelise estava enfurnada na sua casinha, tentava mais uma vez ter sucesso na costura. A maioria das peças que conseguia terminar saía com algum defeito. Quando tentou fazer crochê, uma técnica nova que até as idosas da associação estavam aperfeiçoando, o máximo que conseguiu concluir foi um paninho minúsculo para sua mesa, só combinou porque o móvel também era muito pequeno. Ela escutou quando bateram à porta de sua casa, na verdade, quase ninguém a visitava, era ela que ia à casa das pessoas. Às vezes Tio Rolfe passava quando estava indo para a cidade ou quando trazia Sweet Alice.

Annelise espiou antes de abrir a porta e arregalou os olhos. Ouviu mais duas batidas firmes e passou a mão pelo cabelo. Antes que alisasse o vestido notou o que estava fazendo e repreendeu-se silenciosamente.

– Você voltou... – ela disse ao abrir a porta.

Brice sorriu, estava de pé bem em sua pequena varanda, a frente de sua porta. Ele nunca havia passado do portão.

– Hoje de manhã.

Ela levantou as sobrancelhas, sem saber o que dizer. Notou que ele estava segurando duas latas decoradas em um dos braços.

– Não vai me convidar para entrar? – Ele perguntou.

Annelise franziu o cenho. Num dia ele não passava do portão e no outro estava batendo na porta de sua casa. O que aconteceria

amanhã?

– Eu trouxe biscoitos – ele disse, estendendo-lhe as latas.

Ela não teve outra opção senão segurar o presente. Acabou parando de se debater internamente e tornou a entrar, na verdade nem havia saído, apenas abrira a porta. Ele já estava prostrado bem à frente mesmo. Brice abriu um enorme sorriso e fechou rapidamente os olhos, entrou na casa com o pé direito, feliz por finalmente ter conseguido um avanço significativo. Havia adentrado o espaço onde ela se protegia dele, tanto fisicamente como emocionalmente.

Brice observou rapidamente a pequena casa, não esperava algo menos adorável. Alguns pertences dela destoavam do ambiente rústico do lado de fora. Ao invés de sentar-se no sofá, ele andou até a cozinha curta e abriu uma das latas para ela. Annelise colocava água para ferver para preparar o café.

– Eu havia mesmo imaginado que era assim por dentro – ele falou, reparando na toalha colorida que estava pendurada perto da pia.

– Você trouxe biscoitos demais – ela comentou ao olhar a lata repleta de biscoitos e que era uma verdadeira raridade, com certeza eram importados e Annelise nem queria começar a imaginar como ele havia conseguido no tempo em que esteve fora.

– São suficientes. Quem sabe você me convida para o café outro dia.

– Se fosse outra situação, eu diria que você deveria me convidar para o café.

– Para você ter o prazer de recusar pela milésima vez?

– Muito provável.

Brice voltou e sentou-se a mesa, na cadeira que ficava de frente para a cozinha. Ele percebeu que ao invés de responder algo como “exatamente”, ela dissera “muito provável”. As duas respostas tinham significados bem diferentes. São nos detalhes que se entende bem uma situação complicada.

Quando o café ficou pronto, Annelise levou para onde ele estava. Colocou em duas xícaras e depositou uma das latas de biscoitos doces entre eles. Quando finalmente se sentou, bateu com os joelhos nos dele e sua perna encostou-se a dele.

– Você tem pernas muito compridas – ela reclamou.

– Talvez. E sua mesa é pequena. Mas eu não estou incomodado por estar com o joelho entre os seus – ele sorriu e bebeu um gole de café. – Está ótimo.

Mas ela estava extremamente incomodada.

– Também não estou me importando, se é isso que quer saber – ela mentiu e para disfarçar pegou um biscoito da lata e comeu.

– Gosta? – Ele observou-a e também pegou um biscoito.

– Sim.

– Sentiu minha falta?

Ela abriu a boca para responder, mas não caiu na dele e fechou-a, olhando-o atravessado.

– As pessoas na cidade que sentiram muito a sua falta – foi a resposta neutra dela.

– Eu soube. Fico lisonjeado – ele comeu o biscoito.

– E eu não fui atacada em sua ausência.

– Estou vendo, também saía da escola mais cedo.

– Por acaso deixou alguém me vigiando?

– Encontrei com Sweet Alice na mercearia. Ela ficou muito contente em me ver...

– Fofoqueira – resmungou Annelise e pegou outro biscoito.

– Por que está costurando? Você não gosta.

– Pois saiba que eu aprendi e agora é um passatempo.

– Aprendeu mesmo?

– Sim. Sei até bordar e fazer crochê – ela não ia contar que ainda saía torto. – Eu quem fiz isso – ela indicou o paninho que enfeitava o centro da mesa.

Brice reparou na pequena peça que assentava bem para aquela mesa minúscula.

– E quantos dias você levou fazendo isso? – Ele perguntou, procurando disfarçar sua diversão.

– Você está caçoando do meu trabalho!

– Não estou, mas esse paninho é tão pequeno que chega a ser engraçado – ele disse segurando a beira do trabalho em crochê, feito com linha azul mar.

– É para ficar bem no meio.

– No meio desta mesinha... – Ele adicionou naquele tom que ela já conhecia.

– Minúscula! Por isso tenho de ficar encostando nos seus joelhos – ela respondeu, danada da vida.

– É tão ruim assim? – Ele perguntou, mantendo seus olhos claros sobre ela e os dois sabiam muito bem o que ele queria dizer.

Annelise ignorou a pergunta e voltou a comer biscoitos. Ele apenas bebeu o resto do seu café e levou sua xícara para a pia, onde a lavou calmamente.

– Não vou me demorar, afinal você fica nervosa com a minha presença – ele disse se afastando, já que ela parecia que não ia passar antes que ele estivesse longe o suficiente.

– Nervosa? Quem disse que sua presença me deixa nervosa? É muita pretensão da sua parte – ela foi lavar a xícara e franziu a testa vendo que ele havia lavado a dele.

– Não deixo?

– Não! – Ela levantou o queixo de forma autoritária.

– Ótimo, então posso me comportar como uma visita normal – ele andou até o sofá e sentou-se, achando que aquele o móvel também era um pouco pequeno para ele que além de ser um homem grande,

tinha mesmo as pernas bem mais compridas que as dela. – Vamos, sente-se aqui também. Afinal, sempre se senta ao lado de visitas que não a deixam nervosa, não é?

Annelise fechou os punhos. Pega em seu próprio jogo. Andou até lá e olhou o sofá de dois lugares. Ela sempre achara seu sofazinho muito aconchegante, mas agora também estava achando-o pequeno, pois Brice ocupava espaço demais nele. Sentou-se o mais colado possível a extremidade do sofá, provocando um sorriso nele.

– Diga-me, o que andou fazendo em minha ausência?

– O que faço sempre.

– Tudo que sempre faz todos os dias? Voltar da escola, ler e se trancar nessa sua casinha de bonecas?

– Não é uma casa de bonecas! – Ela virou-se mais para ele, muito irritada, pois ele adorava implicar com sua casa que não era exatamente sua. Era como se alugasse-a. Só que Tio Rolfe não lhe cobrava nada, ainda mais por ela ter arcado com a reforma – E eu estou tentando aprender a cozer. Além disso, estou lendo os livros novos antes das crianças para poder usá-los nas aulas.

– Então você resolveu aprender a coser... Para quem dizia que nunca iria costurar nada, até que aquele paninho minúsculo é um grande avanço.

– Aquilo foi em outros tempos, Brice – ela ficou olhando-o com o cenho muito franzido. – Por que gosta tanto de implicar comigo? Você não fazia isso.

– Porque irritá-la é o melhor jeito que encontrei para fazê-la sair dessa carcaça dura que você construiu. E é divertido vê-la se

segurando para não me esganar – ele sorriu de uma forma terna enquanto a olhava.

Annelise se recostou no sofá, parecendo um pouco menos rígida pela apreensão.

– Eu pensei que não voltaria. Eu acho que tive esperanças de que não voltasse.

Brice se inclinou um pouco para o lado dela, apoiando os cotovelos nas coxas.

– Mas eu voltei. Eu lhe disse que não iria a lugar algum. E eu não vou.

– Estou começando a ficar sem saber o que fazer com você – ela balançou a cabeça ao notar que expressara seus pensamentos em voz alta. Mas estava tão acostumada a falar sozinha. Na verdade, ela passava muito tempo sem falar com alguém, principalmente quando ficava trancada naquela casa. E passava quase o dia todo com crianças. A pessoa com quem realmente conversava era Sweet Alice e às vezes falava com Faith, mas ela era ocupada com seus filhos e a fazenda. E Annelise nunca falava sobre Brice.

– Eu sei o que você pode fazer comigo, vai começar me escutando. Eu passei dois meses e duas semanas engolindo tudo que eu quero dizer, mas hoje vai ser meu dia mais falante do ano – ele disse de forma determinada.

– Eu não sei por que você desistiu do seu casamento, da sua vida e de tudo que você tinha para vir aqui. Eu já nem sei mais o que você veio fazer – ela já falara demais mesmo, que diferença ia fazer dizer o que estava achando da situação.

– Porque era de mentira. Nenhum dos dois estava feliz e agora Sarah provavelmente está conquistando algum partido rico de Boston que deve adorar ir jantar fora e participar de festividades. E eu não vou mentir, adorei essa cidade.

– Impossível.

– Quando veio para cá, você estava fugindo das suas lembranças dolorosas. Mas gostou tanto daqui que decidiu fazer algo pela cidade. Eu vim para cá atrás de você e achei que trazer o banco era vantajoso. Mas agora eu também quero ficar e acredito que estou fazendo algo pela cidade.

– Você não precisa de mim para isso.

Ele deixou o corpo ir para trás e soltou o ar enquanto a olhava.

– Mas eu sou completamente apaixonado por você. O fato de eu ter cometido meu pior erro não conseguiu apagar isso. Eu não vou desistir agora. Você foi minha antes e vai ser novamente.

– Eu não sei como isso pode acontecer! – Ela não se importou com o que disse, usou a frase apenas como a deixa para se levantar e fugir do sofá e da proximidade dele.

Mas Brice estava cansado de vê-la fugindo para não ter de enfrentar o que estava bem na cara deles. O erro e o tempo não impediram nenhum dos dois de continuar sentindo o mesmo. Só que ele lutava para provar isso e ela lutava para esquecer.

– Acontece que você não foi o único a errar! Eu nunca deveria ter me envolvido com você. Já estava fadado a se casar e eu não escutei a razão.

Ele pulou daquele sofazinho e andou até ela, fazendo com que ficasse parada no lugar.

– Sabe quando você comete um erro e acha que está acabado por isso, mas depois a vida dá uma de suas voltas e aquele erro acaba se tornando a causa de um bem ou evita um grande mal? Foi assim que nós erramos. Se eu nunca tivesse me apaixonado por você, estaria em Nova York ainda casado e condenando outra mulher a mesma vida patética das suas irmãs. Aquela vida que você disse que não queria para você.

– E é a vida que eu não vou ter.

– E também não vai ter a vida que tem agora. Eu não vou deixar que você continue se escondendo nesta casa afastada, fingindo que a felicidade de ensinar aquelas crianças pode suprir todas as suas necessidades. Quando as aulas acabam, eles voltam para suas famílias e você vem para essa casa ficar sozinha.

– Eu estava feliz antes que você viesse me lembrar do passado – ela o empurrou, querendo afastá-lo novamente.

– Você vai ficar feliz de verdade quando parar de remoer o passado.

– É fácil falar!

– Eu sei.

Brice segurou o rosto dela com as duas mãos, praticamente o escondendo entre elas. Parou por algum tempo, olhando fixamente nos olhos dela como não podia fazer há muito tempo. Annelise não conseguia esconder o que sentia de seu olhar, ele sabia disso. Brice beijou-a na boca brevemente e tornou a olhá-la. Mas passou a língua

pelos lábios, procurando o gosto dela e umedecendo ao mesmo tempo. Ela não reagiu, apenas moveu os lábios quando eles se separaram. Brice tornou a abaixar o rosto, procurando sua boca e dessa vez ela esperou pelo contato.

Ambos procuravam o encaixe perfeito enquanto os lábios se tocavam sem conseguir parar e firmar o beijo. Ele a enlaçou com um dos braços, colando-a ao seu corpo e decidiu como seria. Tomou sua boca e quando o fez, seus movimentos ficaram mais lentos e o beijo iniciou-se íntimo e saudoso. Trocaram toques de reconhecimento e exploração com as pontas de suas línguas e deixaram que se entrelaçassem sem pressa.

Enquanto parecia que tudo havia parado, Annelise sentia como se fossem os únicos com alguma vida em quilômetros. Era como se não tivesse controle total, mas não pensava em impedir que suas mãos deslizassem sobre os braços dele até alcançarem seus ombros fortes para envolvê-lo em seu abraço. Brice a circundou com os braços em sua cintura e em suas costas. Trouxe-a contra ele, praticamente a levantando. Não havia como se fundir ao corpo dela, mas era exatamente do que necessitava. Não exatamente ou apenas no sentido sexual. Queria e precisava que estivesse tão perto dele que seus instintos faziam com que a esmagasse contra seu corpo, como se não pudesse acreditar que ela estava ali. Ele inebriava-se na sensação de ser finalmente retribuído. Annelise se abraçara a ele com tanto despreendimento e abandono que sequer sentia a maneira como estava sendo apertada.

Eles escutaram o barulho de um cavalo do lado de fora e souberam que precisavam se separar. Brice não conseguia soltar-se dela, não tinha forças para isso, queria muito continuar a beijá-la. Parecia um homem embriagado por estar há muito tempo longe de

um vício e então, sentia novamente o gosto dela, o cheiro e o formato em suas mãos. Era mais forte do que toda a força de vontade dele, se ela não o afastasse, não conseguiria sozinho.

– Tem alguém aqui – ela murmurou, lutando para tirar sua consciência daquela situação nebulosa que havia afundado ao encontrar-se nos braços dele. E ela podia dizer como havia lutado contra isso.

As batidas na porta confirmaram o que ela disse. Annelise obrigou-se a pensar e escapuliu dos braços dele. Brice voltou até aquele sofá pequeno e soltou-se lá, mas sua feição parecia a de alguém devastado. Só que não por algo ruim, mas por sentir-se vivo novamente. Era como se estivesse extasiado com o que sentira, mesmo sabendo que aconteceria assim que colocasse as mãos nela novamente.

Annelise abriu a porta e surpreendeu-se ao encontrar Reynold. Ele havia amarrado seu belo cavalo castanho em uma viga da varanda.

– Como vai, Annelise? – Sorriu para ela e tirou o chapéu. Entrou assim que ela o convidou, então olhou Brice. – Sabia que o encontraria aqui.

Aquela frase teve o poder de trazer todo o raciocínio dela de volta.

– Como assim? – Ela perguntou, fuzilando o xerife com o olhar.

Brice pegou um bordado que estava sobre a mesinha a frente do sofá e ficou rodando-o no ar, tentando entender qual era o lado certo.

– Bem, quando ele não está no banco, nem no hotel ou na construção da casa, eu sempre imagino que esteja aqui – respondeu Reynold, com toda naturalidade como se fosse um raciocínio muito certo, afinal, onde mais o dono do banco poderia ir?

– Mas é a primeira vez que ele vem aqui! Agora todos na cidade ficam pensando que ele está na minha casa só porque não está em nenhum local a vista?

O xerife coçou a cabeça, sem entender por que ela estava tão irritada com isso. Afinal, ele também achava que ela e o Sr. Wincross estavam “se acertando.” Aliás, apenas a certeza de que eles tinham um compromisso, impedia o xerife de ficar na cola de Brice, querendo saber qual eram as intenções dele. O boato geral era mais certo do que eles pensavam, todos achavam que o dono do banco e a professora não haviam assumido o compromisso ainda porque ela estava dificultando as coisas.

Ninguém ali, especialmente as moças, conseguia entender o que Annelise tinha na cabeça para recusar o Sr. Wincross. Era aí que voltava aquela história de que tinha cachorro nesse mato e os dois estavam escondendo coisa que vinha lá de Nova York. O pessoal da fofoca ali em Marble não era bobo não, especialmente porque eles não consideravam isso fofoca, era conversa de dia a dia.

– Bem... – Reynold já tinha certa intimidade então se sentou logo na cadeira mais próxima – Eu aproveitei que estava subindo para casa e passei para lhe dizer que recebi uma mensagem da cidade vizinha. Eles disseram que passou um bando por lá e acham que vieram nessa direção. Portanto, reforcei a segurança do seu banco. Os rapazes vão ficar por lá à noite também.

– Um bando de bandidos? – Exclamou Annelise, ao servir café a Reynold. Ele sempre aceitava, nem precisava lhe perguntar.

– Sim – ele agradeceu e bebeu logo um gole.

– Eu imaginei quando passaria por isso – respondeu Brice, pensativo. – Mas o Sr. Richards já está preparado – ele disse, referindo-se ao segurança novo. Um cara durão que lhe se apresentara no banco e dera seu currículo e mostrara sua capacidade com armas. Além disso, era bem recomendado.

– Avisei a ele também. Eles podem ficar animadinhos por saber que agora temos um banco, mas não vou lhes dar mole – avisou o xerife.

Annelise cruzou os braços e ficou olhando-os. Eles trocaram mais algumas palavras e Reynold disse que precisava ir, pois Faith ia matá-lo se chegasse atrasado para o jantar pela quarta vez na semana.

Brice levantou-se, andou até a porta e voltou-se para olhá-la. Annelise pensou se estava imaginando coisas, mas achou que agora que haviam se beijado, o olhar dele tornara-se muito mais explícito. Como se não estivesse mais escondendo que além de querer convencê-la do que sentia, ela já podia ser lembrada que ele a queria de volta a sua cama.

– Vai mesmo levar as crianças para passear amanhã? – Ele indagou.

– Essas informações que você consegue sobre a minha vida estão começando a me irritar.

– Mas esse fato eu descobri assim que voltei à cidade. Já que todos sabem disso.

– E o que tem meu passeio com as crianças?

– Eu vou com vocês.

– Por quê?

– Você não vai sair dos limites dessa cidade sem mim. Não existe essa possibilidade, ainda mais se tiver mesmo um bando solto por aí. Aliás, não vamos muito longe por isso.

– Você é um homem odioso e metido a dar ordens!

Ele sorriu para ela de forma irritantemente encantadora.

– Até amanhã, Anne.

No dia seguinte, eles tiveram a ajuda da charrete de tio Rolfe, assim como a novíssima carruagem do Sr. Wincross e levaram as crianças para o tal piquenique. Partiram na direção de Pedernale Falls, mas realmente não foram longe. Dois pais de alunos também se dispuseram a ir em seus cavalos, pois o boato do bando rondava a região. Mas as crianças ficaram muito contentes, pois sair um pouco da cidade já era um grande acontecimento para elas.

Mas parecia que o problema já havia chegado a Marble, o xerife havia recebido denúncias de que estavam roubando galinhas, dispersando gado e já haviam assaltado uma fazenda pequena, nos limites da cidade. O banco estava sendo muito vigiado, pois ninguém queria que ele mal tivesse se instalado e já fosse assaltado. O Sr. Richards estava muito atento, com sua novíssima espingarda Winchester 44 pronta pra estourar o primeiro que tentasse.

– Annelise, é melhor você ir para fazenda de tio Rolfe – disse-lhe Brice.

– Não vou para lugar nenhum!

– Deixe de ser teimosa!

– Estou pouco ligando para o que você acha. Aliás, há muito mais chances de eles assaltarem a fazenda onde acham que encontrarão inúmeros itens para roubar do que a minha casinha de bonecas.

– Como se esses homens se importassem. Eles pegam o que virem pela frente e uma mulher sozinha certamente seria algo muito valioso para eles. Acho que você sabe o que quero dizer – ele dizia, começando a ficar mais do que preocupado com a insistência dela em ficar na casa.

Ela sentiu um calafrio subir pelo corpo e seus pelos se arrepiaram.

– Vou ficar por aqui hoje... Amanhã eu vejo o que vou fazer.

Ele não estava satisfeito. Se sem a ameaça de um bando de bandidos passando pelo local ele já ficava pensando como era perigoso ela ficar sozinha naquela casa afastada, agora nem conseguiria pregar o olho.

– Então você vem comigo! – Ele disse, pegando-a pelo braço.

– O que? Para onde? – Ela puxou o braço, tentando se soltar.

– Para o hotel.

– Nem pensar. Se eu for parar no mesmo hotel que você, todos vão achar que já estamos tendo intimidades!

Brice parou e olhou-a bem seriamente, para que ela notasse o absurdo daquela frase, visto que os dois já haviam tido “intimidades” diversas vezes.

– Mas ninguém sabe disso! – Ela respondeu, como se houvesse lido os pensamentos dele. – E foi há muito tempo.

– Tempo demais para o meu gosto – ele completou. – Mas a questão é que você não vai ficar aqui para ser atacada no meio da noite. Vamos, já está escuro.

Annelise puxou novamente o braço, recusando-se a ir com ele, mas de repente ela parou de puxar.

– Está escutando isso?

Ele parou e apurou os ouvidos, estava mesmo escutando vozes alteradas ali por perto. Então ao olhar para o lado sul da cidade, viu o clarão e a fumaça.

– Fogo! – Brice foi correndo pelo caminho, podiam seguir a descida em linha reta que saíam no sul da cidade rapidamente.

Foi um grande choque quando chegaram até lá e viram que era a casa de Sweet Alice que estava pegando fogo. Os vizinhos se revezavam com baldes, tentando apagar enquanto outros ajudavam a salvar o que podiam. O xerife saiu correndo lá de dentro com duas gaiolas, ela tinha muitos animais de estimação. Sweet Alice gritava do lado de fora, procurando desesperadamente por Manchinha. Toda a parte de trás da casa já havia sido tomada pelo fogo e não era uma construção tão pequena, pois ela foi aumentando lentamente a casa. Principalmente para poder cuidar das crianças que acolhia.

Sweet Alice achou ter escutado os latidos de sua cachorra e sem pensar duas vezes, correu o mais rápido que suas pernas idosas permitiam, pronta para entrar novamente na casa em chamas. Todos estavam tão ocupados em apagar o fogo e salvar os animais que não a viram correndo. Annelise adiantou-se, passando pelo meio daquele caos e impediu a senhora.

– Não, Sweet Alice! Não pode entrar lá! – Dizia enquanto a segurava.

– Minha cadela! Manchinha ficou lá dentro! Ela morre de medo de fogo!

Brice parou a frente da senhora, ajudando a levá-la para mais longe da casa.

– Onde ela está? – Ele perguntou.

– Deve ter se enfiado no armário da cozinha, não tem portas! Só cortinas! Ela sempre se esconde lá!

Ele escutou metade do que ela disse e foi correndo para a casa. O xerife saiu correndo de lá, tossindo enquanto dizia que já trouxera todas as gaiolas. Ele nem notou que sua jaqueta estava toda chamuscada. Annelise não teve tempo de impedir que Brice entrasse na casa também.

– Reynold! – Ela gritou para o xerife. – O Sr. Wincross está lá dentro!

O Sr. Neil veio carregando alguém que aparentemente desmaiara pela fumaça, era um dos homens que ajudara a salvar alguns pertences. Reynold correu para a casa, mas não podia mais entrar pela porta por onde acabara de sair, pois o fogo já bloqueara a

entrada. Ele olhou para a casa, procurando outra entrada, parecendo desesperado por saber que ainda havia gente lá dentro.

– Robbins, já tirou todos de lá? – Reynold perguntou ao guarda que também havia ajudado a retirar os animais.

– Sim, chefe!

– Sim, uma ova! – Gritou Annelise, a ponto de cair em pranto enquanto olhava a frente da casa sendo destruída pelo fogo enquanto Brice ainda estava lá dentro.

Reynold já estava prestes a consolá-la. Mas Brice saiu pela mesma janela que o Sr. Neil havia conseguido sair. Ele segurava Manchinha enrolada nas cortinas da bancada da cozinha. Assim como os últimos que saíram da casa, ele estava desorientado pela fumaça e tossia, mas não apresentava danos aparentes.

– Minha Manchinha! – Disse Sweet Alice quando foi pegar sua cachorra que estava tão assustada que continuou paralisada ao lado de Brice, mesmo quando ele a colocou no chão.

– Depois dessa, só um trago – disse o Sr. Neil que estava sentado no chão, também todo sujo e ainda tossindo.

– Não tem mais ninguém lá – Brice disse entre tossidas. – Fui último.

Annelise andou decididamente até onde Brice havia parado e lhe deu um empurrão.

– Seu desgraçado! Desde quando você entra em casas em chamas?
– Ela gritou, ainda tomada de pavor, seus olhos ardiam não apenas pela fumaça, mas pelas lágrimas.

Para sua surpresa ele quase perdeu o equilíbrio e ela correu para segurá-lo antes que caísse. Ele curvou-se, tossindo e esfregando a manga pelo rosto.

– Eu salvei a cadela, não salvei? – Ele respondeu quando pareceu estar melhor e passou o olhar em volta, encontrando a cadela nos braços de Sweet Alice. Manchinha ainda tremia de medo e respirava com dificuldade.

Annelise ainda não superara o pânico por ter achado que ele morreria queimado dentro daquela casa e pior, ela teria de assistir sem poder fazer nada. Mas antes que ela conseguisse falar, a casa veio a baixo, provocando um estrondo, levantando ainda mais fumaça e espalhando pedaços da madeira queimada para todos os lados. Sweet Alice chorava enquanto era amparada pela Sra. Clemmons. Annelise arregalou os olhos, uma lágrima desceu pelo seu rosto, só por imaginar o sofrimento pelo qual aquela senhora tão boa estava passando. Todos ficaram em silêncio enquanto seus olhos registravam aquela visão horrível. Agora quem já se recuperara estava ajudando a controlar o fogo para que ele não se espalhasse mais. A sorte era que a casa de Sweet Alice não era agarrada a nenhuma outra, ela tinha um jardim que a circundava.

Annelise virou-se para Brice, bateu as mãos em seu cabelo chamuscado, retirando também a fuligem. Depois foi batendo em sua roupa, procurando queimaduras. Quando ela começou a limpar seu rosto Brice até parou de tossir e fechou os olhos, aproveitando os toques leves dos dedos dela. O Dr. Damon revezava-se entre todos que saíram da casa, checando se estavam bem. E mandava que se afastassem ainda mais dali para respirarem melhor.

– Eu estou bem – ele disse, já que agora ela não parava de bater em suas roupas.

Annelise obrigou-se a parar, estava fazendo aquilo só para livrar-se do pânico momentâneo.

– Vou começar a me envolver em tarefas perigosas se isso anula seu medo de me tocar – ele disse, conseguindo trazê-la de volta a realidade.

– Eu mesma vou lhe dar uma pedrada e deixá-lo inconsciente! – Ela respondeu.

Brice sorriu levemente enquanto a olhava, pelas dores que sentia ele sabia que queimara ao menos as mãos quando salvou Manchinha, mas não ia dizer isso a ela. Era apenas um incomodo.

– Já quer me abraçar agora? – Ele indagou em um tom quase compreensivo.

Annelise franziu bem o cenho, mas fechou os olhos e abraçou-o rapidamente. Nem se importou por ele estar cheirando a fumaça, pois estava inteiro.

– A propósito... – Disse ele, aproveitando o momento. – Por que quer tanto me dar uma pedrada?

Ela se afastou dele.

– Eu o odeio! Odeio! – Deixou-o e foi correndo para onde Sweet Alice estava.

Capítulo 7

O Dr. Damon resolveu dar algo para Sweet Alice dormir, a senhora estava muito nervosa e não era bom para alguém da sua idade. Ela foi ficar na casa de tio Rolfe, eles tinham uns quartos sobrando por lá. Reynold tinha certeza que o incêndio havia sido criminoso e mais tarde, descobriram que havia sido uma tentativa de distraí-los. Com o barulho do fogo, ninguém escutou o som dos tiros, mas os bandidos tentaram assaltar o banco.

Richards derrubara dois deles e o guarda que o xerife deixara no banco, jurava que também acertara um, mas este conseguira fugir. Segundo eles, eram quatro homens. Naquela mesma noite, eles assaltaram um dos saloons e a mercearia que ficava no extremo norte da cidade. Uma pequena parte do dinheiro foi recuperado dos bolsos dos corpos e os outros itens que estavam nas sacolas dos cavalos deviam ser de assaltos a cidade vizinha.

No dia seguinte os moradores decidiram que precisavam fazer algo por Sweet Alice. E a decisão era que lhe fariam uma casa nova. Claro que precisariam comprar o material e os móveis, mas o Sr. Clemmons, tio Rolfe e o Sr. Wincross iriam cuidar disso. Seria como um presente, ela iria passar o Natal debaixo de seu próprio teto.

Outra pessoa que também queria passar o Natal em sua própria casa era Brice. Ele estava cansado daquele hotel e queria um Natal feliz, como o último que passara com Annelise. Sua casa estava indo muito bem, já fora reformada e os novos cômodos estavam terminados. Acabara de receber a pintura em toda a frente e na parte de dentro, o primeiro andar estava concluído, só faltava o segundo. Ia ficar pronta a tempo, mas o resto era com ele.

– Gosto de branco – disse Annelise, procurando soar pouco interessada.

– Combina com a cidade, vi que tem muitas casas brancas por aqui – Respondeu Brice.

Havia se passado uma semana e como não houve mais notícias dos bandidos, Annelise, que também fora obrigada a ir para a casa de tio Rolfe, havia decidido voltar para sua casa. Desde que cedera aos seus sentimentos no dia do incêndio estava tendo dificuldades em rejeitar Brice. Ele sempre sorria como se fosse algo a que se acostumara e depois fazia exatamente o contrário do que ela havia dito.

– Por que aumentou a casa? Para que precisa de uma casa tão grande? – Ela indagou, inclinando o rosto para ver a parte lateral que ganhara mais espaço, para acrescentar mais uma suíte no segundo andar e aumentar a sala e o banheiro do primeiro.

– Porque nós vamos ter pelo menos três filhos, Annelise. Precisamos de espaço. Além disso, minha família é grande, tenho dois irmãos, um já tem dois filhos, o outro arranjou uma pequenina e ainda tenho pais. E eles gostam de fazer visitas. Portanto, precisamos de espaço para hóspedes também.

A cada palavra que ele pronunciava, Annelise ia abrindo mais a boca e sua expressão ia ficando mais ultrajada. Brice manteve-se sério, como se tivesse dito algo muito banal.

– Quem foi que lhe disse que nós vamos ter pelo menos três filhos? Aliás, quando foi que eu aceitei ter qualquer envolvimento com você que me leve a ter filhos?

Ele virou o rosto para ela, sua expressão estava leve e com um resquício de diversão, mas seu tom era de alguém com absoluta certeza.

– Nós vamos ter filhos – ele tinha tanta convicção nisso que parecia até estar olhando para uma mulher que já carregava seu bebê. – No último Natal que passamos juntos, você me perguntou o que se deve fazer se depois de lutar incessantemente acabar se apaixonando. Eu demorei, mais descobri. Você simplesmente não para de lutar, até ter o que precisa.

Ela fixou o olhar na casa, obrigando-se a não olhar para o lado. Lembrava-se muito bem daquele Natal antecipado. Passara o último ano achando-se uma completa tola por ter confessado o que sentia. O Natal para ela não era mais a mesma coisa desde então. O último fora horrível e não fazia ideia de como seria o próximo.

– O que foi? Continua sem saber o que fazer comigo? – Ele indagou, virando-se para ela agora. – Eu ainda sei o que você pode fazer. Mas devido a diversos fatores, não acredito que a resposta seja tão inocente quanto a anterior.

Ela levantou as sobrancelhas e suas bochechas esquentaram. Desde que deixara Southampton era praticamente uma santa. Nem pensava mais sobre certas coisas. Nenhum homem sequer havia a feito cogitar qualquer possibilidade. Mas então ele tinha que voltar e estragar mais isso. Era só olhar pra ele e lá vinham as maravilhosas memórias de como era estar entre aqueles braços fortes, sob seu corpo quente e...

– Eu preciso ir para casa ler. Tenho lições para corrigir! – Ela virou-se e foi tomando o caminho de volta ao centro da cidade. Fugindo novamente.

Dois dias depois, Annelise entrou no banco pela primeira vez. Provavelmente era a única pessoa em Marble City que ainda não havia visitado o banco.

– Bom dia, Srta. Barton – saudou o Sr. Ivan, levantando-se imediatamente de sua mesa que ficava do lado direito da área principal do banco. – Veio visitar o Sr. Wincross?

Ela cruzou os braços, irritada pela conclusão que o Sr. Ivan tomava como óbvia.

– Vim abrir uma conta. E creio que você mesmo pode fazer isso, não?

– Sim, mas quanto pretende depositar?

Ela lhe disse a quantia e o Sr. Ivan balançou a cabeça.

– Vou falar com o Sr. Wincross, valores altos são depositados imediatamente no cofre.

Annelise manteve os braços cruzados enquanto era encaminhada a sala do maldito Sr. Wincross, por isso demorou tanto para ir. Sabia que ia acabar tendo de tratar com ele.

– Então pensou que podia vir ao meu banco e nem me fazer uma visita? – Indagou Brice, com o olhar irritantemente divertido enquanto mantinha-se sentado em sua cadeira de couro fazendo pose de rei do castelo.

– Na verdade, eu fiquei vigiando para ver se você saía. Mas não podia esperar mais, pois preciso ir para a escola daqui a pouco.

Ele começou a preencher o papel que lhe daria para a conta, nem precisava lhe perguntar nada, já sabia tudo. Mas quando chegou a hora de depositar, ela saiu e voltou acompanhada do guarda Robbins.

– Aqui está, Annelise – ele disse depositando uma pequena mala de mão com o que sobrara das economias dela após vender a casa de Southampton e gastar boa parte na construção da escola. – Ainda bem que me chamou, é muito perigoso você andar por aí com todo esse dinheiro.

Brice cruzou os braços, o guarda Robbins estava sorridente demais para o gosto dele. E desde quando ele tinha essa intimidade toda para chamá-la pelo nome? E por que raios estava buscando-a onde quer que fosse?

– Muito obrigada – ela sorriu para ele e disse-lhe que não queria mais atrapalhar seu dever de proteger a cidade. O guarda disse que não era nada, cumprimentou Brice e saiu, ainda todo sem graça. Na verdade Robbins era um rapaz muito tímido, ficava todo encabulado com as moças e quase se enfiava num buraco quando elas resolviam jogar seu charme para ele. E inclusive morria de vergonha da professora.

Brice deu a volta na mesa, ainda de cara amarrada. Abriu a maletinha deixando a tampa cair para trás e olhou o conteúdo. Então cruzou os braços ao olhá-la.

– Não precisava dele, podia ter falado se necessitava que alguém trouxesse o dinheiro.

– Reynold ia me trazer, mas ele teve um contratempo.

– E desde quando tem tanta intimidade com o guarda Robbins?

– Ah, ele é um rapaz adorável e muito envergonhado.

– Sei! Garanto que ele fica desavergonhado rapidinho quando quer!

– Não sei – ela riu um pouco da cara brava que ele fazia.

– Já andou passeando com ele por aí?

Annelise riu mais ainda. Na verdade, sim, ela sempre parava vez ou outra pra trocar umas palavras com o guarda. E assim que chegou, ele foi logo indicado como “uma boa companhia”. Afinal, as pessoas ali gostavam de formar casais, a cidade estava precisando crescer e era um grande desperdício ter jovens bonitos e saudáveis, mas também solteiros e sem filhos. Só que Annelise deu logo a entender que não tinha o menor interesse e o guarda nunca nem tentou. Por fim, as pessoas acabaram se contentando. Mas ela não ia contar isso para Brice, ia? Não quando ele parecia tão irado.

– Não estou vendo a menor graça – ele respondeu entre os dentes, seu olhar ficando estreito e perigoso.

– Oras, Brice! Robbins deve ter a minha idade. É um bobo.

– Já é bem adulto para mim.

– Não gosto de rapazinhos.

Ele não parecia nem um pouco satisfeito com essa explicação, mesmo que de certa forma o beneficiasse já que ela preferia homens maduros. Para ele era revoltante que ela ficasse cheia de sorrisinhos e elogios para cima de Robbins e para ele só sobravam as

repreensões. Provavelmente veio toda feliz e sorridente pelo caminho, mas quando ele estava junto, era ignorado por pelo menos metade do percurso. Isso porque depois da primeira e única vez que ele entrou em sua casa, ela nunca o convidou para voltar. Só batia a porta e trancava, fugindo ainda mais.

Brice estava mais do que frustrado. Antes, quando não tinha nada dela e passara mais de um ano sem vê-la e quem dirá tocá-la, era muito mais fácil. Mas agora que a tivera novamente, mesmo que por poucos minutos, estava muito mais difícil ser tão rejeitado. E o Natal estava cada vez mais próximo, se continuasse assim ia passar outro final de ano medíocre. Ele queria uma chance, só uma para mostrar a ela que podia assumir o que ainda sentia. Eles ainda davam certo, ainda eram apaixonados e ficar se encontrando todo dia sem trocar nem um aperto de mãos estava além das forças dele.

Mais tarde, ele foi esperá-la na saída da escola como fazia todos os dias. Ainda continuava carrancudo, teve o resto do dia para ficar em seu escritório remoendo sua posição. Tentava se convencer que Annelise também estava se sentindo como ele, mas as lembranças não queriam corroborar essa história. Sem falar nada, ele esperou que ela passasse e foi andando um pouco atrás. Estava pensando se hoje ia ressuscitar um pouco do seu orgulho e deixá-la em casa sem dizer nada ou se faria exatamente o contrário.

Apesar de estarem entrando em uma estação mais fria, Brice ainda não estava nem se agasalhando muito, pois era acostumado a um clima mais rigoroso lá em Nova York. Annelise encolheu os ombros quando uma lufada de vento frio varreu a estradinha que dava em sua casa, ela já estava mais habituada ao clima dali. Olhando para cima, ela reparou que o céu parecia a ponto de

desabar e apertou o passo. Sabia como aquele caminho ficava quando chovia, ninguém podia passar.

– Acho melhor você voltar rápido – ela disse enquanto entravam pelo portão que dava no pequeno jardim da casa. – Este caminho é escorregadio.

– Não.

Ela parou depois de subir os degraus e virou-se para olhá-lo.

– O que?

– Não – ele foi andando decididamente para a casa. – Estou cansado de ser escorraçado como um cachorro. Chega de ter a porta batida em minha cara como se eu tivesse alguma doença contagiosa – pegou-a pelo braço e subiu os dois degraus, levando-a para dentro.

Brice colocou-a para dentro e sem soltá-la, fechou a porta com a mão livre. Enquanto ele fazia isso um trovão alto soou do lado de fora e ele a sentiu estremecer.

– Essa sua casinha de bonecas aguenta um temporal? – Ele indagou, logo que o barulho passou. Desde que chegara ali ainda não caíra uma chuva tão forte como parecia que estava a ponto de acontecer.

– É mais forte do que você pensa – ela respondeu cortante, insultada com a insinuação sobre sua casa.

Ele afastou-a da porta, contornando o sofá.

– Eu consigo andar sozinha – ela disse, notando que ele não soltava seu braço.

– Eu sei.

– Então me solte.

– Não vai fugir de mim agora, Annelise. Eu vou beijá-la hoje ou vou perder completamente o juízo.

Atônita com o repentino comportamento dele, Annelise levantou as sobrancelhas ao encará-lo. Ele puxou-a para mais perto pelo mesmo braço que continuava a segurar. Beijou-a sem preâmbulos, finalmente soltando seu braço para poder abraçá-la. As mãos dele se fixaram na base de sua coluna, apertando-a contra seu corpo e conseqüentemente inclinando-a um pouco para trás. Annelise agarrou-se a frente da camisa dele enquanto era beijada com tanta paixão que o ar começou a lhe faltar mais rapidamente.

– Pare com isso... – Ela disse, enquanto movia a cabeça, tentando fugir dos lábios dele. – Você tem que ir antes que comece a chover. Ou ficará perigoso.

– Eu já perdi a conta de quantas vezes me mandou parar de fazer alguma coisa – ele segurou seus ombros, mantendo-a bem parada e beijou-a lentamente.

– Você nunca obedece... – Ela murmurou contra a boca dele.

Brice balançou a cabeça e escondeu o rosto na curva de seu pescoço, fechou os olhos ao provar novamente sua pele. Deslizou os lábios deixando o local úmido e olhou-a, procurando uma maneira de expor mais pele, já que o vestido atrapalhava. Annelise abriu os olhos e piscou algumas vezes ao notar que ele retirara a boca de cima

dela. Agora iria conseguir pensar novamente e colocar seu bom senso em prática.

Mas Brice abraçou-a e virou-se, passando o braço por baixo de suas pernas. Então a levantou em seu colo e carregou-a para o quarto. Ele a colocou sentada na beira da cama, retirou seu casaco e abaixou a sua frente apoiando um dos joelhos no chão para livrá-la dos sapatos. Annelise ficou apenas olhando o que ele fazia, como se estivesse imersa em uma fantasia. Brice jogou os sapatos para os lados e tornou a ficar de frente para ela, livrou-se de sua camisa e também a despachou para algum lugar do pequeno quarto. Annelise levantou os olhos para ele e engoliu a saliva antes de voltar a falar.

– Minha cama não vai aguentá-lo... Veja só o que está me fazendo dizer. Você não vai subir na minha cama.

Ele inclinou-se e apoiou as duas mãos nas coxas dela, o que a fez se retesar, mas durou pouco tempo, pois ele foi deslizando as mãos para cima por baixo do vestido, procurando a barra das meias para tirá-las.

– Você esqueceu os pontos de exclamação – ele beijou-a nos lábios e quando foi retribuído começou a puxar as meias. Não estava sendo muito lento em seus movimentos porque ela podia resolver afastá-lo e seu autocontrole estava esgotado pelo uso excessivo.

Quando se livrou das meias e pôde ver seus joelhos nus, Brice sorriu. Colocou-a de pé e puxou-a contra seu corpo, fazendo-a encostar-se a seu peito exposto. Ele abaixou o rosto e beijou-a durante todo o tempo que precisou para desmanchar sua trança longa. Annelise cerrou os olhos enquanto sentia seu cabelo ser solto, ela deixou suas mãos correrem pelas costas dele,

reconhecendo a forma do seu corpo e sentindo os músculos sob as pontas dos seus dedos.

Brice enfiou os dedos por dentro do cabelo dela, soltando-o em suas costas e só então desgrudou a boca da dela. Ambos soltaram o ar um contra o outro. Ele puxou os laços de seu vestido que era tão leve e simples que logo suas mãos estavam contra a pele das costas dela. As mãos dele subiram até seus ombros, trazendo o vestido junto, o tecido deslizou pelos braços dela e logo era mais uma peça jogada para o lado.

Insatisfeito por ainda não conseguir sentir seu corpo totalmente contra o dela, Brice arrancou as próprias roupas. Uma de suas botas foi parar atrás do sofá. Ele levantou-a e depositou sobre a cama. Logo depois se juntou a ela e grudou seus corpos, deixando-os tão juntos que suas pernas precisavam se entrelaçar. Os braços dele a envolveram, mantendo-a bem junto a ele, sem nada para impedi-los e nenhum lugar para se esconder.

No momento, Annelise nem podia imaginar como estava deixando tudo isso acontecer. Mas se eles beiravam o descontrole apenas por trocarem leves toques, não podiam descrever o que era estar tão junto como agora. Mal sabiam por onde começar, só queriam saciar aquela necessidade aterradora. Brice olhou para baixo, livrando-a da última peça íntima que ainda bloqueava o contato total. Ele hesitou em por as mãos nela, quando o fez foi para segurá-la, pois preferiu provar novamente do corpo dela com a boca.

Ela prendeu o ar e depois o soltou todo de uma vez, então sua respiração se alterou, seu corpo pareceu se inflamar e ela fechou os olhos, deixando-se relaxar com as carícias dele. Brice fechava os olhos de puro contentamento enquanto beijava e sugava a pele dela.

Deleitou-se em seus seios, fazendo com que ela movesse as costas na cama, segurando-se a ele e buscando igualmente o fim da tortura. Annelise correspondia tocando-o e usando seu próprio corpo para acariciá-lo e não havia nada que o excitasse mais do que o contato com ela.

Brice moveu-se sobre o corpo dela que o puxava para cima. Ele não usou apenas os dedos para tocá-la, segurou seu membro duro e deslizou por ela, sentindo sua umidade. Foi como enviar uma onda de desejo por todo o corpo dele, até sentiu-se estremecer. Annelise agarrou-se a ele, convidando-o a juntar-se a ela, Brice soube que ainda era correspondido como antes. Deslizou para dentro, ouvindo-a gemer de alarme pela surpresa da invasão que não sentia há um bom tempo. Moveu-se entre as pernas dela até que os gemidos prazerosos escapassem, tão concentrado que não escutava seus próprios sons.

As sensações e o sentimento que compartilhavam eram tão fortes que pareciam deixar a consciência quando fechavam os olhos. Mal notavam como seus corpos estavam retesados, procurando alívio com desespero. Os nós dos dedos de Brice estavam brancos pela força que usava ao segurar o lençol embaixo dela, suas investidas tornaram-se rudes e incessantes, mas ela o puxava e movia o quadril, incentivando-o a continuar assim. O prazer de estarem juntos era tão bom que foram tomados por tremores típicos do orgasmo intenso. Finalmente seus corpos receberam algum alívio da tensão que vinham enfrentando naquela proximidade tão distante.

A cama havia aguentado perfeitamente, apesar dos barulhos de protesto que emitiu no auge dos movimentos deles. Do lado de fora a chuva continuava a cair, mas eles nem tomaram conhecimento disso, o ar em volta deles parecia denso e quente, como se uma

nuvem pairasse em cima da cama. Brice engoliu a saliva, mas voltou a respirar de forma ofegante. Seu corpo estava suado como o dela, a pele úmida deslizava, mas não se moveram por pelo menos dois minutos. Ele puxou-a para o lado, abraçando-a, Annelise foi para junto dele facilmente e afastou seu cabelo úmido do rosto.

Mesmo sem dizer nada, eles entenderam que não haviam se contentado. Mas dessa vez foi tão íntimo e cúmplice que pareciam nunca ter se separado. Ele ficou a observando durante todo o tempo, estudando suas reações, reconhecendo aquela maneira como ela suspirava e fechava os olhos momentaneamente. Queria dizer o quanto a amava, mas queria que ela acreditasse nele. Assim talvez entendesse porque ela ainda demonstrava também o ama-lo, mas fugia disso com tanta convicção que ele começava a acreditar que realmente lhe fazia mal. Annelise podia senti-lo tão bem em seu corpo, que o fez parar e foi nesse momento que os dois sentiram aquele ápice estremecer seus corpos novamente, mas de um modo totalmente diferente.

Brice virou-se na cama e a trouxe junto. Ele apoiou a cabeça no travesseiro e ela encolheu-se junto a ele. Annelise escondeu o rosto e chorou baixinho, era impossível não se lembrar de tudo que acontecera. Quando ela imaginou que voltaria aos braços dele? Ele abraçou-a apertado, envolvendo-a gentilmente. Beijou-lhe a cabeça e murmurou palavras carinhosas. Disse-lhe que nunca mais iriam humilhá-la e ele jamais tornaria a deixá-la. Não importava as dificuldades que aparecessem, ela não as enfrentaria sozinha. Annelise acabou adormecendo com a cabeça sobre o peito dele. E os dois dormiram profundamente por horas, não viram a chuva forte, nem os raios e os trovões não os acordaram. Simplesmente se entregaram ao sono pesado, como se não o fizessem há tempo demais.

Eles acordaram já no final da manhã com o barulho de batidas fortes na porta. Brice moveu-se na cama, liberando Annelise que se virou lentamente. Ele passou a mão pelo cabelo enquanto se sentava, mas virou o rosto para olhá-la. Annelise se deu conta do que acontecia e começou a por as roupas íntimas rapidamente enquanto olhava para baixo e deixava que a massa de ondas castanho-douradas caísse sobre seu rosto. Brice ficou de pé, olhando-a fixamente. Ao notar isso, ela saiu do quarto e entrou no banheiro. Ele xingou baixinho e agarrou sua roupa, puxou a calça fechando-a enquanto tornava a escutar batidas na porta. Pegou a camisa e enfiou pelos braços, calçou as botas e foi andando para a sala.

Tio Rolfe surpreendeu-se ao ver o Sr. Wincross abrir a porta, mas logo se recompôs.

– Você não chegou aqui antes de mim – disse, franzindo a testa e juntando as grossas sobrancelhas brancas – Creio que sequer foi embora.

Como não pretendia mentir e estava estampado em sua cara e em suas roupas que havia acabado de acordar, Brice apenas assentiu e voltou para dentro. Da parte dele não tinha nada a esconder e nem era mais nenhum garoto que precisava fugir com as calças na mão, ele sabia muito bem o que queria.

Apesar de já estar idoso, tio Rolfe ainda era alto, tinha pernas fortes e uma figura respeitável. Ele entrou, fechou a porta e virou-se para o rapaz a sua frente. Brice havia voltado pela sala e ficou de costas para a porta que dava no quarto de onde acabara de sair. Agora estava fechando a camisa e ajeitando-a na calça. Annelise saiu do banheiro já usando um vestido e parou abruptamente ao ver tio Rolfe em sua sala.

Ele começou a olhar de um para o outro, Annelise estava sem graça e um pouco corada. Brice parecia não se importar nem um pouco por ter sido pego nessa situação. Ela virou-se e foi rapidamente para a cozinha e começou a preparar o café. Brice desviou o olhar quando Annelise saiu, dava para ver que ele estava irado com o comportamento dela. Agia como se houvessem feito algo errado e se arrependesse disso.

– Eu ainda não ouvi a palavra casamento, rapaz – disse tio Rolfe, lembrando ao Sr. Wincross que ele olhava pela moça.

Brice pegou sua jaqueta de forma rude. Tio Rolfe notou pelo seu olhar que ele estava a ponto de esmurrar uma parede até que a dor dos punhos machucados o impedisse. Ao acordar e notar que Annelise sequer quis encará-lo, Brice entendeu que ela havia se arrependido do que acontecera. E ele que ficara tolamente achando que algo havia mudado, chegou a tirar aquelas amarras que vinham apertando seu coração.

– Vai ouvir quando ela parar de fugir – ele disse quase entre os dentes e saiu da casa, batendo a porta.

Assim que Annelise o escutou saindo, largou o que estava segurando sobre a pia e deixou seus ombros caírem assim como seu rosto quase se afundou nas mãos. Tio Rolfe foi até ela e parou ao seu lado, olhando-a.

– Pela quantidade de sentimentos contraditórios que eu captei dentro desta casa, posso presumir que nós não estávamos tão errados assim – disse tio Rolfe. – Apesar de sermos caipiras, estávamos certos ao concluir que vocês dois se conheciam desde Nova York. Não é?

Ela apenas assentiu. Tio Rolfe levantou sua mão grande e grossa pelo trabalho duro que ainda desempenhava em sua fazenda, os ombros dela lhe pareceram delicados e trêmulos assim que a tocou.

– Eu poderia lhe prometer que daria um jeito no rapaz, mas eu duvido que ele ceda facilmente. Afinal, creio estar olhando para o verdadeiro motivo da vinda do Sr. Wincross para essa cidade. E no fundo, você não quer isso. Ou jamais deixaria que ele passasse a noite em sua casa. Vamos, não fique com medo do passado. Ele só pode voltar para assombrá-la se você permitir.

Annelise assentiu novamente e acabou virando-se para aquele senhor de cabelos brancos que conseguia ser ao mesmo tempo o típico rude fazendeiro e a imagem de um avô gentil. Então o abraçou e passou a mão pelos olhos, secando uma lágrima. Tio Rolfe deu batidinhas suaves em suas costas, consolando-a. Ele não havia tido filhas, apenas filhos. Mas isso não impediu que sua falecida esposa lhe ensinasse um pouco de sensibilidade para tratar com elas.

Todos estavam ajudando na construção da casa de Sweet Alice. Brice nunca fizera esse tipo de trabalho, mas desde que ele chegara a Marble City começara a fazer muitas coisas que nunca fizera na vida. Era só alguém lhe dizer como fazer, demonstrar e ele entendia. Com a prática pegava o jeito. Assim, começou a ajudar na casa, afinal trabalhar no banco não era o tipo de atividade que o deixava extravasar sua frustração e até seu cavalo novo já estava cansado de cavalgar por aí. Hoje ele estava com o grupo que colocava o telhado e batia com força e rapidez, mas de forma tão enérgica que surpreendia os outros.

Se Annelise estava pensando que ele ia simplesmente sumir depois de conseguir dormir com ela, então estava subestimando-o seriamente. E se ela estava testando-o para ver o que acontecia

depois, ia ser surpreendida. Mas ele já estava a ponto de bater a cabeça na parede de tanta frustração. Agora ela estava indo para a casa de Tio Rolfe ajudar Faith e fazer companhia para Sweet Alice. Brice sabia muito bem que isso era uma maneira de evitá-lo. Pois impedia que se encontrassem, já que ela não vinha para cidade e não precisava que ele a acompanhasse, pois ia na charrete com Tio Rolfe e Sweet Alice.

Brice escutou um estrondo e sentiu a casa balançando, os homens na parte de baixo começaram a falar, aparentemente haviam derrubado alguma coisa. O local onde ele estava apoiando o pé escorregou e Brice só teve tempo de entender que estava caindo. Rolou telhado a baixo e bateu de costas no chão. Apagou imediatamente.

Um tempo depois quando ele acordou, não sabia quanto tempo passara, mas escutava a voz arrastada e cheia de sotaque do Dr. Damon. Piscou várias vezes, percebeu que ainda estava claro, então não passara tanto tempo assim. Quando finalmente conseguiu focalizar, ao invés de encontrar a cara redonda do médico, estava sendo encarado de perto por olhos azuis escuros e atentos que o olhavam fixamente, de forma assustada e preocupada. Brice piscou mais algumas vezes, ia se mover, mas escutou o médico falando para que ficasse quieto. Sentia que ele tocava seu corpo, procurando fraturas, mas Brice não sentia nada demais, apenas uma dor muito incomoda nas costas.

– Sabe quem eu sou? – Indagou Annelise, vendo que ele apenas piscava.

Ele voltou a desviar os olhos para ela que estava com as duas mãos levemente apoiadas em seu peito como se estivesse tomando conta de seus batimentos cardíacos.

– Minha noiva? – Ele perguntou.

Os homens da construção estavam todos em volta, muito preocupados com ele e apesar de darem espaço para que pudesse respirar, prestavam atenção em tudo e deram risadas quando ele respondeu isso. Annelise estreitou os olhos e ficou de pé.

– Ele está mais do que bom! – Ela disse ao Dr. Damon que também tinha um sorriso no rosto. – Está apenas delirando. Mas não creio que isso seja grave.

– Também não parece ter quebrado nada – Concluiu o médico. – Mas vamos levá-lo com cuidado, quero examinar suas costas.

– Eu preciso mesmo morrer para ela vir me ver – resmungou Brice, enquanto era levado numa maca improvisada para o consultório do Dr. Damon.

Nesse momento todos já sabiam que o Sr. Wincross vinha travando uma séria batalha para convencer a professora a se acertar com ele, mesmo que as pessoas continuassem os considerando comprometidos. E as teorias iam longe durante os lanches da tarde, encontros da terceira idade e bebedeiras nos saloons da cidade. Muitos não acreditavam que o dono do banco caiu de amor à primeira vista e insistiam na teoria de eles terem se conhecido em Nova York. Afinal, era coincidência demais.

Outros já preferiam ficar com a história do encantamento súbito do Sr. Wincross. Ele viu a mais bela moça da cidade e caiu de quatro. Era de se esperar, ela era uma flor sofisticada no meio daquela poeira toda. Tinha que chamar atenção dele. E na opinião local, eles combinavam exatamente por virem do mesmo lugar, os dois até tinham aquele sotaque do norte e o comportamento distante da

galera lá de cima. Seria bom que eles se entendessem, assim nenhum dos dois ia querer ir embora. E o povo de Marble odiava perder seus tesouros.

Brice foi proibido de voltar ao trabalho na casa de Sweet Alice, mas recuperou-se bem. Passou a semana com dores nas costas, mas nada que o impedisse de ir trabalhar no banco, só não pode sair para cavalgar. Sweet Alice veio visitá-lo várias vezes, primeiro porque ficara preocupada, segundo que agora o considerava um verdadeiro herói e terceiro porque estava dando uma de espiã casamenteira. Quando voltava e encontrava com Annelise, ficava um longo tempo lhe falando do Sr. Wincross, de sua recuperação, seu heroísmo, suas boas ações... Ela não estava deixando a moça esquecer-se dele nem por um minuto. Annelise acabou tendo que sair de seu esconderijo e adentrar o território de Brice.

– Patrão, sua noiva está aqui para vê-lo – disse o Sr. Ivan da porta da sala de Brice que costumava ficar aberta.

Brice franziu o cenho, dessa vez até ele demorou a fazer a ligação, mas o protesto atrás de Ivan logo clareou sua mente.

– Eu não sou noiva dele – Annelise passou pela porta e parou a frente da mesa.

Ela depositou uma cesta sobre o tampo e ficou remexendo nela, sem olhá-lo. O Sr. Ivan saiu e fechou a porta, ele achava que os dois estavam brigados, pois há dias que o patrão não saía para ir buscar a professora no colégio.

– Trouxe umas coisas para você – ela murmurou, ainda mexendo dentro da cesta, apenas para ter o que fazer ao invés de ficar

olhando-o. – Soube que ainda não encontrou ninguém pra cozinhar e está comendo no hotel.

– Quer dizer que minha vida finalmente lhe interessou?

– Sweet Alice quem disse...

– Não me mudei ainda. Continuo morando no hotel.

Ela deu um passo para trás, deixando a cesta sobre a mesa dele. Brice foi se levantar rápido e esqueceu as dores nas costas, soltou um gemido e voltou ao lugar, para levantar direito, ou seja, lentamente e sem se dobrar muito. Annelise deu a volta na mesa rapidamente e o segurou pelo braço.

– Você ainda está machucado? Dói muito?

– Não... – Ele se levantou e ao ficar ereto o desconforto momentâneo na parte baixa das costas passava.

– Mas gemeu de dor agora – ela disse, desconfiada.

– Puro drama para você se aproximar.

– Mentira, Dr. Damon disse que você ainda sente dores. Aquele telhado era bem alto.

– Quem está espionando quem agora?

– Sweet Alice! Ela quem conta tudo lá na fazenda.

Ele rodeou a mesa e foi remexer na cesta e estava sim com dores nas costas, por estar desobedecendo às recomendações do médico, estressado, frustrado, triste e dormindo naquela maldita cama do

hotel que antes do acidente já estava lhe causando dores nas suas costas.

– Você quem fez tudo isso?

– Faith ajudou... – Ela disse baixo, incomodada em saber que ele ainda não se recuperara do acidente.

– Obrigado, Annelise.

Ela assentiu e já foi escapulindo em direção à porta, mas ele se moveu mais rápido do que ela esperava e pegou-a pela cintura, para falarem cara a cara.

– Estou com saudades, Anne. Não a vejo mais, nunca mais a encontrei. Está me castigando?

Ela o olhou seriamente e ele se preparou para uma de suas respostas malcriadas. Mas Annelise apenas ficou olhando-o por uns segundos e depois abaixou o rosto para esconder seu rubor quando disse:

– Não, não estou o castigando.

– Ah, não? Então prove. Quero um beijo de despedida.

Ela estreitou os olhos.

– Você é um aproveitador!

– Não, sou um homem apaixonado. É diferente. Dê-me o que eu preciso.

Segundo suas probabilidades, Brice estava pronto para mais um diálogo em que ela o furava o tempo todo com suas alfinetadas e ele

fingia que não entendia metade do que ela dizia. No fim ela ia se afastar e ele ia voltar para suas dores nas costas que magicamente iam se intensificar depois de vê-la. Então quando ele sentiu os lábios macios contra os seus, arregalou os olhos de surpresa e correu a fechá-los porque não podia perder a oportunidade. Abraçou-a logo porque ela era dada a fugas rápidas e soltou um gemido de puro contentamento masculino enquanto ela o beijava e mantinha seu corpo quente e curvilíneo aconchegado ao dele. Isso sim podia acabar com todas as dores dele.

Um pouco depois enquanto ele estava apenas se aquecendo e tinha acabado de virar a cabeça para uma posição confortável de quem pretendia passar um longo tempo na deliciosa tarefa de beijar, a porta abriu repentinamente e o Sr. Ivan chegou a pular quando estacou no lugar.

– Mi... Mi... Mil perdões, pa-pa-patrão! – Disse o Sr. Ivan, nervosíssimo.

Brice jogou a cabeça para trás, sem acreditar no que estava ouvindo.

– Qual é o problema dessa cidade? – Ele perguntou, inconformado. – Não é possível que alguém sempre tem que bater ou abrir a porta!

– Eu... Eu... – Dava até pena do Sr. Ivan de tão vermelho que ele ficou.

Com a interrupção, Annelise se afastou dele e arregalou os olhos ao dar de cara com o Sr. Ivan que nem queria olhar para ela. Mas então ele indicou o motivo para ter entrado e havia uma família inteira na parte frontal do banco, o marido com um pacote que devia

ser um pouco de dinheiro, a esposa e pelo menos três crianças para quem Annelise dava aula. E estavam todos olhando para eles. Ela quase saiu gritando.

– Eu tenho que ir – ela passou pelo Sr. Ivan rapidamente, mas não pôde evitar as pessoas que estavam no banco.

– Bom dia, Annelise. Como vai? – Disse a mãe das crianças com um sorriso grande demais para o gosto dela.

– Professora, é verdade que a senhora vai casar com o dono do banco? – Perguntou a garotinha menor.

– Mas a senhora não tinha dito que não devemos beijar os meninos? O Sr. Wincross é um menino! A senhora pode beijar porque é grande? – perguntou a garota mais velha.

Antes que o menino abrisse a boca, Annelise se adiantou.

– Não, não e não! – Ela disse, apontando para os três – E espero vocês no horário para a aula! – Dito isso ela saiu rapidamente.

As crianças foram dispensadas mais cedo da escola para que as reformas pudessem começar. Dr. Damon disse para Brice ficar longe do telhado da escola, mas ele não ia mesmo para lá, pois isso certamente impediria que Annelise fosse.

Antes do Natal duas novas casas ficaram prontas em Marble City. No início de Dezembro, Sweet Alice já tinha seu lar de volta. Ela ficou tão emocionada que chorou ao ver a casa nova, forte e bonita. Tinha poucos móveis porque não deu tempo de fazer todos e nem encomendar, mas por enquanto estava ótimo. Dessa vez a construção tinha apenas um andar, já que ela vinha reclamando que era difícil subir e descer escadas à noite.

Os trabalhadores da casa do Sr. Wincross se empenharam tanto que terminaram tudo bem antes do Natal. Ele finalmente pôde deixar o hotel. A casa também não estava completamente decorada, mas havia o básico para que ele pudesse se virar por lá enquanto o resto chegava ou era entregue pelo carpinteiro local. De qualquer forma, continuava comendo no restaurante do hotel. Sempre que entrava em casa, Brice sentia certo desânimo. E faltavam muitos detalhes internos, além de móveis que ele não escolheu porque no fundo, ainda tinha esperanças de que *ela* viesse.

Epílogo

Natal de 1887

Marble City, Texas

A paisagem em Marble City havia mudado, agora sim fazia frio por ali. O trem chegou à cidade trazendo mais móveis para a casa de Brice. Ao passar pelo banco e pegar dinheiro para comprar algumas roupas de frio, Annelise pensou que o encontraria. Mas ele precisou ir para casa resolver onde colocaria as caixas que chegaram na última passagem do trem antes do Natal. Ela imaginou que quando ele soubesse, acharia que ela ficara vigiando e esperando que ele saísse. E na verdade ela fora até lá como um pretexto, já que a proximidade do Natal também lhe incutira ideias na cabeça. Mas decidiu não esperar, ainda mais com o Sr. Ivan fazendo aquela cara de expectativa.

A cidade estava a ponto de parar, na maior parte das casas a ceia estava sendo preparada e todos se apressavam para terminar seus afazeres cedo.

– Você deveria vir passar o Natal conosco na fazenda. Não tem a menor necessidade de ficar sozinho naquela casa – disse Reynold quando encontrou com Brice na barbearia.

– Não é uma má ideia... – Ele passou a mão pelo cabelo recém-aparado, suas ondas castanhas pareciam mais bem domadas, mas ele achava que duraria pouco tempo. – Tenho alguns itens natalinos lá em casa, mas creio que não vou usá-los. Eu os levarei...

– Já até imagino. Esconda algumas coisas senão Faith vai ficar tão encantada com essas granfinisses que você recebe que me obrigará a encomendar essas coisas no próximo Natal. – Comentou Reynold, sentando-se na cadeira do barbeiro.

Brice saiu da barbearia, enfiou as mãos nos bolsos da calça e ignorou o vento frio que lhe fustigava o rosto. Passou em frente ao banco já fechado, não tinha trabalho a fazer hoje e nessa época as poucas pessoas que iam até lá queriam apenas fazer retiradas. O trem veio cedo e os passageiros que tinham algo para tratar com ele já haviam partido em carruagens particulares e diligências. Quando entrou em casa ele empurrou mais algumas caixas, deixando a sala mais apresentável. Pegou alguns enfeites de Natal e colocou em seus respectivos lugares. Então olhou a mesa vazia e ficou abatido.

Todos lhe disseram que iria nevar, mas Annelise ignorou os avisos. Foi arrastando uma bolsa de sua casa até a cidade, pouco se importando com o frio que entrava por baixo de seu vestido. Colocara meias quentes e botas, estava bem agasalhada com um casaco grosso de lã e cachecol que dava duas voltas em seu pescoço. Não havia quase ninguém nas calçadas enquanto ela avançava pela rua principal de Marble.

– Feliz Natal, querida! – Gritou a Sra. Douglas de sua varanda.

Annelise acenou e respondeu, imaginando o que aquela senhora estava fazendo espiando da varanda com um frio desses. Caíra pouca neve, apenas o suficiente para criar um tapete fino e branco no chão, mas estava muito frio. Quando estava quase chegando ao seu destino, viu Brice deixando a casa e vindo pela rua com duas bolsas de pano, uma em cada mão. Ela andou mais rápido, para que se encontrassem antes que ele tomasse outro rumo. Brice só a notou quando já estavam frente a frente, pois vinha com a cabeça baixa,

protegendo-se de vento frio. Ele franziu o cenho, estranhando que ela estivesse por ali. Segundo lhe constava, ela estava refugiada na casa de tio Rolfe e só vinha à cidade em horários que não o encontraria e jamais se aproximava do banco ou da casa dele.

– Você mora aqui há mais tempo do que eu para ter se perdido – ele lhe disse, havia apenas parado e continuava segurando as bolsas, como se soubesse que aquela conversa não ia demorar.

– Não me perdi. Para onde vai?

– Estava levando isso para casa de tio Rolfe.

– Eu vim de lá mais cedo.

– E para onde você vai? – Ele indagou.

Annelise prensou os lábios e moveu o ombro livre, pois o outro estava sustentando a alça da bolsa grande que trazia. Brice achou que ela não estava querendo lhe dizer, então moveu os braços, aliviando o peso do que carregava e retomou o caminho.

– Eu ia visitá-lo – ela disse rápido, antes que ele fosse embora.

Ele voltou a se virar para ela que fez o mesmo e acabaram invertendo suas posições. Agora ela estava de costas para a casa dele que dava as costas para a rua por onde ela viera.

– Por quê?

– É Natal... – Ela respondeu como se isso bastasse.

Ele apenas continuou olhando-a como se isso não lhe dissesse nada, estava cansado de falsas esperanças, pelo menos por hoje

preferiu só aguardar.

– Eu lhe fiz alguns presentes – ela continuou.

Brice franziu ainda mais o cenho, imaginando se ela estava brincando com a cara dele. Só poderia estar, para vir visitá-lo logo no Natal, depois de ter fugido dele como o diabo da cruz. Era incrível como mesmo em uma cidade tão pequena alguém conseguia a proeza de não encontrar o outro por vários dias. Annelise devia ter inventando algum tipo de chá do desencontro. Para falar a verdade, ele havia a visto de longe umas três vezes esse mês, todas elas a frente da loja da Sra. Todd na qual ele nunca entrara, mas sabia que vendia tecidos, linhas, cordões e todo tipo de artigos femininos e de papelaria. Mas quando o via ela tratava de desaparecer levando o que havia vindo comprar.

– Eu não quero presentes. Eu quero que você me responda umas coisas para que eu possa planejar meu próximo ano.

Ela assentiu e aguardou.

– Então me diga o que mais eu posso fazer. Eu concordo que eu fiz tudo que queria, você não me disse para fazer nada – ele dizia enquanto apenas a olhava, quase não se movia, pois suas mãos e braços estavam ocupados suportando o peso das bolsas. O significado do que dizia ficava por conta de sua entonação. – Eu quis morar aqui, agora trabalho aqui, gosto daqui, gosto das pessoas daqui. Eu já lhe disse tudo que veio a minha cabeça e até hoje não sei se você acredita em mim. Não adianta eu repetir o que sinto enquanto você me olha de forma descrente. Mas agora minha imaginação está um pouco falha, estou sem ideias para continuar a importuná-la até cansar. Então me diga ao menos se estou perto, se avancei alguma casa nesse seu tabuleiro. Assim eu posso traçar

minha estratégia para o ano que vem – ele podia estar abatido e decepcionado por não ter conseguido o que tanto queria, mas não pensou em desistir.

Annelise encolheu os ombros enquanto olhava-o, sentindo-se culpada pelo seu último plano. Talvez devesse ter contado a ele, pois isso faria com que ela voltasse a ser a mulher decidida que era antes de ele aparecer em Marble. Só que antes ela fingia, apenas para ele nunca sentir pena dela, pois sabia que não ficariam juntos.

Mas podia dar-se algum crédito, pois não ficara em dúvida quando se envolveu com ele. Também decidiu sozinha e rapidamente que iria morar em Southampton e depois vendeu a casa e partiu em um piscar de olhos. Construir a escola e comprometer-se com as crianças também foi uma decisão que tomou num estalo. Mas tudo se embaralhou quando precisou arriscar-se novamente. Teve certeza de que cometeria o mesmo erro. Mas as circunstâncias mudaram, ele não tinha compromisso com mais ninguém, senão com ela.

– Nada – ela respondeu.

– Nada? – Ele levantou a sobrancelha direita.

– Não precisa fazer mais nada.

– Isso é um ultimato? – Ele não sabia se ela estava lhe dizendo que não adiantava fazer mais nada, pois ela nunca ia querer nada com ele ou se era porque ela acreditava nele. Devido aos últimos acontecidos estava muito inclinado a acreditar na primeira opção.

Ela o surpreendeu e foi andando até ele, estavam separados por apenas três passos. Para total assombro dele, ela o abraçou, quase o

desequilibrando por influir na harmonia do peso dele junto ao peso das bolsas.

– Você não precisa fazer mais nada. Já fez tudo. Absolutamente tudo – ela sorriu para ele, o que pareceu iluminar um pouco suas dúvidas. – Acredito em você.

Brice franziu a testa, só que agora estava consternado.

– E o que diabos você estava fazendo se escondendo por aí?

– Estava costurando umas coisas para sua casa. Um centro de mesa decente... Você não tem toalhas, tem?

Ele nem podia acreditar nela, mas deixaria para rir disso mais tarde.

– Nossa casa. Se você acredita em mim, então ela é nossa – ele parecia esperar que ela confirmasse.

– Nós precisávamos desses itens para dar um ar de lar a nossa casa – ela se esticou e o beijou, sentindo seus lábios frios devido ao vento.

Brice deixou as bolsas e abraçou-a, aproveitando o fato de ela ter tomado a iniciativa de beijá-lo. Levantou-a com bolsa dela e tudo enquanto permaneciam se beijando, em uma demonstração de afeto público que felizmente poucas pessoas viram. Mas rapidamente seus lábios se aqueceram.

– Então venha passar o Natal em casa – ele disse, assim que a recolocou no chão.

– Sim – ela respondeu sem hesitar.

Sem perder tempo, Brice pegou as bolsas novamente e voltou em direção a casa, acompanhado de perto por ela. Ele andava rápido, seu íntimo ainda estava achando que acordaria a qualquer momento. Mas queria pelo menos passar da porta quando acontecesse.

– Ficou linda – ela disse, enquanto subiam os degraus. Devia ter dito isso antes, mas agora não esconderia mais nada.

– Ainda acha muito grande? – Ele procurou a chave nos bolsos e abriu a porta.

– Ainda quer ter pelo menos três filhos?

– Com toda certeza.

– Então está ótima!

Ele empurrou a porta e estava tudo escuro, pediu para que ela esperasse, deixou as bolsas e foi correndo iluminar o cômodo. Voltou até a porta e estendeu a mão para ela, mas a outra ele passou pelo cabelo.

– Eu não esperava que você viesse hoje, ou teria arrumado mais...
– Ele olhava-a sem jeito, mostrando que não esperava nada hoje, não se preparara, estava esse tempo todo tão focado em conseguí-la de volta que quando finalmente ela havia chegado, sua única ideia era ficar perto dela.

Ela sorriu e entrou, passou a mão no cabelo dele recolocando no lugar, reparou que ele havia o cortado. Então andou até o final da sala e parou a frente da árvore de Natal. Não estava completamente decorada, faltavam alguns enfeites.

– Eu fiz assim que me mudei – ele olhou a árvore rapidamente, depois foi acender a lareira para aquecer o cômodo.

Annelise ficou sorrindo, lembrou-se daquele Natal em que ele também lhe trouxe uma árvore de surpresa e a decorou toda. Ela deixou a bolsa cheia de costuras sobre a cadeira, ajoelhou-se e terminou de colocar os enfeites que faltavam. Depois se virou para Brice, que esteve apenas observando o que ela fazia. Agora ela sabia que iria ser feliz e não apenas por alguns dias. Finalmente era sua vez de ter o que tanto queria, de parar de almejar e passar a realizar. Essa segunda chance seria a certa. Não iam precisar de outra.

– Acho que ainda vamos ter que preparar a ceia – ela disse com um leve sorriso no rosto.

– Para mim está perfeito.

Annelise foi até ele e o abraçou, ele a recebeu em seus braços com carinho. Afinal ia ter o Natal que tanto sonhou. Era incrível como as coisas podiam mudar em menos de uma hora. Esteve sem saber para que lado ir e de repente estava de volta ao caminho que vinha trilhando. Agora ele nem podia acreditar que enquanto amargava a solidão naquela casa vazia, chegara a achar que não conseguiria.

– Quando você deixou minha casa naquela manhã, eu parei para pensar e entendi o que você queria dizer quando falou que o tempo, as dificuldades e os erros não conseguiram vencer o que você sentia – ela olhava em seus olhos, mantendo a cabeça bem deitada para trás. – Não mudou para mim também. E mesmo que houvesse mudado, depois de tudo que você aprontou nesses últimos meses, eu teria me apaixonado perdidamente. Outra vez.

Brice ficou olhando-a, levou suas mãos até seu rosto e seus dedos acariciaram sua mandíbula e queixo. Ele parecia pensar enquanto apenas devolvia o olhar dela, então depositou um beijo em seus lábios e tornou a olhá-la.

– Sabe Annelise, depois que o Natal passar, nós vamos conversar sobre esse seu súbito plano de costurar coisas. Você quase me matou de desespero. Mas não importa agora que você veio para casa.

– Mas eu não tinha presentes para você. Depois de maltratá-lo por um tempo, creio que você merecia.

Brice inclinou a cabeça e deu uma boa gargalhada, ela levantou o rosto e o olhou, sem saber de que parte ele estava achando graça.

– Mas você é o melhor presente que eu já recebi – ele beijou-a nos lábios e olhou-a, ainda com o rosto próximo ao dela. – Eu já lhe disse isso e nada mudou.

– Você também... E certamente é o presente mais teimoso do mundo – ela sorriu, escondendo o rosto contra o peito dele.

– Deus abençoe minha teimosia. Ou não a teria agora – ele fechou os olhos e abraçou-a bem apertado, recebendo o mesmo carinho de volta. Agora ela mal sabia o que a esperava. Não ia perdê-la de vista nunca mais. Não importava quantas pedradas ela ainda pudesse ameaçar de lhe dar. Era esse presente que ele merecia por não desistir.

No dia seguinte Marble City inteira sabia que o Sr. Wincross finalmente havia conquistado a professora. A frase do dia foi: Até que enfim. Para quando é o casório?

Mas agora Annelise não se importava mais. O maldito Sr. Wincross, que já não tinha mais nada de maldito, podia levar todo o crédito por conquistá-la de volta. Mal sabia ele que ela era o tipo de presente que vinha com surpresas. Era só ele esperar para ver. A cidade ainda acompanharia muitos acontecimentos na vida deles e testemunhariam o maior casamento da história de Marble. Afinal, quem ali não sabia do negócio muito suspeito do dono do banco que mal chegou e subitamente caiu de amores pela professora?

Depois de um tempo, todos ficaram sabendo que eles já se conheciam e tudo fez muito mais sentido. Um amor que venceu a separação e o tempo, superando os erros do passado e aprendendo com eles. Virou praticamente um conto de Natal no condado de Blanco, mesmo que nunca soubessem o que os dois realmente aprontaram em Nova York. Isso ficava a cargo das especulações locais.

E a história das costuras também ficou muito popular, não haveria um Natal em que Brice não se lembrasse disso e gargalhasse. Mas pelo menos dessa vez o centro de mesa ficou perfeito. Como não podia ser diferente ali, todos se meteram do início ao fim. Pelo menos só Tio Rolfe sabia que o primeiro filho do dono do banco era fruto daquela casinha de bonecas. Mas Sweet Alice gabava-se como a casamenteira que deu uma mãozinha na união. E a verdadeira celebridade foi a Sra. Douglas que ficou congelando naquela varanda para poder enxergá-los enquanto faziam as pazes naquela tarde de Natal. Mas era melhor não perguntar se ela havia escutado alguma coisa.

Depois daquele Natal, Marble City nunca mais foi a mesma. E sua fama de encantar e acolher as pessoas, principalmente aqueles sem rumo e de coração partido, espalhou-se aos quatro ventos.

Fim

Sobre a Autora

Luciana, mais conhecida como Lucy, é jornalista e mora no Rio de Janeiro com a mãe e a cachorra mais louca da vizinhança. Sua paixão pela escrita começou aos 10 anos quando permitiram que assistisse novela e, insatisfeita com o andamento, ela resolveu reescrever o que viu. Desde então nunca mais parou e escreveu todo tipo de história que lhe agradasse. Sua paixão pelos romances históricos começou aos 13 anos e é até hoje um dos seus gêneros preferidos e inclusive o que escolheu para começar a divulgar seu trabalho.

Seu próximo romance se chama Cartas do Passado, onde teremos a chance de viajar até a época medieval e conhecer o conde mais encantador do norte da Inglaterra.

Fique ligado também para saber quando a série Damas Ardilosas estará disponível!

Para falar com a autora, mande um email para: lucy.vargas@outlook.com e ela terá prazer em responder.

Não esqueça também de visitar o site oficial: www.lucyvargas.net